



# *Elas,* AUTORAS



*Elas,*  
AUTORAS

**CAIXA ECONÔMICA FEDERAL**

**Carlos Antônio Vieira Fernandes**

Presidente

**Jose Marcos de Carvalho Araujo**

Vice-Presidente de Governo

**Cristiano Boaventura de Medeiros**

Diretor Executivo Serviços de Governo

**Tiago Cordeiro de Oliveira**

Diretor Executivo Produtos de Governo

**Equipe Escola de Governo**

Kamila Luiza Pereira de Alencar

Pollyanne Silva Cortes O Fernandes

Anna Clara Cascarro Salomão

Fernanda Borges Camargo Lima F Faria

Kezya Pascally de Oliveira

Joannes Cruz Souza

**Organizadoras**

Anna Clara Cascarro Salomão

Kamila Luiza Pereira de Alencar

**Revisão de texto**

Anna Clara Cascarro Salomão

Kamila Luiza Pereira de Alencar

**Revisão geral**

Anna Clara Cascarro Salomão

Patricia Mara Sanches

**Diagramação**

Patricia Mara Sanches

Anna Clara Cascarro Salomão

**Projeto gráfico:** Patricia Mara Sanches

**Ilustrações:** Sandra Cristina Bertoni Serna Quinto

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Elas, autoras [livro eletrônico] / organização Anna Clara Cascarro Salomao , Kamila Luiza Pereira de Alencar. -- 1. ed. -- Brasília, DF : Ed. das Autoras, 2025.  
PDF

Várias autoras.  
ISBN 978-65-01-84378-0

1. Experiências - Relatos 2. Mulheres - Biografia 3. Mulheres - Histórias de vida 4. Mulheres - Identidade 5. Narrativas pessoais 6. Superação I. Salomao, Anna Clara Cascarro. II. Alencar, Kamila Luiza Pereira de.

---

25-319229.0

CDD-305.4092

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Mulheres : Histórias de vida 305.4092

Aline Grazielle Benítez - Bibliotecária - CRB-1/3129

*Elas,*  
AUTORAS

# Sumário

|                                        |    |
|----------------------------------------|----|
| Prefácio                               | 09 |
| Apresentação                           | 13 |
| A Menina da Favela                     | 19 |
| A Onça                                 | 27 |
| Delas para elas                        | 37 |
| A pausa que salvou meus rins           | 47 |
| Nas linhas de fronteira                | 53 |
| Rios                                   | 59 |
| A Caixa & Eu - Sem Limites para Sonhar | 65 |



|                                                          |            |
|----------------------------------------------------------|------------|
| De repente, mãe e bancária                               | <b>73</b>  |
| Realizando sonhos                                        | <b>79</b>  |
| Déjà Vú                                                  | <b>89</b>  |
| Papéis e papel                                           | <b>95</b>  |
| Por quê?                                                 | <b>103</b> |
| Optei por relaxar no sofá                                | <b>109</b> |
| Caminhando pela CAIXA                                    | <b>117</b> |
| Eu... 05 filhos... E a CAIXA                             | <b>123</b> |
| Entre carroças e computadores... Uma vida de luta e amor | <b>131</b> |





|                           |            |
|---------------------------|------------|
| Os tesouros do meu oceano | <b>285</b> |
| Nós somos a CAIXA         | <b>293</b> |
| Posfácio                  | <b>299</b> |





# Prefácio

## Elas, Autoras

As vozes das mulheres que trabalham na Caixa recebem um novo espaço. Espaço este construído pela forma mais genuína da alma feminina: o coletivo.

Projetos de Marias, Marielles, Sorayas, Fernandas e tantas outras autoras que aproveitam um projeto inédito — Elas, Autoras — para eternizar histórias pessoais e de outras pessoas, com o intuito de tangibilizar desafios, superações e aprendizados.

No diálogo platônico, Aristófanes narra que, no início da humanidade, existiam três tipos de seres humanos:

Masculino (filhos do Sol), Feminino (filhas da Terra) e Andrógino (filhos da Lua) — um ser completo.

Os andróginos eram seres poderosos, autossuficientes e desafiavam os deuses. Zeus, temendo sua força, os dividiu ao meio. Desde então, cada metade passou a procurar sua outra parte, na busca da originalidade perdida.

A luta das mulheres atualmente não carrega a busca pela gênese do poder androgino. É uma luta muito mais séria e menos lendária.

Particularmente, me encanto e fico pleno de admiração pelas conquistas femininas, sejam em qual campo for. Um reposicionamento social que se inicia pela conquis-

ta do espaço no trabalho. As décadas de 1950 até 1970 foram marcantes: mulheres entraram em profissões até então dominadas pelo gênero masculino — professoras, enfermeiras, advogadas, médicas, jornalistas e bancárias.

Sobre as bancárias, tenho um olhar especial. Minha convivência com elas iniciou-se em 1976, no Banco do Brasil. Eram Eulálias, Elianes, Margareths, Marias que conquistavam seus espaços num ambiente masculino e, muitas vezes, misógino.

Dez anos antes, em 1968, durante um concurso Miss America, em Atlantic City (EUA), um grupo de feministas do movimento Women's Liberation protestou contra o concurso, que viam como símbolo da objetificação e da mercantilização do corpo feminino.

Destarte, de conquista em conquista — e a duras penas e lutas, muitas vezes contra retrocessos sempre possíveis de ocorrer — as mulheres vão dizendo: “Não é não.”

O movimento é uma forma de expressão contemporânea muito forte, por meio da qual o feminismo e a luta contra a violência se afirmam. O direito da mulher ao consentimento e à integridade física e emocional é fato.

Então, sim. As mulheres podem ser o que quiserem — inclusive escritoras e autoras!

Me sensibilizou o convite para prefaciar a presente obra. Filho de uma mulher acima do seu tempo e irmão de sete mulheres, acompanhei a trajetória pelo espaço feminino dentro do meu próprio lar.

Fica uma imensa gratidão às escritoras e aos organizadores desta obra pelo convite. Não me sinto um intruso, mas um homem que procura aprender com as mulheres, fazendo das rotinas de vida e de trabalho um caminho para a compreensão e a compaixão — espíritos tão presentes no gênero feminino.

Não desistam de seus sonhos e saboreiem suas conquistas — em todas as formas possíveis, inclusive pelo legado deixado nos escritos deste livro.

Mas a luta pelo espaço justo das mulheres ainda não terminou. A batalha continua. São conquistas diárias, tal qual as mulheres de Atenas — não as atenienses da época de Sócrates, Platão ou Péricles, mas semelhantes às atenienses da música de Chico Buarque, que de forma metafórica resgata, em forma de crítica mordaz, a submissão feminina. Uma denúncia disfarçada de canto clássico, uma poesia à resistência em tempos de censura.

Reafirmem: “Não é não”, mas sim a cultura e a criação do projeto Elas, Autoras.

Fraterno abraço,

Carlos Vieira



# Apresentação

Alguns gestos humanos resistem ao tempo. Escrever é um deles. A escrita é mais do que um registro — é uma forma de permanecer. Ela atravessa o tempo, ressignifica a memória e dá corpo ao que, de outro modo, se perderia entre o vivido e o esquecido.

O Projeto *Elas, Autoras* nasceu desse lugar de travesia: entre o sentir e o dizer, entre o trabalho e a vida, entre o que somos e o que deixamos de ser ao longo do caminho.

Quando fui convidada a desenhar as ações do Mês das Mulheres da Vice-Presidência de Governo da CAIXA, eu vivia também um processo de transição — de carreira, de propósito, de reencontro comigo mesma. E, como em toda mudança, havia o desejo de dar sentido às experiências, de construir algo que tocasse as pessoas para além da rotina e das metas.

A ideia surgiu de forma quase intuitiva: reunir mulheres para escrever. Não apenas sobre o trabalho, mas sobre o que pulsa dentro dele — as histórias, os afetos, as pequenas epifanias, as dores e conquistas que formam a nossa identidade.

Afinal, cada uma de nós carrega dentro de si uma narrativa em andamento. A escrita, como lembra a filósofa Hannah Arendt, é uma maneira de “dizer o mundo”. Uma maneira de transformar o vivido em experiência

compartilhada. Foi a partir dessa compreensão que nasceu o *Elas, Autoras* — um espaço simbólico de expressão, memória e pertencimento.

A escrita sempre foi a minha forma expressar ao mundo o que eu sentia. Das cartas aos meus primeiros amores à cartografia dos sentimentos vividos em uma dissertação de mestrado pesquisando a educação financeira de mulheres. Desde muito cedo, encontrei nas palavras o abrigo que me faltava nas incertezas da expressão. Escrever era — e ainda é — o meu modo falar ao mundo e de me entender nele. Por isso, conceber um projeto literário dentro de um ambiente institucional foi mais do que um desafio: foi uma forma de reafirmar que a sensibilidade também é um lugar legítimo de produção e que o afeto também é uma tecnologia de transformação.

E foi então, no meio desse processo de construção, que uma lembrança me atravessou: dizem que, na vida, devemos escrever um livro, plantar uma árvore e ter um filho. Pensei em como essa frase — tão repetida, quase um provérbio — fala sobre legado.

Escrever um livro é devolver ao mundo um pouco de quem somos e quem lê acolhe o pensamento do outro e se deixar transformar. Plantar uma árvore é confiar no tempo e na continuidade. Ter um filho é perpetuar o amor, é a tradução mais profunda da esperança.

O *Elas, Autoras* é, de alguma forma, a soma de tudo isso.

Um livro coletivo, plantado com afeto, que carrega o

olhar de 40 mulheres que escolheram narrar suas trajetórias dentro da CAIXA — uma instituição que, ao longo dos anos, foi e também é casa, espelho e chão.

Cada texto aqui é uma semente lançada à terra fértil da memória.

São histórias que falam sobre pertencimento, coragem, fé, recomeços, perdas e alegrias. Histórias que mostram que há humanidade por trás das planilhas, dos projetos, dos contratos e das metas.

Assim como em um bordado coletivo, as autoras tecem com palavras o que muitas vezes é invisível: o gesto de escuta, o abraço silencioso, o orgulho de fazer parte de algo maior.

Talvez este livro seja isso: uma grande transmissão de experiências, emoções e saberes.

Cada relato aqui é um pedaço de quem somos.

E se o tempo, como ensina Clarice Lispector, “é um tecido que se desfaz”, este livro é o fio que segura algumas dessas tramas.

Um lembrete de que as histórias importam — sobretudo as que nascem da vida real, de dentro dos corredores, das agências, das cidades e dos corações que fazem esta Instituição existir.

Pois bem, escrever é um ato de coragem e de entrega, e ao reunir tantas vozes em uma só obra, este projeto se torna mais do que uma publicação: torna-se um manifesto de permanência.

Porque cada mulher que escreve, escreve também para

aquelas que vieram antes — e para as que virão depois.

Que este livro toque quem o lê com a mesma emoção  
com que foi escrito.

E que cada página lembre que a palavra é um gesto de  
transformação e de fé para muitas mulheres — e que é  
através dela que seguimos plantando, lendo, gerando e  
reinventando o mundo.

Com carinho,

Anna Clara





# A Menina da Favela

*Merielle Alves dos Santos*

Poderia começar escrevendo este texto contando os problemas enfrentados durante toda a vida em uma comunidade da Ilha do Governador, no Rio de Janeiro, mas prefiro começar contando minha história a partir do dia em que tudo mudou.

Era uma tarde comum, quando eu esperava meu telegrama na janela de casa. Foram nove meses entre um telegrama e outro, e eu sabia que minha hora estava chegando. Antes mesmo de chamarem meu nome, eu falei: “Merielle!?” — e desci as escadas correndo, para alcançar o telegrama que mudaria minha vida. Sabia que, naquele momento, um leque de oportunidades se abriria.

Minha mãe dormia no sofá quando voltei, feliz e ainda incrédula. Ela abriu os olhos e me ouviu dizer: “Chegou, mãe!” — e, como num sussurro, disse: “Graças a Deus!”

Era o início da mudança de vida de uma menina cheia de sonhos que, entre becos e vielas, tiros e falta de oportunidades, viu na educação o caminho para conquistar coisas além daquilo que lhe era socialmente destinado. Sim, porque, desde que esse telegrama chegou, o mundo se abriu além dos sonhos sonhados até então — além daquilo que almejou, muito além do que jurava ser possível. Para quem só queria não precisar chegar em casa e subir o morro cansada, esse telegrama foi um portal para um mundo muito melhor e maior!

Essa menina sou eu! Hoje, uma mulher de 41 anos, funcionária da Caixa, que, desde aquela tarde, há 16 anos, viu como a Caixa é poderosa e transformadora. E como aquela menina, mesmo sem ter noção, era forte e determinada!

Meus pais e avós sempre me proporcionaram educação e cultura acima do que se esperava de uma menina favelada: eu estudava em escola particular, fazia teatro e jazz.

Apesar de mestiça — bisneta de indígena, italianos e portugueses —, a cor branca da minha pele me afastava da realidade das comunidades carentes do Rio de Janeiro, e muitas pessoas não acreditavam quando eu dizia onde morava: “Impossível morar em comunidade, você fala super bem, sem gírias.” Mas, independentemente disso, serei sempre a criança que desviava de

balas e corpos para chegar à escola, enfrentando tantos outros problemas que poderiam ter impedido a realização dos meus sonhos.

Naquela tarde, enquanto minha mãe dormia no sofá, lembrei de todas as vezes que a vi acordando de madrugada para fazer seus bolos e salgados, que meu pai vendia no trabalho. Uma mulher forte, que me ensinou que somente com muita garra e força de vontade eu poderia conquistar meus sonhos.

Hoje, agradeço a força da minha mãe, seu olhar visãoário. Agradeço por acreditar em mim como mulher forte e capaz de trilhar um caminho bonito. Ela sabia que eu era capaz!

Desde muito criança, minha mãe me inscrevia em concursos de redação. Depois, fui incentivada a prestar concursos públicos, mesmo sem saber onde queria — ou poderia — chegar...

Cheguei à Caixa. E, por conta da minha história, cheguei ao Programa Mulheres de Favela, onde a VIGOV teve grande participação para que fosse um sucesso.

Lembro da sensação de receber o convite para participar. Eu me vi criança, subindo e descendo o morro, brincando embaixo da mangueira da casa dos meus avós, dançando no quintal, alheia a todos os problemas que me cercavam.

Lembro do dia em que subi o Complexo do Alemão para participar do lançamento do Programa, de me sentir pertencente àquele lugar que tanto é assustador para outras pessoas. Mas eu vim dali: das vielas de uma co-

munidade, das ruas por onde não passavam carros, do toque de recolher, das dificuldades de sair de casa em dias de chuva, do preconceito, da violência tantas vezes paralisante.

Andava pelas ruas do Alemão matando a saudade das ruas da comunidade que me viu crescer. Açaí e salgados com refrescos por R\$ 4,90, com gosto de infância. Uma enxurrada de lembranças que só me aproximaram ainda mais do Programa Mulheres de Favela — um orgulho sem tamanho e com muita dedicação.

O Programa Mulheres de Favela foi uma das ações mais bonitas de que participei na Caixa. As mulheres são braços fortes que sustentam suas comunidades e injetam mão de obra no país inteiro, mesmo que na informalidade ou culturalmente sem receber a importância que merecem.

Mulheres de Favela veio promovendo um impacto social significativo, dando espaço às mulheres de comunidades do Brasil, incentivando o empreendedorismo e a geração de renda por meio de cursos e oficinas oferecidos a essas mulheres.

Era uma via de oportunidades para que mulheres, muitas vezes esquecidas, pudessem exercer uma profissão, descobrir talentos e participar de oficinas que as empoderavam — tudo isso enquanto seus filhos também eram acolhidos com atividades como natação e dança.

*“Mulheres de Favela foi justamente isso: voz, potência, oportunidade para mulheres de diversas comunidades pelo Brasil afora, confirmando o papel social que a Caixa tem na vida dos brasileiros”*

*Elas Autoras*

Contando assim, parece tudo simples, mas muitas delas nunca tiveram oportunidade de serem vistas como potência. Mulheres de Favela foi justamente isso: voz, potência, oportunidade para mulheres de diversas comunidades pelo Brasil afora, confirmando o papel social que a Caixa tem na vida dos brasileiros.

E eu estava lá. Enquanto lembrava da minha trajetória, ajudava outras mulheres a construírem a sua.





**Merielle Alves dos Santos**

Natural do Rio de Janeiro - RJ  
Colaboradora Caixa desde 06 de  
abril de 2009



# A Onça

*Luciana de Carvalho Gomes*

Verão de 2013...fazia quatro dias que não se via uma nuvem no céu, e a estrada andava agarrada a um mormaço sem trégua. Diante do nosso para-brisas, o chão e a paisagem secos tremulavam numa lonjura sem fim. Pelo retrovisor, só se via uma poeira densa que escondia tudo, até o mar deixado a setecentos quilômetros dali. Todo mês era assim: durante uma semana, cruzávamos o sertão do Araripe vistoriando obras. Naquela manhã, acordamos mais cedo para visitar três açudes, eram bastante distantes e pretendíamos concluir antes de escurecer. Mal o sol despontou, chegamos à prefeitura para buscar a pessoa que nos acompanharia nas visitas. Soubemos, então, que, além de uma funcionária municipal, levaríamos um guia local. O caminho era

emaranhado e não convinha arriscar. Sugerí começarmos pela mais distante -houve concordância- e, então, perguntei: “Quanto tempo leva?” O guia, um inquieto e despachado, disse logo: “É ligeirinho.” Agradeci e pensei que o tempo sertanejo é o tempo de verdade, e não aquele sem paciência da cidade grande. A pressa é mais mansa, no ritmo do viver. Acomodei uma almofada nas costas; a viagem poderia ser longa.

Cidade miúda, logo o asfalto virou terra, e a caatinga foi surgindo imponente na sua dureza. Uma barriguda com folhas tardias, palmas, e nada mais verde se via. O guia ia dando suas palavras: “À esquerda, naquelas macam-biras, segue em frente toda vida, arrodeia o juazeiro, imbica na direção dos facheiros, logo mais se avista a morada de seu Ramiro, avizinhada com o açude.” O motorista obedecia com destreza, mas nada de sinal de um teto. “Eita, moço, passou. Vá, mire pra direita; depois de atravessar o Caldeirão, não tem erro...” E nada. Rodamos cinco, dez léguas sem topar com casa de morador. Depois de mais de duas horas naquele labirinto, sol já alto, o guia admitiu: “Estamos perdidos.” Não lembro quem, no intuito de ajudar, perguntou: “Mas, afinal, onde vai dar essa estrada?” O guia sabiamente respondeu: “Ora, vai dar em todo lugar.” A nossa mudez risonha reconhecia: ele estava certo. Não se dando por vencido, o guia emendou logo uma solução: “Se acharmos Zé de Arminda, tá resolvido! Ele conhece essa região melhor que eu.” O motorista lançou um olhar entre incrédulo e invocado. Estávamos nessa contenda quando avistamos um vaqueiro galopando baixo no meio da vegetação. Acenamos todos. Ele se aproximou

e apeou, nos saudando. Contou que tinha pressa, ia longe, para as bandas de Poço D'antas, mas, se pudesse, teria gosto em ajudar. O guia trocou duas ou três palavras com ele e voltou sorrindo, decidido: já sabia para onde ir.

Menos de meia hora depois, o terreno começou a descer, e, de longe, avistamos o pé do chapadão e a represa do açude encaixada no vale. Logo passamos ao lado da casa do tal Ramiro, que buscávamos desde cedo. O vento trouxe o cheiro do feijão cozido à lenha, e uma senhora de lenço na cabeça acenou da janela. Não deu quinhentos metros, paramos ao lado de uma porteira. Dali, só ia a pé. Descemos todos do carro, menos a funcionária da prefeitura. Perguntei se ela não ia conosco, a caminhada era pouca, segundo nosso guia. Ela prontamente respondeu: “Desço nada, aqui tem onça.”

Nos entreolhamos desconfiados. O motorista, um homem forte de quase um metro e noventa, foi o primeiro a agir: deu dois passos para trás e avançou na maçaneta do carro. O colega que me acompanhava interpelou o guia se era verdade. Ele baixou os olhos, tirou o chapéu, coçou a cabeça e disse: “Dizem, né?”... e emendou depressa: “Mas eu nunca vi.” Pensei, nesse momento, se minha diária de trabalho incluía seguro de vida, se deveria deixar um bilhete para a família ou simplesmente me aferrar na ideia de que, com tamanha crise climática, nem onça suportaria aquele calor. Dizem que, quando a razão não resolve, deve-se seguir os instintos. Pois meu estômago, roncando desde o cheiro do feijão, decidiu que eu deveria arriscar e resolver logo o assunto.

Falei para o motorista — a essa altura já sentado na direção — que ele não precisava ir, poderia ficar no carro com a funcionária. Caminhamos em fila, um atrás do outro. O motorista não suportou a curiosidade e vinha resguardado, descendo devagarinho a certa distância. A funcionária ficou de pé, no carro, apoiada na porta entreaberta e espichando o olhar na nossa direção. Descendo uma pequena ribanceira, demos de frente com a represa de pedras e o açude, quase seco, esperando chuva. Eu e meu colega iniciamos a vistoria. Desci para ver o pé da barragem, tirei fotos, subi até a crista. Lá do alto, podia-se admirar o que logo seria um mundão de água arrodeado de feijão, milho, mandioca, jerimum, melancia e, quem sabe, cabra, ovelha e galinha. Estava nessa distração prazerosa quando avistei um vulto no meio do infinito seco. Achei estranho, me detive, levei a mão à testa feito toldo e apertei os olhos. Mesmo encandeada, percebi que o perfil embaçado não se encontrava parado; ao contrário, ia se agigantando à medida que se movimentava. Logo não tive dúvida: vinha em nossa direção!

*“Achei estranho, me detive, levei a mão à testa feito toldo e apertei os olhos. Mesmo encandeada, percebi que o perfil embaçado não se encontrava parado; ao contrário, ia se agigantando à medida que se movimentava. Logo não tive dúvida: vinha em nossa direção”*

Uma silhueta magra e levemente curvada despontava no meio do cenário árido e poeirento, sabe-se lá vindo de onde, já que, além da vegetação, não víamos o menor sinal de existência para além do açude. Caminhava lentamente. A princípio, só se notava a silhueta. Acerrou-se mais e, então, divisei suas roupas. Vestia um casaco camuflado -mais pelo pó que o cobria que pelos padrões de verde que carregava-, usava bermudas, pois as canelas apareciam muito finas arrematadas por velhas botas que pisavam firmes na terra, um chapéu de palha de abas largas lhe protegia a cabeça. Já muito próximo, foi que avistei a longa barba, o rosto marcado e o facão que carregava na cintura. Tirou o chapéu, deu bons dias com uma voz mansa e se apresentou. O chamavam velho Salustiano, conforme nosso guia, vivia ali sozinho, ninguém sabe desde quando. Confesso que, de pronto, me vi encantada por aquela figura que parecia ter saído das páginas de um livro.

Não sei se mais pela curiosidade ou pela prudência, perguntei: “Seu Salustiano, é verdade que aqui tem onça?” Para minha surpresa, ele me deu as costas, em silêncio buscou sombra e sentou-se no galho baixo de um umbuzeiro. Calmamente, sacou papel e fumo do bolso da jaqueta, enrolou cerimoniosamente seu cigarro, acendeu e deu um trago. Naquele entretempo mudo, minha imaginação galopava. Me sentia a meio caminho de Grande Sertão: Veredas e do Auto da Comadecida. Já queria bem ao velho, já queria a existência da onça e, se ambos permitissem, já ofereceria amizade para sempre. Seu Salustiano me mirava com a cabeça enviesada, espremendo o olho canhoto como se espiasse

fundo meu pensamento. Sentei em uma pedra para esperar melhor. Ele, então, anunciou: “Compadre meu já cruzou com ela por essas bandas não faz muito, mas sossegue que hoje ela não pisa mais aqui.” Fiquei calada, entre perplexa e desconfiada, matutando se aquela notícia era fantástica, fantasiosa ou ambas. Ele percebeu minha hesitação e completou: “A senhora não duvide. Tá vendo aquela beirinha do açude, onde o mato se deita? É ali que ela se desfaz da sede, antes de o sol clarear o chão. Capaz que deixou rastro. Se veio, foi-se. Já passou. Tem perigo não.”

Ainda refletia se era apropriado respirar aliviada, quando ecoou um grito esganiçado. Olhamos todos na direção do barulho. No alto da ribanceira, de pé, bastante empertigada, a funcionária havia esgoelado algo que não compreendemos. Carregava, na mão esquerda, um pau, a jeito de cajado, enquanto a direita balançava o dedo indicador em riste. Mais parecia uma anunciação. Naquele instante, ainda não sabíamos que, passado um tempo sem nos ver, a funcionária ponderara entre ficar sozinha no carro e comprovar sua razão. Avaliou os riscos e, sabiamente, concluiu que, àquela altura, se havia onça, já estaria satisfeita. Em todo caso, se armou de um galho comprido de aroeira e, só então, desceu. Estava pela metade da ribanceira quando ouviu — ninguém sabe como, a uma distância daquela — a história que o velho Salustiano me contava. Foi então que gritou, e a vimos. Enfim, estava a funcionária lá no alto da ribanceira, e nós, lá embaixo, nos perguntando se alguém havia decifrado o que ela tentou nos dizer. Neste entre-mesmo, adivinhando nossa incompreensão, ela largou o

*Elas Autoras*

galho no chão, ajustou as mãos em concha arrodeando a boca, inclinou o corpo para trás, a modo de agarrar mais fôlego, e repetiu a plenos pulmões:

— Eu num diiiiiisse?!





**Luciana de Carvalho Gomes**

Natural de Recife - PE  
Colaboradora Caixa desde 14 de  
junho de 2010



# Delas para elas

*Erica Nakahashi e colegas*

Esse é um texto de homenagem, construído em conjunto pelas mulheres da GIGOV Campinas/ SP para as mulheres de verdade, de carne e osso, que não são Cindelelas nem Belas Adormecidas à espera de seus príncipes encantados. Mulheres que batalham, que sofrem, que choram, que riem alto e baixinho, que são mães, esposas, arrimos de família, engenheiras, arquitetas, operacionais, coordenadoras, gerentes, copeiras, guardas, recepcionistas. Mas, especialmente, àquelas que passaram por nós, como diria Antoine de Saint-Exupéry na frase famosa do Pequeno Príncipe: “Aqueles que passam por nós não vão sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.”

Elas passaram por nós e nos deixaram um pouco de si...

E o dia começou atribulado... Noite mal dormida, Rafael acordou de madrugada com dificuldade para dormir. Será que foi o doce que inventou comer à noite que o deixou agitado? Preciso cuidar melhor da Stella. Ela foi dormir tarde, tem prova no dia seguinte, parece meio estressada. Entre uma criança e uma adolescente, meio cambaleante e precisando de um café, pensei duas vezes e decidi não ir à academia — não ia dar tempo. Mesmo com o Gympass, ir à academia pode ser uma loteria. Depois da separação, com os filhos e responsabilidades aumentadas, a vida ficou mais corrida...

Tomando o café, pensei na Michelle, na sua força e coragem de enfrentar o câncer. Parece que foi outro dia que ela veio à GIGOV com a cabeça raspada, assumindo sua personalidade: linda, vibrante, com a risada que só ela sabia dar. Tirou fotos com os “carecas” da unidade. Não consigo esquecer seu sorriso, sua alegria pungente, sua risada contagiatante.

A rotina, às vezes, é capaz de nos distanciar das coisas que de fato importam. Todos vivemos nesta batalha do dia a dia. Ainda bem que temos a oportunidade de encontrar seres iluminados — alguns mais que outros — que nos permitem elevar a alma a Deus, ter esperança! A Michelle foi uma dessas pessoas. Me fez pensar que todos nós devemos buscar ser melhores, abrindo-nos à

“Mulheres que batam, que sofram, que choram, que riem alto e baixinho, que são mães, esposas, arrimos de família, engenheiras, arquitetas, operacionais, coordenadoras, gerentes, copeiras, guardas, recepcionistas”

ação do Espírito vivificante no enfrentamento deste mesmo cotidiano, ao invés de vagarmos pelos dias de nossa existência como *“walking deads”*.

Flutuarmos sobre a realidade, levando algo de divino que possa brilhar ao nosso redor e consolar as aflições humanas de alguma maneira. Enfim, meu lado feminino floresceu novamente, lembrando-me de que sou responsável pela beleza que levo no rosto, através do meu sorriso, e pelo cuidado maternal que posso depositar em cada pequena ação cotidiana.

Convivi muito com ela. Tantos momentos de partilha de vida e de expectativas. Tantas verdades reveladas mutuamente em pequenos intervalos de trabalho, que certamente moldaram meus pensamentos sem que eu percebesse. Uma terapia através da sororidade. E mais: ela era somente ela mesma, sem pretensão alguma. Verdadeira, cheia de vida, transbordante. Michelle fazia a diferença onde quer que estivesse. Mulher de ideias inovadoras, disruptivas, empreendedoras. Inovando procedimentos para fazer o bom ficar ótimo, de forma magistral. Sempre criativa, porque tudo pode melhorar. Mulher de visão.

Inconformada com a realidade, trazia-nos, além das massagens e das comidinhas, um fazer mão na massa. Moldava-nos com seus talentos. Foi inesquecível o evento “Descobrindo Talentos”: massagens terapêuticas de Michelle nos ombros tensos de todos os participantes. O que ela dispensou: a si e o seu tão grande amor em pequenos gestos concretos. Uma lembrança revigorante à sombra da existência da Michelle. E seu

lado cômico... Não me esqueço do dia em que entrou em uma caixa enorme e saiu dela fazendo graça. Ah, Michelle, você era demais...

Nos meus devaneios, o tempo voou. Hora de sair correndo, deixar a criançada na escola. Quem sabe dê tempo de passar na padaria e pegar um bolinho para levar à unidade. Afinal, toda hora é um bom momento para comemorar, celebrar as conquistas de contratação dos “FNDEs”.

Ver os colegas unidos como crianças felizes ao redor da mesa de um bolo — quinze minutos de intervalo que acabam adoçando a tarde.

Esses dias têm sido tão corridos e cheios de pressão para contratar que me lembro da Bete. Precisávamos do “espanta capiroto” para dar uma aliviada na tensão do ar. Ah, Queen Elizabeth, como você faz falta... Você era a dama da unidade: elegante de corpo e alma, capaz de levar equilíbrio e calma com firmeza, sem perder o bom humor e a alegria.

Bete, com certeza, via muito mais do que imaginávamos. Como uma rainha em seu trono, possuidora de uma sensibilidade ímpar, conseguia “farejar” o ambiente e agia docemente, sem temer os egos, com sabedoria, sinalizando a necessidade de elevarmos o humor. Ela tinha sua aromaterapia de amor, afinal, a batalha que estávamos travando não era contra nós, mas contra as realidades objetivas: prazos, valores, metas. E ela tinha a leveza necessária. Um RH humanizado, cuidou de nós em nossos piores momentos — discretamente.

Acolhia nossos choros, nossos problemas, respeitava nosso momento, sem “por lenha na fogueira”. Amenizava todo tipo de atrito. E trazia esperança, paz, oportunidade.

Na sua mesa, sempre havia uma cadeira “para visitas” — e eram muitas! Sempre que algo me chateava ou não parecia ser o mais correto a se fazer, eu ia buscar sua opinião. Bete conseguia nos ajudar a enxergar a situação, tirando os excessos, as fúrias e as paixões do momento.

A gargalhada solta e espontânea, diante de tudo que estava dando errado, me curava até mais do que suas palavras ponderadas.

Sigo neste dia de trabalho vendo minhas colegas e amigas, tão sensíveis, frágeis em sua natureza e, bem por isso, tão valentes por estarem firmes em suas jornadas — ora muito solitárias, mas sempre com garra e amor, pelos filhos, pelos seus, por ideais... Por serem elas mesmas...

Alegria — o dicionário Oxford define como estado de viva satisfação, de vivo contentamento; regozijo, júbilo. Eu definiria como ser Melissa: doce, terna, meiga, gentil. Dava para sentir a satisfação e dedicação com que ela fazia cada detalhe. Poderia ser uma análise de engenharia ou um presente do “CLRE” — ela era capaz de se doar de corpo e alma. Era o tipo de pessoa que transformava o ordinário em extraordinário. A Covid a levou, junto com tantas outras pessoas...

Melissa sabia ouvir. A educação, a fineza, o bom gosto,

a delicadeza eram suas marcas.

O jeito doce enganava quem pensava que ela era sempre um poço de tranquilidade ou fácil de dobrar. De vez em quando, ficava bem irritada com algo que acreditava estar errado — e eu tinha que me conter para não rir, porque até furiosa ela era delicada na escolha das palavras e com voz meiga.

Ela também era estudiosa e determinada. Sempre sabia muito bem do que estava falando.

Buscava a explicação para tudo. Não aceitava um “tem que ser feito assim e pronto”. Não se esquivava dos desafios, ainda que estivesse morrendo de medo.

Muitos se lembram que, mesmo na doença, seu semblante permaneceu esperançoso e sereno.

Era grave... Ela sabia. Mas agiu como sempre: sem perder o equilíbrio. E nos marcou profundamente, pois muitas vezes esquecemos que estamos sujeitos a deixar esta vida sem aviso prévio. Viveu sempre preparada, não tenho dúvidas. Não me lembro de nenhum momento que desabonasse essa elevação!

Com certeza, em nosso pequeno julgamento, imaginamos que os momentos compartilhados foram insuficientes. Esquecemo-nos de nossa finitude. Temos lembranças e um gostinho de saudades eternas — um vazio. Como se nossa alma ainda pudesse alcançar a alma dessas queridas com uma conversa e um convívio que a matéria impede que ocorra de fato. Mas não sabemos... talvez haja um encontro real num mundo ainda desconhecido por nós, pobres mortais.

Pego-me tendo diálogos com Michelle. Minha imaginação voa para trazê-la para perto de mim, vivendo este presente, inundando-me com sua perspicácia e sabedoria. Melissa me inunda com sua doçura, acolhendo a todos — os mais diversos tipos de pessoas, as mais duras almas — às quais sua grandiosidade não fazia acepção. Elizabeth me “quebra” com toda a sua dedicação e seu perfume, sua própria presença.

Mulheres exemplares por aquilo que foram — e muito mais pelo que compartilharam — do que pelos bens e conquistas que possam, porventura, ter acumulado em suas curtas existências. Pelas riquezas imateriais que deixaram. Sem reservas para ser e agir como si mesmas, com todas as suas potências. Doaram-se. Todos recebemos.

Eu acho que deveriam instalar o Teams lá onde elas estão. Tem tanta coisa que eu gostaria de poder perguntar a opinião!





**Erica Nakahashi**

Natural de Campinas - SP  
Colaboradora Caixa desde 04 de  
maio de 2009

*\* O presente texto foi escrito de forma  
colaborativa por Erica e pelas colegas da  
GIGOV Campinas: Vivian Rondon Ma-  
rins, Maria Stella Narbot Ermelice, Giulia-  
na Setina Bachiega, Helen Rodrigues  
Vieira, Helena Bittencourt Pfaffenbach,  
Karina de Paula, Patricia Olga Camargo,  
Raquel Angarten Tivelli, Raquel de Paula  
da Silva Seo, Susana Hatsue Shishido,  
Tanecy Torres da Silva e Tatiana Borsari*



# A pausa que salvou meus rins

*Adriana Silveira*

Início de 2022. O ano começava, e eu mal imaginava que estava prestes a escrever um novo capítulo da minha vida — com uma caneta chamada superação.

As dores começaram discretas, passeando pelo meu corpo como quem não quer nada, mas deixavam um incômodo difícil de ignorar. Resolvi dar ouvidos ao meu corpo e marquei uma consulta com a nutricionista. Sempre acreditei que muita coisa do que sentimos vem do que comemos. E, olha... não é que eu estava certa?

Ela pediu uma bateria de exames — daquelas que assustam só de olhar. E foi aí que tudo começou a virar do avesso: a creatinina estava nas alturas. Eu nem sabia direito o que era aquilo, mas algo me dizia que não era bom sinal. Repeti o exame, achando que tinha dado erro. Mas não. O resultado continuava gritando.

A nutricionista me encaminhou para um urologista. O urologista disse: “Esse caso é para a nefrologia”. Marquei a consulta, mas ela ainda ia demorar. No meio do caminho, fiz um ultrassom e ouvi: “Se eu fosse você, ia direto para o pronto atendimento”. E eu fui.

Cinco dias de internação. Mil exames. Nenhuma resposta. A creatinina começou a baixar, e me deram alta. No dia seguinte, novo exame. E, para minha surpresa (e desespero), ela tinha subido ainda mais. Fui internada novamente, agora com um nome para o que estava acontecendo: glomerulonefrite. Os glomérulos dos meus rins estavam sendo destruídos.

A palavra “pulsoterapia” entrou no meu vocabulário. Doses cavalares de corticoide. Saí do hospital cinco dias depois com seis quilos a mais. Mas, enfim, tinham descoberto. E eu estava viva.

Veio a consulta com o nefrologista. Mais exames. E a temida biópsia. Mesmo com anestesia, foi dolorida. Vinte dias depois, o diagnóstico final: vasculite, uma doença autoimune que decidiu que meus rins eram inimigos. Eles estavam funcionando com pouco mais de 20%. Quimioterapia, urgente. Sem tempo para hesitar. Tinha que fazer? Bora fazer.

A oncologista me tranquilizou. E eu fui. Seis sessões, uma a cada quinze dias. Ia e voltava dirigindo. Mas, por dentro, a coisa pesava. A quimioterapia é um veneno que, além de mexer com o corpo, balança a alma. Durante todo o tratamento, continuei trabalhando. Achei que me afastar seria mais estressante do que seguir. Estábamos em plena pandemia. Me colocaram numa

sala separada para minha proteção.

Depois da quimioterapia, ainda veio o corticoide. In- chava tanto que, um dia, ao tirar a máscara no almoço,

uma colega se assustou. Passei a gostar da máscara. Era um escudo entre mim e os olhares alheios.

*“E, se tem algo que aprendi com tudo isso, é que, às vezes, quando a vida nos obriga a parar, ela está nos oferecendo a chance de recomeçar. À força, sim. Mas com propósito”*

Mas o tempo passou. A pandemia foi cedendo. O corticoide foi diminuindo. E eu fui voltando. Não só ao que eu era, mas a uma versão nova de mim mesma.

Hoje, meus rins funcionam a 80%. No ano passado, meu nefrologista me contou que essa

doença poderia ter me matado em três meses. Três Meses! Silenciosa e letal. Mas eu fui mais teimosa que ela.

Tive que mudar minha alimentação — cortei glúten, leite e derivados. Tomo imunossupressor porque minha imunidade, ironicamente, é alta demais. Vivo com herpes, mas sigo. A doença me obrigou a olhar para dentro. A reavaliar. A valorizar.

Sou mais grata. Mais paciente. No trabalho, sou outra pessoa. Mais colaborativa, mais empática. Ainda longe do ideal, mas muito melhor do que antes. E, olha que bonito: hoje os lanches na minha unidade são mais saudáveis. Tem bolo sem glúten, salada de frutas... e tem afeto. Porque, quando a gente muda por dentro, o mun-

do ao redor muda junto.

E, se tem algo que aprendi com tudo isso, é que, às vezes, quando a vida nos obriga a parar, ela está nos oferecendo a chance de recomeçar. À força, sim. Mas com propósito. Aprendi que o corpo fala — e que o silêncio dele pode custar caro. Que pedir ajuda é sinal de força, não de fraqueza. E que os verdadeiros milagres acontecem nas pequenas atitudes: no cuidado com o outro, na paciência renovada, na escuta atenta, no amor que a gente escolhe cultivar.

Sobreviver foi só o começo. O mais bonito mesmo foi ter aprendido a viver.



**Adriana Mara da Silveira**

Natural de Uberlândia - MG  
Colaboradora Caixa desde 08 de  
janeiro de 2001



# Nas linhas de fronteira

*Alessandra Oliveira dos Santos*

Escrevo enquanto ouço no rádio a música "Maria, Maria", de Milton Nascimento e, se parece que isso não tem relação com a CAIXA, é porque você ainda não olhou fundo nos rastros de esperança deixados por essa instituição ou não capturou a "estranya mania de ter fé na vida".

Talvez, então, eu possa te dar pistas... Era um banco que eu não frequentava. Afinal, quem gosta de entrar em banco? Lugares frios, de números, senhas e papéis.

E, porque a vida é essa pregadora de peças, teceladora de histórias, passaram-se 20 anos nessa jornada de transformação, cidadania e quebra de paradigmas, aqui, do lado de dentro. E todo o antes e todo o depois.

A gente não relaciona a palavra "cidadania" com "banco", mas a CAIXA ressignifica essa teoria, porque descobrimos, nas trocas diárias, a força que essa marca carrega — silenciosa, como as mãos que a constroem.

Como um rio perene que não conhece estiagem, a CAIXA segue seu curso ininterrupto, de janeiro a janeiro. Estamos lá nas celebrações de assinaturas de contratos habitacionais, no apoio aos esportes e atletas, mas também, e principalmente, nas calamidades públicas, na pandemia, no desemprego, nos saques especiais do FGTS, no desenvolvimento urbano do país, na acessibilidade.

A CAIXA está nos bastidores, como um fio invisível, costurando o tecido social. Daqui de dentro, vemos as fronteiras entre Estados e Pessoas tornarem-se tênuas, nesta instituição que nasceu em 1861 para ser o cofre seguro das classes menos favorecidas. Um sonho de Dom Pedro II que atravessou o tempo. Tornei-me cidadã quando aprendi quais documentos podem ser usados para abertura de conta poupança ou corrente por aqueles que nunca tiveram um nome em papel timbrado.

Vi cidadania quando paguei o FGTS para dezenas de pessoas usarem no tratamento do câncer — olhos marejados que me ensinaram mais sobre economia do que qualquer manual.

Celebrei quando assinei contratos de habitação junto aos clientes, testemunhando o momento em que um endereço deixa de ser sonho e vira chave na mão, porta

que se abre, lar.

Trabalhei em uma Gerência de Desenvolvimento Urbano, participando da construção de hospitais, urbaniza-

*“nessa instituição de dimensões continentais, a qualquer tempo, quando o país precisar e onde o povo estiver, nos encontraremos nas linhas de fronteira — aquelas que separam o sonho da realidade, o possível do impossível, o cidadão do invisível”*

ção de favelas, saneamento básico, pavimentação, obras em metrô, construção do maior Centro de Treinamento Paralímpico do Brasil. Números e planilhas que se transformavam — e transformam — em destinos reinventados.

Por trás de cada entrega, GENTE, assim mesmo, com letra maiúscula. Longe de ser suficiente, são caminhos possíveis trilhados por empregados da CAIXA, nos rincões desse Brasil Vivo — nas serras, nos sertões, nas periferias, nos lugares aonde outros não chegam.

Nunca foi trivial, porque trivial, pessoas e cidadania não combinam na experiência com coisas reais.

A Dona Maria das cinco da manhã na fila, a Josefa ribeirinha que esperou a agência-barco para ter acesso a serviços bancários, o jornalista Austregésilo de Athayde que teve caderneta ativa na CAIXA em 1918, o Senhor João que finalmente pôde reformar o telhado, a Michele que abriu seu primeiro negócio, o escritor Machado de Assis, cliente por mais de 30 anos, o Pedro que sobreviveu às enchentes, Dona Firmina que agora tem água encanada. Cento e sessenta e qua-

tro anos de desafios, pessoas e reconstrução.

"A CAIXA é redonda" é bordão repetido continuamente pelos seus empregados, que sabem que, nessa instituição de dimensões continentais, a qualquer tempo, quando o país precisar e onde o povo estiver, nos encontraremos nas linhas de fronteira — aquelas que separam o sonho da realidade, o possível do impossível, o cidadão do invisível.

E é ali, nessa fronteira, que a verdadeira missão se cumpre, como na canção de Milton: de ter fé na vida, fé no homem, fé no que virá.



**Alessandra Oliveira dos Santos**

Natural de São Paulo - SP  
Colaboradora Caixa desde 04 de  
julho de 2005





seguíamos caminhos separados, mas paralelos: ele na SEG, eu na GIGOV. Quem trabalha na CAIXA sabe que mudanças de área não rompem laços, mas isso daria outro texto...

Atendi a ligação e fiquei momentaneamente aturdida. Nunca pensei que receberia um pedido desse tipo. Passado o primeiro choque, entrei em contato com a Defesa Civil e soube que já havia cinco mil chamados na fila; estavam priorizando áreas de maior risco.

Talvez por ter recebido o pedido de um amigo ou por morar em uma das cidades mais atingidas, senti-me completamente responsável por buscar soluções. E, assim, deparei-me com outro rio: o do engajamento. Milhares de pessoas sentiam o mesmo. Isso se via nos abrigos lotados de voluntários, nas marmitas que surgiam como por magia e nos barcos que resgatavam vidas sem descanso.

Ao final daquele sábado, a família do meu amigo foi resgatada. Foi um dia de angústia, mas conseguimos respirar, ainda que minimamente. Afinal, nem todos foram salvos naquele dia.

Foram noites e semanas intermináveis até que a água retomasse seu curso. Mas os rios, às vezes, têm desvios. Os saques, os roubos de barcos de resgate, a violência e os abusos foram alguns deles.

Depois de um final de semana limpando escolas para abrigar as pessoas, separando e distribuindo roupas, veio a segunda-feira e, com ela, um novo rio: o orgulho de pertencer.

A CAIXA já estava preparada para o trabalho remoto e, como aconteceu na pandemia — e preciso dizer que me sentia de volta àqueles dias —, cuidou de seus empregados. Criou uma página com as informações sobre os benefícios oferecidos, disponibilizou a área de Recursos Humanos e nos ofereceu condições para atravessar

*“Colegas de todo o país vieram reforçar as equipes. Afinal, essa jovem senhora de 163 anos, na época, cuidou de nós, sem descuidar de seu propósito”*

aquele momento com dignidade. Foi emocionante. Colegas de todo o país vieram reforçar as equipes. Afinal, essa jovem senhora de 163 anos, na época, cuidou de nós, sem descuidar de seu propósito.

Minha casa não foi atingida e, tomada por esse sentimento de responsabilidade, em conjunto com os colegas da GIGOV, focamos no apoio aos municípios. Trabalhamos para garantir que os atingidos pudessem acessar o FGTS por calamidade.

Foram horas de reuniões, atendimentos ininterruptos, criação de vínculos com servidores municipais que, além de trabalharem na linha de frente, também eram vítimas da catástrofe.

Com a liberação dos benefícios federais e estaduais, nossas agências se tornaram pontos de acolhimento. Sei disso porque vivi alguns desses atendimentos. Fui voluntária em uma agência emergencial montada em um shopping.

Atendemos, sim, mas, acima de tudo, acolhemos. Cada pessoa contava sua história antes mesmo de solicitar

apoio: como a água chegou em sua casa, como conseguiu sair, onde estava abrigada. Poucos falavam sobre o futuro. Vivíamos um rio de incertezas.

Nessa equipe, conheci uma gerente-geral que havia perdido sua agência, sua casa, suas roupas, mas estava ali. Porque os colegas se uniram, doaram roupas, a acolheram. Mas, sobretudo, porque seu desejo de ajudar era maior que suas próprias perdas.

Logo fará um ano de tudo isso. A reconstrução continua, e nosso trabalho nos enche de orgulho e motivação. Lutamos para garantir recursos e evitar que essa história se repita.

Mas, se um dia tememos nos tornar ilhas, aprendemos que, unidos, somos pontes. Seguimos navegando e sabemos que os novos tempos também nos apresentarão novos rios, mas o que nos fortalece é saber que, diante das maiores correntezas, sempre haverá mãos estendidas para nos guiar ao outro lado.



**Aline Felix da Silva**

Natural de Novo Hamburgo - RS  
Colaboradora Caixa desde 17 de setembro de 2012





não possuía rodoviária.

Mesmo com tantas dificuldades, me encantei de imediato com nossa empresa. A oportunidade de fazer uma pós-graduação, MBA ou mestrado incentivado pela CAIXA, voltar a estudar um idioma e participar dos jogos da FENAE eram, para mim, realizações de alguns sonhos há 38 anos adormecidos. A alegria durou pouco, pois o pai dos meus filhos foi logo me perguntando: “Que horas você vai ter para fazer isso? Acha pouco abandonar os filhos o dia inteiro? Eles ficam largados na casa de sua mãe. Você não cuida da nossa casa nem da nossa família.” Palavras estas que me faziam realmente me sentir muito culpada, como se eu estivesse sendo uma mãe ausente, apesar da total dedicação à família, nas lutas diárias em lavar as roupas, preparar o jantar, arrumar a casa, cozinhar, ensinar tarefas escolares, brincar e colocar para dormir, para madrugar já no dia seguinte.

Aos quatro meses de CAIXA, recebi uma ligação da área de TI em Recife me convocando para participar de um processo seletivo para analista de sistemas sênior, pois tinham visto meu currículo e seria eu a única participante. Mais uma vez, tive que renunciar a uma excelente oportunidade que a empresa me oferecia em prol da família, que não me apoiou em abraçar uma ascensão profissional tão importante. Meu marido simplesmente falou que eu não iria assumir a função, mesmo argumentando que não precisaríamos nos mudar, sendo Recife uma cidade tão próxima.

Dessa vez, como diria Zé Ramalho, “esta dor doeu mais

forte". E, para minha surpresa, o gerente-geral da minha agência na época, Lavosier Guimarães, ao saber da minha desistência no PSI, me chamou para conversar. Sem acreditar que eu iria desperdiçar tamanha chance, tentou em vão me convencer a ir. Mas, naquele momento, eu não estava preparada. Me sentia só, tinha angústia de voltar para casa, tinha vergonha de desabafar com os colegas. Mas as lágrimas arrancadas no bate-papo sincero com meu gestor lavaram toda angústia reprimida. Ele plantou uma sementinha de coragem lá no fundo da minha alma, porque ele tocou meu coração com o sentido da valorização. Ele me fez enxergar que eu estava usando os filhos como desculpa para não enfrentar a situação, por medo e baixa autoestima decorrentes de um relacionamento abusivo. Com certeza, ele nem imagina o quanto foi importante para mim aquela conversa tão difícil, mas, ao mesmo tempo, necessária e fortalecedora.

Cinco meses depois, veio a transferência para João Pessoa e, trabalhando na maior agência da capital paraibana, conheci gestoras mulheres que me mostraram que era possível, sim, conciliar família e trabalho. Lembro bem de Aline Paiva me dizendo: "A CAIXA é uma empresa que valoriza muito as mulheres, e nenhuma delas será capaz de admitir ser desrespeitada sendo valorizada o dia inteiro." E assim, fui reunindo forças até chegar ao inevitável: a separação. Recebi ameaça de morte por parte do marido, filhos sofrendo alienação parental. Só me restava rezar e rogar a Deus que não me fizesse desistir após três tentativas de reconciliação. Lembro do orgulho que senti quando fui alugar

meu primeiro imóvel e ouvi o proprietário dizer que minha maior garantia era trabalhar na CAIXA. Naquele momento, percebi que eu nunca estaria sozinha. Eu fazia parte de uma grande família empresarial.

Nessa mesma agência, conheci meu atual esposo, Adilson Ramos. Outra fase turbulenta, por conta do recém-término de uma relação de 25 anos, surgia outra em menos de um mês, gerando conflitos com os filhos, ex-marido, claro, e toda a família. Não sabiam eles que este meu novo companheiro já tinha mais de 20 anos de CAIXA e, com ela, aprendeu a reconhecer o valor de uma mulher. Um companheiro de todas as horas, que me incentivava a cada dia a abraçar todas as oportunidades que a CAIXA me oferecia. Ela não desistiu de mim, pois ali se iniciava um novo ciclo. Minha empresa me presenteou com o amor da minha vida, confirmado quando, um ano depois, minha filha, aos 15 anos, escreveu em uma homenagem no Dia das Mães: “Sou grata a Adilson por cada sorriso que ele coloca em seu rosto”, levando aos prantos toda a família. Nascia ali uma nova mulher, mãe, esposa, atleta, estudante, dona do seu nariz e, acima de tudo, feliz.

Cada viagem era um sonho. Participei do voluntariado na catástrofe de Santa Catarina, em 2010, viajei pelo Brasil nos jogos FENAE, fui trabalhar em um grupo de trabalho na matriz, em Brasília, e, cada vez mais, me encantava por esta empresa que me apresentava um mundo até então desconhecido.

“Nascia ali uma nova mulher, mãe, esposa, atleta, estudante, dona do seu nariz e, acima de tudo, feliz”

### *Elas Autoras*

Em 2011, fiz o curso de Trajetória Profissional e, nele, enxerguei minha vocação para a área meio. Decidi entregar minha função de caixa executiva e ir para a GI-DUR (hoje GIGOV – Gerência Executiva de Governo), e não demorou para conseguir a função de auxiliar operacional, assistente júnior e supervisora de filial (Representante CAIXA). Atuei por 13 anos na GIGOVJP e lá vivi os melhores momentos na empresa. Eu cresci, amadureci e me fortaleci. Lá me capacitei, enfrentei a carteira do Governo do Estado da Paraíba e criei asas.

Ao ler o e-mail sobre o PSI para Coordenação em Caruaru/PE, algo me tocou. Acho que era Pernambuco me lembrando que eu tinha uma dívida comigo mesma. Liguei para o maridão e falei: “Saiu PSI para coordenadora em Caruaru. E agora?”. Ele, já aposentado, prontamente respondeu: “Vamos simbora!”. Aquela resposta me tornou gigante e, no dia 21/03/2025, eu estava sendo designada, por ironia do destino, pois 21/03 foi a data em que me casei pela primeira vez. A data se repete, mas a renovação de votos, desta vez, era comigo mesma, com a vida e com esta empresa que tanto amo. Era a assinatura de uma libertação, a percepção de que venci o medo e a opressão.

Obrigada, CAIXA, por ser uma mãe em minha vida, me apoiando, me valorizando, reconhecendo-me como um ser, como mulher, como gestora, como lutadora e trabalhadora em sua nobre igualdade, por me permitir ter a liberdade de ser o que eu quiser e estar onde eu desejar.

Levarei sempre comigo o sentimento de gratidão. Pare-

ce até que a CAIXA recitou para mim: “Voa, filha, e vai com Deus, que este mundo inteiro é seu!”



**Ana Cristina Pinho Trócoli**

Natural de João Pessoa - PB  
Colaboradora Caixa desde 09 de  
abril de 2007



# De repente, mãe e bancária

*Aryelle Fernandes*

Em 2010, eu, então com 22 anos, recém-casada, recebi a proposta do marido de prestar o concurso da CAIXA. Com a cabeça super de boas de uma jovem universitária, topei. E ele, já funcionário da CAIXA, pagou a bendita inscrição.

Só havia um problema: eu mal sabia o que era um cheque! E isso realmente me assustou na época. Porém, sabemos que os jovens são destemidos, então fui lá e fiz a prova.

Passei. Passei?! Sim, cadastro reserva. Que notícia boa! Numa colocação de 200 e um pouco — já faz tempo, não lembro ao certo — só sabia que estava longe dos primeiros colocados e que eu podia esperar.

Corta para 2011. Eu já era mamãe da Alice, de 11 me-

ses, ainda universitária e cuidava da casa em tempo integral. Alice demandava muita atenção: primeira filha, não dormia no berço, não ficava sozinha um minutinho... Uma bebê que nasceu prematura, e com ela nasceu aquela mãe que de noite verifica se seu bebê está respirando — eu.

Considerando essas informações, imaginem o seguinte cenário: o marido, trabalhando na CAIXA, saía de manhã e chegava por volta das 17h, tendo que sair logo na sequência para faculdade (ele também era universitário).

Ele chegava, eu entregava Alice e corria para ver a coisa mais urgente para fazer, mas geralmente eu só conseguia tomar um banho de 10 minutos sem nenhum bebê chorando. Era um alívio — rápido, mas era. E essa era nossa rotina.

Em uma bela tarde, conversando sobre as amenidades do dia, eu sinto o que toda mãe de bebê pequeno, ao sentir, se apavora: um chute no ventre. Um chutinho de dentro. Oi? Sim. E o susto veio. E o exame veio. E o choro também. Positivo. Quando você não consegue fazer as atividades diárias da vida e tem uma criança envolvida no processo, você tem uma dificuldade “controlada”, digamos assim. Mas, quando você desco-

“O título: Convocação de candidato para comprovação de requisitos. Não era vírus. Era a CAIXA. E assim começou uma jornada inesperada, que veio no momento mais necessário da minha vida”

bre que está vindo mais uma criança assim, na surpresa, fica difícil imaginar como vai lidar com tudo.

A primeira mudança foi interna, e aquele pensamento: se Deus dá, Ele há de ajudar, e vai existir também a capacidade de cuidar. E vamos em frente. Segunda mudança: mudança. Precisávamos de um apartamento maior. E assim, as despesas foram sendo listadas, e a barriga crescendo, e Alice crescendo e querendo um colo que eu já não conseguia dar. Então, não dava para dar banho como antes e várias outras coisas que uma barrigona atrapalhava. Percebi que, na rotina diária, eu ia precisar de ajuda. Vamos “pras” contas! Escreve aqui, calcula ali... E, numa noite de reunião de orçamento, vem a constatação: não temos como contratar uma funcionária. Vieram as lágrimas, e eu me desculpei por estar tão sensível. Não queria chorar e nem queria que ele se sentisse mal por não dar conta de tudo financeiramente. Falei que ia chorar para quem pode resolver a situação e sorri.

Dia seguinte. Início de junho de 2012. Eu recebi um e-mail. Pensava que era vírus. O título: Convocação de Candidato para Comprovação de Requisitos. Não era vírus. Era a CAIXA.

E assim começou uma jornada inesperada, que veio no momento mais necessário da minha vida. E se você acha que acabou por aqui...

Fui convocada a me apresentar. Sete meses de gravidez. Última semana para assinatura de contrato do curso de 2010. Mais de 30 pessoas convocadas! Na

primeira reunião, me informam que meu polo é Manacapuru (para quem não sabe, é um município que fica a 93 km da capital Manaus. O acesso é de ônibus/carro — 1h40min de viagem, aproximadamente). Fico em choque, penso na gravidez, na Alice, no marido, no translado. Vou desistir. Chamo o gerente da GIPES na época, e ele calmamente me diz para não desistir, que poderia haver alguma desistência e eu poderia ter o polo alterado. Me acalmo. Espero.

Passamos aos exames admissionais, e era muita gente para fazer exame ao mesmo tempo. Conhecíamos uns aos outros no tempo de espera entre um exame e outro. Conversa vai, conversa vem, conheço um senhor que veio do Nordeste, deixou a família lá e veio assumir aqui. Ele comenta que estava hospedado com uma família conhecida, mas era longe, na estrada de Manacapuru. Sim. É isso mesmo. Eu em Manaus e precisava trabalhar em Manacapuru, e ele em Manacapuru e precisava trabalhar em Manaus. Eu queria lembrar o nome dele, mas ele marcou a minha vida de outra forma. Permutamos.

Esse ano de 2025 serão 13 anos de CAIXA e muitas emoções desde o início desse processo de me tornar bancária. Nesse tempo, eu percebi que, quando não está tudo planejado por você, talvez realmente não precise.



**Aryelle Bárbara Sousa Boechat  
Fernandes**

Natural de Manaus - AM  
Colaboradora Caixa desde 25 de  
junho de 2012



# Realizando sonhos

*Bruna Reis*

Meu nome é Bruna, tenho 38 anos e, antes de começar a minha história na VIGOV, preciso contar como foi para chegar até aqui. Entrei na Caixa como estagiária em 2003, quando eu tinha 16 anos por intermédio da minha mãe, (ela é cliente Caixa desde 1987 e sempre teve a Caixa como único banco). Ela quem teve a iniciativa em entregar meu currículo nas agências. E essa experiência foi de suma importância para mim e onde tudo começou, meu primeiro contato com o mundo corporativo. Após o término desse período, fiz cursinho pré-vestibular e, em 2010, concluí a graduação em Psicologia. Em 2012, fiz o concurso da Caixa. A minha amiga Cristiane, que conheci no cursinho pré-vestibular, foi quem me incentivou a prestar o concurso em conjunto com ela, em 2010, mas era o ano em que eu estava ter-

minando a faculdade, e foi inviável me dedicar aos estudos para o concurso.

Ainda em 2010, essa minha amiga conseguiu a vaga, trabalhava em agência e falava maravilhas da empresa, dos benefícios, do horário. Trabalhar 6h era um sonho, pois eu sempre quis ter estabilidade em um trabalho mas também ter um tempo para me dedicar à Psicologia, caso eu atuasse, e, quando tivesse filhos, poder ficar mais tempo com eles. Almejava a qualidade de vida, conciliando tudo o que eu queria. Aguardei o próximo concurso, que não demorou para acontecer, e fui admitida em 2014. Estava radiante com a contratação e, nesse período, sabia da possibilidade de trabalhar como Assistente de Projetos Sociais, mas as vagas eram bem escassas (ainda são, rs). Quem falou dessa função foi o meu colega de faculdade Douglas, que começou a atuar nessa área em 2011. Com isso, fui trilhando meu caminho na agência, sem nunca perder o meu objetivo de atuar como Assistente de Projetos Sociais.

Nesse período de 10 anos atuando na agência, passei por dois procedimentos cirúrgicos por conta da endometriose, duas fertilizações in vitro, até que, finalmente, no final de 2019, após 7 anos de luta para engravidar, engravidei de gêmeas. Nesse período da gestação, meu casamento de 12 anos chegou ao fim. Aconteceu tudo ao mesmo tempo, junto e misturado: gravidez de alto risco, vários sangramentos que impossibilitavam meu retorno ao trabalho, separação e o auge da pandemia. Graças a Deus, estava bem empregada, tive gestores incríveis que me deixavam tranquila com a parte profissional, com minha função de assistente. Estar em

uma grande empresa como a nossa traz esse benefício também, dentre tantos outros.

Construí amizades sólidas pelas agências que passei e que me acompanham desde então, dentre elas, a madrinha das minhas filhas Tatiane, uma conexão sem igual, a Renata que me ensinou o trabalho no segmento PJ, a Karina, um anjo, que deu a oportunidade de me tornar assistente e ajudou imensamente com a parte jurídica e emocional do meu divórcio e o Denis, que embora eu não tenha mais contato, é por quem tenho imensa gratidão em admitir para a sua equipe uma recém divorciada e recém mãe de gêmeas. Era a chance de poder trabalhar perto de casa e não só isso, ele apostou em mim, era mudança de segmento, PJ para PF e ele me escolheu. Eu acreditava que seria ainda mais difícil conseguir novas oportunidades sendo mãe e ainda mais solteira, mas ele estendeu a mão e a segurou, ensinava o que era preciso, sempre transmitindo muita tranquilidade e confiança no meu trabalho. É o sentir de Deus em cada ação ao ter promovido esses encontros tão frutíferos nesses 11 anos de empresa.

Até que, finalmente, no final de 2024, surgiu a vaga de Assistente de Projetos Sociais para trabalhar na GI-GOV. Meus olhos brilharam com a possibilidade de atuar na função e em um setor tão diferenciado. A cada etapa do processo seletivo, era uma alegria ver o meu nome selecionado no top 3 e evoluindo. Quando a entrevista foi marcada, eu estava em período de férias no Rio de Janeiro, e o medo de não dar certo, de não conseguir a conexão, de tantas coisas acontecerem... E se der certo, como seria a entrevista, como seria minha

fala, como seriam as perguntas? E se eu não for bem? A ansiedade tomou conta de mim. Minutos antes de iniciar, respirei várias vezes bem fundo e fiz uma oração à Nossa Senhora Aparecida, e pedi a Deus que me guiasse. Deu certo: conexão, a condução da entrevista, a tensão do momento dissipou e fluiu maravilhosamente bem. Ok, no final vem o pensamento: eu deveria ter falado isso ou aquilo, complementado... Mas também veio o sentimento: está tudo certo, se tiver que ser, será. Tudo acontecerá para o nosso melhor.

E o melhor aconteceu. Dois dias após a entrevista, minha amiga Tatiane me ligou: viu que eu havia passado em primeiro lugar no PSI!!!

Enquanto redijo essas palavras, sinto a minha pele arrepiar e os olhos marejarem. Chorei, aquele misto de “não acredito” e “nossa, finalmente consegui, deu certo!!!”. Chorei como uma criança, chorei como se estivesse vendo o meu teste de gravidez com o positivo. Fui inundada por uma emoção que só entende quem está ali, esperando há anos por esse momento, e vê que finalmente chegou a vez, a minha vez! A área meio existe!! E, agora, não é apenas uma área meio: é a área almejada há 10 anos, é a área que fez tirar o meu diploma de Psicologia da gaveta, é a área onde sinto que voltei para a faculdade — e ainda ganhando para isso, rs. Normalmente, essa é a intenção: estudar para trabalhar com o objeto de formação. Mas, depois de tantos anos, chega um momento em que

*“Fui inundada por uma emoção que só entende quem está ali, esperando há anos por esse momento, e vê que finalmente chegou a vez, a minha vez!”*

nem parece ser mais tangível.

Embora não fosse frustrante trabalhar na agência — ao contrário, sempre gostei — a interação com as pessoas, as histórias compartilhadas e prestar um bom atendimento, para o cliente sair da minha mesa com a sensação de que fez valer aqueles minutos, e muitas vezes horas de espera, para obter a solução do seu problema. Eu abraçava meu trabalho lá e com muito orgulho. Aprendi muito na agência, inclusive com a timidez. O exercício da profissão fez com que eu me soltasse mais. Mas o sonho de conciliar a formação com a prática é inegável: estava ali presente, a concretização.

E cá estou, desde novembro de 2024, fazendo parte da VIGOV, trabalhando como APS na GIGOV/SP, na minha primeira experiência em área meio e com a função almejada há uma década. Com uma equipe também presenteada por Deus (brinco que é o puro suco do milho: Liliane, Davi, Camila, Carol e Flávio). Aproveito para agradecer ao Douglas por ter me dado um norte quanto a função e a outras duas mulheres que contribuíram para a minha vinda à GIGOV, a Neide (a qual aposentou e foi possível a liberação da vaga) e a Priscila, coordenadora.

Fui impulsionada a escrever parte dessa minha história, em primeiro lugar por gratidão a Deus, por proporcionar esse título de empregada Caixa; em segundo, pela função sonhada ter se tornado realidade; e, em terceiro, pela minha mãe, por todo apoio de sempre e para transmitir uma mensagem que parece clichê, mas que deu certo. Tudo deu certo. O término do meu casamen-

to, minha gestação — que, a todo momento, eu achava que poderia perder as crianças, devido ao quadro fisiológico que eu apresentava —, o emocional que poderia trazer à tona algum distúrbio mental, minha ida passageira pela SEV (seis meses antes de sair da agência e entrar na GIGOV, fui convidada a participar da manifestação de interesse para a vaga de assistente). Eu estava saindo da minha zona de conforto na agência, onde eu residia há 5 minutos de casa, da escola das minhas filhas e dos meus pais, para ganhar o mesmo salário, trabalhando mais longe, mais de 1 hora por dia no trajeto, com a intenção de mudar.

Eu sentia que só conseguiria voltar ao foco dos processos seletivos e alcançar o meu sonho se eu saísse da zona de conforto. Eu já estava na minha 4<sup>a</sup> agência; todas as mudanças partiram da minha vontade: o anseio pelo novo, por uma localização melhor, por um salário melhor, por oportunidades melhores; atuar como caixa, como eventual de gerente, no atendimento social... Desde o meu primeiro ano na Caixa até 2021, cheguei a prestar vários processos seletivos para área meio, em diversos segmentos, mas sem êxito. Parecia que meu destino era a Rede, ao mesmo tempo que passei a ficar “calejada” com processos seletivos.

Mas é assim que os sonhos são realizados: construídos com persistência, foco, determinação e estar aberto às mudanças, mesmo que pequenas e em ritmo lento. Bom, ao menos na minha vida foi assim, pois sei que tem pessoas que conseguem com mais facilidade engravidar, ascender na carreira etc. Hoje, falo para os colegas e incentivo a não desistirem de tentar o que de-

sejam. Pois, é claro, mesmo eu colocando que tentava há 10 anos essa vaga, houve momentos em que eu não buscava, em que eu me dedicava a aprender o que eu precisava para o momento atual, para um melhor desenvolvimento no segmento que havia escolhido mudar.

E, realmente, as coisas acontecem na hora certa. Assim como citei que deu certo até o fim do meu casamento, em um momento que jamais imaginaria acontecer (durante uma gestação). Depois, olhamos para trás e temos a certeza de que foi melhor assim. Se não fosse esse, talvez seria em um momento pior para lidar. Há períodos da nossa vida em que passamos por dias, meses, anos conturbados. Penso agora, em paralelo, em uma reforma residencial, uma transformação completa, que, para ocorrer, muitas vezes é necessário passar por uma demolição e ser construída do zero.

O término do meu casamento foi essa reforma em minha vida. Tudo ao meu redor desmoronou, ao mesmo tempo que duas vidas germinavam dentro de mim. A reforma estava acontecendo, mas eu não enxergava; só via as colunas caindo e tudo o que elas sustentavam. Aos poucos, vamos enxergando os tijolos sendo colocados, um a um, e uma nova casa surgindo.

A Caixa faz parte disso, e como faz! Não precisei me preocupar com a parte financeira em momento algum; pelo contrário, sabia que eu podia contar com o meu salário todo mês. Tive uma rede de apoio incrível: Deus, Nossa Senhora Aparecida, meus pais, psicoterapia e amigas que foram essenciais nesse processo —

em destaque, a amiga que me incentivou a prestar o concurso e vários PSIs que ela via. Nossa amizade soma 22 anos, e a madrinha das minhas filhas, que é mais recente (6 anos), integram com muita força essa rede. Conseguí, em três anos após a separação, adquirir um novo imóvel, morar sozinha com minhas filhas, desenvolver o meu papel de mãe, de mulher, de profissional, e, há poucos meses, sou presenteada com a função dos meus sonhos. O salário é o mesmo, mas a função... É a FUNÇÃO! Sou APS da GIGOV, e o olho volta a brilhar ao escrever, ao contar essa história de sucesso, de êxito não só profissional, mas de toda a pluralidade que a palavra MULHER traz. Dias de luta, dias de glória. Satisfação imensa em ser mulher, em ser CAIXA! Que essa história possa ser fonte de inspiração, de auxílio, de esperança, de fé. Como fez um bem poder escrevê-la! Para meu arquivo pessoal e para que eu possa recordar como foi essa experiência, servindo de fonte também para as minhas filhas, como exemplo de força (concedida por Deus e Nossa Senhora, porque não sei explicar como a tive), coragem, paciência e persistência e por gratidão a primeira mulher da minha vida, minha mãe, que não dava tudo o que eu queria, mas sim, o que eu precisava. Por ela eu sou a mulher que sou hoje e a qual fez eu iniciar a minha história com a Caixa, bem como pretendo encerrar, como bem lembrado por ela, com a minha aposentadoria.



**Bruna Aparecida Oliveira Reis**

Natural de São Paulo - SP  
Colaboradora Caixa desde 03 de  
Fevereiro de 2014



# Déjà Vu

*Bruna Peres*

Vocês já ouviram falar sobre a expressão “déjà vu”? Para quem não é familiarizado, é uma sensação de que você já viveu ou experimentou uma situação atual anteriormente. Eu já senti algumas vezes, mas foi no meu primeiro dia de trabalho na CAIXA que tive o “déjà vu” mais forte de todos

Vou explicar melhor essa história. Conheço a CAIXA desde que nasci. Sou filha de um funcionário da CAIXA, que está há 40 anos trabalhando na empresa. Meu plano de saúde sempre foi o da CAIXA. Frequentava a agência desde pequena, esperava meu pai finalizar um atendimento, destacando as beiradas das folhas de papel contínuo das antigas impressoras, para podermos ir para casa.

Quando o concurso para o cargo de engenharia foi publicado em 2012, meu pai me encaminhou o link em primeira mão, já me avisando: “Olha, a CAIXA é uma ótima empresa para se trabalhar. Você deveria fazer esse concurso!” Eu nem tinha me formado ainda, estava preocupada com as matérias, trabalho de conclusão de curso e o estágio que fazia na época. Mesmo assim, fiz o concurso sem me preparar e, como era de esperar, não passei! Ficou aquele sentimento: “É, não era para ser... A CAIXA é o lugar do meu pai trabalhar, não era para mim.”

Para minha surpresa, no ano seguinte foi aberto um novo concurso — algo inesperado! Dessa vez, com a cabeça mais leve, fiz a prova e fui aprovada. A alegria tomou conta da família! A vaga disponível era em outra cidade, a 500 km de distância de onde eu morava. Mas não tive dúvidas: topei na hora, mergulhei de cabeça e apostei que esse era o caminho para mim.

Aí me vi, com 23 anos, morando sozinha em uma cidade onde eu não conhecia ninguém, em um trabalho novo.

Primeiro dia: cheguei cedo, não sabia para onde ir. Parei na recepção, comecei a observar ao meu redor: as mesas, as paredes brancas, as cores cinza e azul dos móveis e estofados, os calendários em cima das mesas, os telefones tocando, os papéis, o barulho e até o cheiro me fizeram voltar àqueles momentos da minha infância. Eu já conhecia aquele ambiente, me senti à vontade. CAIXA é CAIXA em qualquer lugar.

Ao mesmo tempo em que me sentia “em casa”, me vi rodeada de novos assuntos e siglas: OGU, LAE, SINAPI,

orçamento, contrato de repasse. Estudei, observei e perguntei. Os colegas foram fundamentais nesse processo, me receberam muito bem, com sorrisos, abraços e muitos ensinamentos.

*“os colegas foram fundamentais nesse processo, me receberam muito bem, com sorrisos, abraços e ensinamentos”*

Nem tudo foi simples. Havia dias em que eu era a mais nova da sala — e a única mulher. Em algumas reuniões, não era fácil me fazer ouvir. Às vezes, me sentia intimidada diante da experiência dos outros. Mas aprendi. Aprendi a me posicionar, a confiar no que sei, a questionar. A segurança veio com o tempo. A cada dia, me torno uma profissional melhor.

Nesse meio tempo, viajei, noivei, casei, me tornei mãe, mudei, amadureci, me transformei. Os colegas de trabalho viraram amigos, padrinhos e confidentes. A CAIXA sempre ali, fazendo parte de tudo.

E hoje vejo minha filha com a carteirinha do plano de saúde, como a minha, brincando com o meu crachá, como eu fiz quando criança, me vendo trabalhar, me ouvindo falar mil siglas, e sinto orgulho da minha história, do meu presente, e fica a expectativa: — O que será que a CAIXA guarda para o meu futuro?





**Bruna Campos Peres**

Natural de Belo Horizonte - MG  
Colaboradora Caixa desde 18 de  
novembro de 2013



# Papéis e papel

*Carmen Damin*

Nem lembro quando ou onde foi. Faz tempo que essa história aconteceu, mas a imagem da senhorinha nos chamando: “Vocês são da Caixa, né? Olha, que bom que fizeram esse asfalto. Agora não me atolo mais no barro pra sair ou entrar em casa quando chove. Virava tudo uma lama. E depois, vem aquele poeirão entrando pela casa toda.” Era um dia de sol intenso. Ficava quase no final da rua. A data e o nome da cidade se perderam no tempo, dentre tantos e tantos contratos que acompanhei na REGOV Cascavel/PR (Representação de Governo), mas a alegria dela é que ficou marcada.

De vez em quando, gosto de lembrar dessa história para relembrar qual o meu papel nisso tudo. No dia a dia, entre tantas rotinas e normas, o sentido e o propósito do trabalho parecem que se escondem, por vezes, nos

afazeres meio que sem graça. A gente não faz asfalto, a gente não constrói casas. A gente só fica no escritório recebendo papéis, produzindo outros papéis, arquivando papéis. Papéis e números. Hoje é praticamente tudo digital, mas o processo é o mesmo. Contratamos, fazemos liberações de recursos, alterações contratuais, prestações de contas, guardamos os documentos em pastas ou arquivos. Essa parte não aparece na foto de inauguração e não é nada atrativa.

Mas, no final, essa rotina burocrática toda se transforma em asfalto, ou creches, ou UBS (Unidade Básica de Saúde), parquinhos para as crianças, academias para a terceira idade, barracões para fomentar a indústria, casas para a população, iluminação nas ruas e outras tantas obras pelos municípios afora. Umas obras maiores, outras menores, todas importantes para quem irá usufruir delas. Mas também se transformam no sorriso de alívio e de satisfação de senhorinhas (e familiares) que não terão mais que lidar com barro e poeira na frente de casa.

Sendo assistente na REGOV, poucas vezes visitamos as obras nos municípios. Nossa trabalho acaba sendo mais burocrático e solitário. Mas é importante ter a percepção do que, ou no que, ele se transforma, pois o nosso trabalho na Caixa, entre equipes de engenharia, assistentes e chefias, em conjunto com as equipes dos municípios, vai transformando a vida e o local onde as pessoas vivem. E não é clichê dizer isso. Muitas vezes, aquela obra que é tão importante para a população só acontece porque “ficamos em cima”, desde a contratação à execução, cobrando documentos e correndo para

fazer dar certo. Como diz um gestor por aqui: “Vai lá, fica lá, ajuda lá, faz lá”, no sentido de auxiliar e fazer acontecer.

Sabemos que nosso trabalho é mais do que meramente burocracia. Ele reflete em benefícios na vida das pessoas de cidades que, provavelmente, nem iremos conhecer. Outro dia, tive a oportunidade de acompanhar uma vistoria aqui na minha cidade, juntamente com a engenheira, e me deparei com bairros que nem sabia que existiam. O contrato é de Pró-Transporte (financiamento com recursos do FGTS) para asfalto e pontos de ônibus. Até então, eu só tinha visto planilhas, notas fiscais, ofícios, relatórios, documentos e mais documentos, e algumas fotos.

Os pontos de ônibus estão espalhados pela cidade toda. São fechados por um vidro e têm um banquinho para esperar sentado e protegido do vento e da chuva. Nada demais. Mas que diferença daqueles pontos de ônibus abertos, por onde o vento uivante da noite passava enquanto eu esperava a lotação para voltar para casa da faculdade. Isso, se não chovesse, porque, com chuva, não tinha como não se molhar ali. Que bom ver que hoje há um mínimo de conforto nessa espera.

Em outra ocasião, pude visitar, com a engenheira também, as obras financiadas por um contrato FINISA (financiamento com recursos da Caixa). O contrato envolve diversas obras, dentre asfalto, UBS, creches e escolas. Algumas reformadas e outras sendo construídas. Durante a visita, pudemos ouvir os relatos de quem trabalha ali, satisfeitos por trabalhar num local bem estru-

turado, novo, funcional e planejado. Lembro da etapa de contratação deste contrato. Foram tantos perrengues, tantas dificuldades até conseguir todos os documentos. E a prestação de contas?... É “de chorar” de tanta papelada que vem para analisar...

Quando estamos fazendo as análises requeridas para essas operações, não vislumbramos lá na frente, não pensamos em todos os benefícios que irão trazer. Certo, temos a consciência da relevância e importância, mas parece algo tão distante, pois lidamos com dados e números. Quando fazemos a análise da prestação de contas, podemos constatar quais obras estão sendo construídas, mas é quando ouvimos as pessoas que estão usufruindo... ah... essa hora dá um orgulho dando de ter despendido tanto esforço para que desse certo. Esforço conjunto, é claro, de diversos atores. Esforço das equipes dos municípios, das empresas executoras, das equipes da Caixa. São tantos envolvidos que dá a impressão de que a pessoa que ficou lá no escritório da Caixa, analisando papéis, não teve nada a ver com a realização dessa obra. Afinal, o que importa mesmo é aquela obra pronta, que faz tanto bem para tanta gente.

Mas nem toda vistoria de obra é tranquila. As colegas em vistorias passam por alguns apuros. Teve aquela vez da estrada rural em que a engenheira precisou adentrar na roça e caiu em um buraco... Isso ninguém mostra. Ainda bem! E a vez em que outra colega foi vistoriar um ginásio de esportes, que estava cheio de cãchorros, e saiu de lá com pulgas!... O ginásio ficou ótimo, as crianças e jovens aproveitam bastante... E os cãchorros? Espero que tenham ganhado carinho e aten-

ção! (E espero que alguém tenha resolvido a questão das pulgas).

Passamos por diversos processos e mudanças nesta empresa. Mudanças mexem conosco, nos desestruturam por vezes. Nos fazem pensar, nos desafiam a crescer ainda mais, nos trazem amadurecimento profissional

*“Ter a consciência de que o nosso trabalho proporciona bem-estar, que leva desenvolvimento e esperança para as pessoas, renova nosso propósito e o sentido de fazermos o que fazemos todos os dias”*

e pessoal. Podem ser boas, podem não ser tão boas... Como naquela vez em que teve uma reestruturação durante as minhas férias e fecharam a REGOV onde eu trabalhava. Mas duas semanas depois voltaram atrás. Ufa! Foi aí que começou uma lenda. Nas férias do ano seguinte, mudou o nosso gestor. O antigo gestor foi promovido, algo bom para ele. Mas, para a equipe, gerou um desconforto até se adaptar com a nova chefia. Pois a forma de gestão adotada pelo gestor diz muito sobre o clima organizacional e a nossa tranquilidade ao executar nossas tarefas.

No outro ano, teve nova mudança surpresa: suspenderam as contratações por um período. E assim, toda vez que surge algum comentário sobre mudanças, alguém pergunta quando serão minhas férias, ou alguém já brinca que não poderei sair de férias até que se resolva determinada situação.

E foi na Caixa que encontrei minhas parceiras de viagens de férias. Pois é, não basta trabalhar juntas todos

os dias, até as férias passamos juntas. Colegas, testemunhas de uma vida. Trocamos receitas de comida, dicas de produtos para saúde, nos incentivamos a fazer atividades físicas, a nos cuidar. Somos e temos ombro amigo para chorar e rir. Contar as conquistas e os desabores da vida. Brigamos também, poucas vezes, pois é vida real. Somos pessoas e não números. Com dedicação e comprometimento, nosso dia a dia também vai evoluindo e melhorando. Ter a consciência de que nosso trabalho proporciona bem-estar, que leva desenvolvimento e esperança para as pessoas, renova nosso propósito e o sentido de fazermos o que fazemos todos os dias.

Esse slogan foi muito assertivo:<sup>28</sup> A Caixa é mais que um banco.<sup>29</sup> Para a sociedade, é mais que um banco. Os clientes nem imaginam todas as áreas em que a Caixa está inserida, cumprindo seu papel de levar inclusão e soluções. Para os empregados, além de nosso ganha-pão, é nossa casa também. E é sempre bom lembrar que, lá no início de tudo, em 1861, a inclusão já estava no propósito, particularmente para as classes menos favorecidas.

É bom saber que, desde o princípio, estávamos inseridos nesse contexto de promover a inclusão, a liberdade e a melhoria de vida. E que possamos continuar assim, contribuindo para transformar, para melhor, a vida das pessoas. Afinal, não lidamos apenas com números e papéis; nosso papel é atender pessoas.



**Carmen Damin**

Natural de Cascavel - PR  
Colaboradora Caixa desde 14 de  
junho de 2004



# Por quê?

*Celita Fernandes*

As crianças são campeãs quando se trata de fazer perguntas difíceis! Eu fico impressionada! E, atualmente, nós criamos os filhos explicando sobre deveres e direitos, e até sobre a Constituição Federal. Foi então que meus filhos me fizeram a seguinte pergunta: “Mãe, por que tem gente que não tem casa, se é direito de todo mundo ter uma casa?”. Racionalmente, até é fácil de responder, mas quando se trata de direitos constitucionais, não é mesmo lícito que pessoas não tenham casa. Qualquer explicação não justificaria tal fato.

Com isso, me lembrei de um caso, mais do início da minha carreira: um município de região metropolitana havia recebido um pequeno recurso para construção de unidades habitacionais. Era pouca coisa mesmo. Não dava para comprar terreno, a operação não era atrativa

às construtoras, o município teria muito trabalho para conseguir viabilizar aquilo e atender pouca gente, ou seja, a visibilidade política era mínima. O contrato seguia para o último prazo, seria perdido em poucos dias. Mas sempre é lamentável perder um dinheiro que vem a fundo perdido, devolver para os cofres públicos e deixar as famílias sem a casa.

E eu tinha um amigo que trabalhava como arquiteto naquele município, nós havíamos estudado juntos. Liguei para ele e nós tentaríamos achar uma solução para aplicar aquele dinheiro e dar casa para algumas famílias.

Ele era só um arquiteto do lado de lá e eu só uma arquiteta do lado de cá. Nenhuma patente, nenhum tipo de poder, ingerência, nada.

Discutimos o que poderia ser feito para aproveitar o recurso, onde daria para economizar, como fazer para que a construção acontecesse, a compra de materiais, a contratação de mão-de-obra. Ele percorreu o município, procurando famílias nas condições que se enquadravam no programa, que precisassem da unidade habitacional, que fossem detentoras da posse do terreno, assim não se gastaria parte relevante do recurso com compra de terreno, o que já inviabilizava por si só o contrato. Elaboramos um projeto funcional e econômico e a proposta exigia a participação das famílias na construção da casa, porque, lembrando, o dinheiro não era suficiente. Um trabalho enorme, envolvimento pessoal, especialmente dele, mas deu certo!

O contrato foi salvo, o recurso bem aplicado e onze fa-

mílias receberam uma casa novinha! Se não tivéssemos feito nada, essas famílias não teriam suas casas, mas elas nem saberiam que poderiam ter tido essa chance. E nós dois continuaríamos fazendo o nosso trabalho, da mesma forma. Nós não recebemos nenhuma espécie de reconhecimento, não sei nem se alguém, além de nós dois, sabia dessa história até aqui, não se trata disso. Não parecia nada grandioso, nem era mesmo. Mas eu nunca vou me esquecer e tenho certeza de que meu amigo também não.

*“Dá um enorme orgulho saber que nós transformamos a vida das pessoas e poder dizer que, enquanto estamos na Caixa, trabalhamos para garantir o direito constitucional de muita gente”*

Voltando à pergunta dos meus filhos, respondi que vou trabalhar todo dia para garantir que mais pessoas tenham acesso à essa casa e à saúde, educação, enfim, a todos os direitos constitucionais que um cidadão brasileiro tem. Eu não trabalho só porque tenho um salário e

eles sabem disso. Agora que me lembrei, também posso contar para eles sobre a construção dessas casas, traz mais concretude para o que eu faço todos os dias.

Dá um enorme orgulho saber que nós transformamos a vida das pessoas e poder dizer que, enquanto estamos na Caixa, trabalhamos para garantir o direito constitucional de muita gente!





**Celita Fernandes**

Natural de Ponta Grossa - PR

Colaboradora Caixa desde 04 de  
abril de 2000



# Optei por relaxar no sofá

*Daniela Dutra*

Optei por relaxar no sofá.

Não posso negar que minha infância foi marcada pela escassez de recursos. No entanto, diante da abundância de amor e dedicação dos meus pais, isso quase passou despercebido. Dá para dizer que eu tinha tudo para ser feliz. Nossa família era composta por quatro pessoas: eu, meu irmão mais novo (apenas 11 meses de diferença), meu pai, Seu Abílio, descendente de uma família portuguesa tradicional, colhedores de olivas em Póvoa de Varzim, e minha querida, incansável, batalhadora, doce mãezinha, a ariana Dona Justina.

Meus pais vieram de famílias católicas tradicionais (aqueles que rezam o terço todas as noites e vão à missa religiosamente todos os domingos). Falo isso não porque eu tenha orgulho — bem pelo contrário —, mas para

justificar os dogmas morais que lapidaram as escolhas de meus ascendentes diretos, sem questionamentos e sem qualquer tipo de raciocínio lógico (tipo: é assim porque é, e ponto final). Desta forma, se criou um núcleo familiar onde nunca se duvidou do amor que um sentia pelo outro, apesar das questões ideológicas que, com o passar dos anos, foram criando um abismo entre nós. Sempre salientando que o vínculo amoroso nunca sofreu qualquer tipo de abalo. Assim, aprendi que se pode amar apesar das diferenças.

Fui ensinada que meu foco deveria ser os meus estudos, enquanto meus pais tratavam de trabalhar para conseguirmos manter uma vida minimamente confortável. Eles nunca questionaram sua condição social, suas oportunidades, e acreditavam que, se conseguíssemos um emprego decente — preferencialmente no serviço público e com estabilidade —, tínhamos atingido nosso objetivo de classe média baixa. Nunca pensaram em viajar para o exterior, por exemplo; isso era inatingível. Diante disso, só aceitavam e viviam a vida que estava posta, sem desafios, sem grandes metas mirabolantes.

Eu nasci em 1970, em pleno regime militar. Meus pais pouco entendiam a realidade do que estava acontecendo. Só trabalhavam, evitavam questionar ou debater sobre qualquer assunto, e viviam. Não preciso dizer que se tratava de uma família patriarcal, onde o chefe trabalha para trazer sustento ao núcleo, e sua esposa fica responsável por deixar a casa funcionando, além de cumprir rotina laboral em jornada dupla, em um trabalho em um órgão público. Apesar dessa discrepância de esforços, tudo estava em seu lugar, e o trabalho da

minha mãe era só para complementar a renda familiar, segundo eles.

Nos finais de semana, ficava mais latente essa diferença: no sábado, meu pai dormia o dia todo, enquanto minha mãe fazia faxina em casa e adiantava umas comidas para a semana; e, nos domingos, o pai acordava às

*“Observando essa dinâmica familiar, já na tenra idade eu decidi não aprender a cozinhar. Optei por relaxar no sofá. A vida do meu pai me atraía mais, parecia mais tranquila”*

10h para ver a Fórmula 1 na TV, enquanto a mãe pulava cedo da cama para preparar o almoço de domingo — sempre frango assado — e costurar roupas à tarde.

Observando essa dinâmica familiar, já na tenra idade eu decidi não aprender a cozinhar. Optei por relaxar no sofá. A vida do meu pai me atraía mais, parecia mais tranquila. Na minha ingenuidade infantil, eu presumi ser a melhor escolha, sem

imaginar que já estava enxergando traços de misoginia, sexism e machismo estrutural de nossa sociedade.

A vida seguiu, e eu sempre fazendo minhas escolhas espelhadas nas opções do pai. Como mulher, eu estava, de certa forma, desafiando o sistema. Não usava roupas rosas, nem muitos cosméticos, e me interessei pelos esportes. Com 16 anos, fui prestar vestibular e, segundo meu plano, escolhi engenharia civil. Foi a primeira escolha consciente contra o sistema. Queria me dedicar a uma profissão “masculina”. Na faculdade, eu não consegui enfrentar as dificuldades de ser uma minoria (10%) e acabei desistindo. Hoje, olhando para

trás, percebo que não fui muito inteligente por ter tomado uma decisão tão importante sobre meu futuro de forma inconsequente, pois não amava de paixão a profissão escolhida — só gostava muito de matemática.

Com o passar do tempo, fui descobrindo que eu até gostava de cozinhar. Depois de adulta, comprei umas bonecas — só para ter mesmo —, comecei a usar umas roupas cor de rosa e percebi que poderia ter me dedicado a profissões consideradas “femininas” sem perder minha essência questionadora. Acabou que, no meio do caminho, eu fui cursar arquitetura. Amei a nova profissão! Me dediquei, tirei boas notas, me formei sendo aplaudida e ganhei o prêmio CSN na Construção Civil com meu projeto Final de Graduação, que tinha estrutura em aço. Única mulher a receber esse prêmio e única pessoa gaúcha a conquistá-lo.

A vida foi passando, e eu enfrentando todos os desafios que se apresentaram da melhor forma que eu consegui. Casei, tive filha linda, divorciei e enfrentei outras batalhas bem difíceis. Aproveitei algumas oportunidades e deixei outras passar por não estar pronta naquele momento, acredito. Encontrei um novo amor e entrei para a CAIXA para trabalhar na área de Governo, sem ter noção do papel de uma arquiteta em um banco público — não necessariamente nessa ordem. Criei minha filha livre de preconceitos. Ensinei para ela o respeito, a consideração, a amizade, a importância da escuta, a empatia, o amor incondicional. Devo ter falhado em alguns pontos, mas não me culpo, porque sei que, assim como meus pais, ofereci o que eu tinha de melhor.

Hoje eu entendo que ingressar na CAIXA foi um marco na minha história. Sou uma daquelas pessoas que sente orgulho em “Ser Caixa”. Logo na recepção, lá em 13 de abril de 2012, percebi que os valores da empresa se alinhavam com o que considero fundamental para uma vida de significado: fazer a diferença, empoderamento, protagonismo, comunicação aberta, trabalho em equipe, agilidade, inovação, integridade, foco no cliente e nos resultados. Esses foram os valores que tentei passar para minha filha! E, quanto a ser arquiteta na Caixa, posso dizer com muita tranquilidade que me sinto satisfeita com meu trabalho. Satisfação, para mim, é sinônimo de que minha função não tem só significado, mas contribui para melhorar a vida das pessoas. Isso traz profundo sentimento de pertencimento e realização.

Recentemente, esse mindset me inspirou a repensar minha trajetória, o que me levou a tomar uma importante decisão: retomar o curso que eu havia abandonado na década de 90. Em 2023, reingressei na engenharia civil. Agora, com a experiência de mais de 20 anos de carreira na arquitetura e a maturidade de uma cinquentona caminhando rumo à aposentadoria, resolvi enfrentar esse desafio e finalizar o curso. Não gosto de deixar nada incompleto. Ingresso no CREA como Engenheira Civil no final de 2026.





**Daniela Teresa Dutra da Silva**

Natural de Porto Alegre - RS  
Colaboradora Caixa desde 13 de  
Abril de 2013



# Caminhando pela CAIXA

*Danielle Cançado*

Um desejo do coração  
ou, talvez, pura convicção  
uma escolha profissional  
bem como uma vontade pessoal

A de servir ao coletivo  
ao macro, ao invés do micro  
uma necessidade de melhorar o mundo  
por meio da Arquitetura e do Urbanismo

E por que não aliar  
a vontade de alcançar a estabilidade  
com a possibilidade de retornar  
ao seio familiar?

De tudo junto e misturado,  
surge um desejo almejado  
o de passar em um concurso disputado  
e obter o resultado ansiado

Uma ligação inesperada  
do outro lado a voz dizia: SOU DA CAIXA  
e a notícia: VOCÊ FOI APROVADA  
Eu só não fazia ideia do quanto seria  
TRANSFORMADA

O desafio começou logo no início  
com normativos,  
leis, decretos  
e ofícios

E uma sopa de letrinhas que mais parece  
um exercício  
(LAE, VRPL, RAE, OGU, FGTS, PAC, PPP,  
CPP, SIFPP, SIAPF, GIDUR, GIGOV, GIHAB,  
GEDEP, CEVIG, GEGOV, TCE, TCU...)

Dá até para ficar tonta  
e não para por aí,  
se eu continuasse  
não caberia aqui

Mas, em meio à infinidade de siglas  
uma realidade transparece

uma empresa ética e empenhada  
onde a responsabilidade prevalece

Compromisso público em primeiro lugar  
transparência, sustentabilidade  
cidadania e integridade  
isto é o que eu VEJO neste lugar

Nosso propósito? Transformar a vida  
levando dignidade  
por meio de soluções, de habitação,  
infraestrutura e, por que não, FELICIDADE?

Meu caminho, aqui, permanece sendo trilhado  
com dedicação, carinho  
e um enorme APRENDIZADO  
pois, na CAIXA, encontrei  
muito mais que o esperado

Fiz amigos preciosos,  
financiei e quitei o meu primeiro imóvel,  
conheci o meu esposo e formei uma FAMÍLIA,  
me tornei MÃE e ESCRITORA,  
quase da noite para o dia

Finalizo agora este breve relato  
com alguns agradecimentos  
A DEUS em primeiro lugar  
por tudo e por todo acompanhamento

A todos os momentos bons  
assim como aos desalentos  
pois nos desafios da vida  
é que se forjam os grandes “GUERREIROS”

A esta empresa ÚNICA  
por me proporcionar  
oportunidades preciosas  
de me APRIMORAR

E ao grande propósito  
deste TIME de ARRASAR  
que é indispensável ao Brasil  
e que procura sempre ACERTAR

Pois somos uma empresa  
QUE FAZ ACONTECER  
seja nas calamidades da vida  
ou nas conquistas do dia a dia  
eu me orgulho muito do que agora vou dizer:  
SERVIR ao coletivo  
é a NOSSA META PARA CRESCER.

“Finalizo agora  
este breve rela-  
to com alguns  
agradecimentos  
A DEUS em pri-  
meiro lugar

Por tudo e por  
todo accompa-  
nhamento”



**Danielle Souto Cançado**

Natural de Belo Horizonte - MG  
Colaboradora Caixa desde 20 de  
janeiro de 2012



# Eu... 05 filhos... E a CAIXA

*Darlene Sartori*

Em 14 de dezembro de 1987, iniciei minha trajetória na CAIXA como estagiária na Agência Piraju/SP, enquanto cursava a universidade — Pedagogia. Em 1988, prestei concurso público e, após ser aprovada em todas as etapas, fui convocada em dezembro de 1989. No dia 13/12/1989, com 21 anos, tornei-me “escriturária” da CAIXA, começando oficialmente minha carreira na Agência Fartura/SP.

Os primeiros anos foram marcados por desafios, como o Plano Collor em 1990, e transferência por interesse da CAIXA. Em 1991, fui transferida para Bauru/SP, onde trabalhei na Divisão de Fundos e Seguros e, posteriormente, na recém-inaugurada Agência Primeiro de

Agosto (depois Altos da Cidade).

Foi nessa agência que desenvolvi habilidades na área negocial e atuei em funções como caixa executivo, gerência eventual e por prazo. Também participei de processo seletivo interno e fui selecionada para o BANCOP — Banco de Oportunidade para Gerente, na época.

Em 1992, conheci meu futuro esposo, com quem tive cinco filhos: Bruno, Letícia, Rafael, Laura e Vinícius. Durante esse período, conciliei o trabalho na CAIXA com a gestão da casa e o apoio à formação profissional do meu esposo.

Apesar de oportunidades de ascensão, renunciei a algumas delas para priorizar a família. Em 1999, comecei a cursar Direito, mas precisei trancar após o primeiro ano, devido à prioridade de apoiar meu esposo na preparação para o concurso de delegado civil estadual.

A partir de 2000, enfrentei novos desafios, incluindo a perda de minha mãe em 2001, 22 dias após o nascimento da minha quarta filha, Laura, e o diagnóstico de LER/DORT, que resultou em afastamentos prolongados e reabilitação profissional.

A primeira licença teve duração de aproximadamente 1 ano e 4 meses, de janeiro de 2002 a março de 2003 (tratamento e reabilitação pelo INSS). Nesse ínterim, perdi a função de confiança “Assistente Administrativo II” em 20/09/2002, em razão da licença saúde por mais de 180 dias.

Retornei ao trabalho em 20/03/2003 como “Posso Ajudar！”, pois naquele momento não podia executar tra-

lhos que envolvessem digitação. Melhorei um pouco e, em outubro de 2003, houve o convite para retomar minha função de confiança de “Assistente Administrativo II” — convite este proposto pela gerente-geral.

Tive que abrir mão desse convite, pois, em julho de 2003, havia pedido transferência para a Agência Cáceres/MT para acompanhamento de cônjuge. Porém, em outubro de 2003, mais um desafio: meu quadro de LER/DORT agravou e, novamente, saí de licença saúde.

Em novembro de 2003, após as tratativas internas, veio a autorização da transferência. Assim, em janeiro de 2004, fui transferida para Cáceres/MT.

Mas, em 2006, um revés na vida pessoal: após a separação, returnei a Bauru/SP com meus cinco filhos para recomeçar minha vida pessoal e retomar minha carreira na CAIXA. Nunca fui de desistir fácil...

De volta a Bauru/SP, retomei minha carreira na CAIXA em 2007, na Gerência de Serviços Sociais de Bauru/SP à época, conciliando trabalho e a criação dos filhos.

Em 2010, aproveitei uma mudança no horário de trabalho para retornar ao curso de Direito no período diurno, formando-me em 2014. Durante esse período, por meio de processo seletivo, conquistei novas funções na CAIXA.

Veio a transferência para a atual Gerência Executiva de Governo Bauru/SP como Auxiliar Operacional e, em seguida, como Assistente Júnior. Minha transferência ocorreu em janeiro de 2013.

Em 2019, outra provação: seis meses de afastamento

por saúde. Venci. Porém, em março de 2021, uma recaída e, novamente, outro afastamento por saúde. Desta vez, infelizmente, mais duradouro: 1 ano e 4 meses.

Neste ínterim, conforme norma vigente à época, em novembro de 2021, novamente “perdi” a função de confiança, desta vez a de Assistente Júnior. Mais um desafio e algo a superar. Mas a vida segue...

Hoje, atuo como “Técnico Bancário Novo” na GIGOV/BU — Gerência Executiva de Governos Bauru/SP. Detalhe: ainda estou no jogo! Não desisto!

Ao longo de 37 anos de história na CAIXA, desde o estágio até hoje, enfrentei desafios pessoais e profissionais, mas sempre perseverei.

Sinto-me realizada ao ver meus filhos seguirem carreiras promissoras: Bruno, biólogo; Letícia, jornalista; Rafael, zootecnista; Laura, estudante de Medicina; e Vinícius, estudante de Sistemas de Informação.

Detalhe: todos com muita honra em universidades públicas. Houve e há muito esforço, dedicação e resiliência da parte deles também, em toda a nossa história pessoal, universitária e profissional até hoje.

“EU... 05 FILHOS... E A CAIXA” narra minha trajetória pessoal e profissional como funcionária da Caixa Econômica Federal, desde seu início como estagiária em 1987 até os desafios e conquistas ao longo de mais de

*“História esta marcada por momento de superação, dedicação ao trabalho e à família, além de uma busca constante por equilíbrio entre a carreira e as responsabilidades como mãe de cinco filhos”*

três décadas.

História esta marcada por momentos de superação, dedicação ao trabalho e à família, além de uma busca constante por equilíbrio entre a carreira e as responsabilidades como mãe de cinco filhos.

Minha jornada é marcada por resiliência, dedicação e gratidão. Apesar das dificuldades, celebro as conquistas e reconheço que meu “jardim floriu muitas vezes”.





**Darlene Braz Sartori**

Natural de Piraju - SP  
Colaboradora Caixa desde 13 de dezembro de 1989





Com o tempo, Jorge sentiu o desejo de aumentar a família e ter seu próprio lar. Agradeceu ao patrão e começou a trabalhar como carroceiro. Com esforço, sua única carroça virou duas, depois três... Tornou-se líder da categoria, presidente da associação dos carroceiros e referência de luta e dignidade na cidade. Jorge e Teresinha criaram sete filhos. Mais tarde, ele trocou a carroça por uma caminhonete e continuou fazendo fretes, mantendo viva sua história de trabalho, superação e amor pela família.

Maria de Jesus, primogênita de Jorge e Teresinha, cresceu ajudando a cuidar dos irmãos e estudando com dificuldade. Aos 17 anos, parou de estudar, pois engravidou de um rapaz que desapareceu, deixando-a sozinha para enfrentar a maternidade. Mesmo diante de críticas e sugestões para abortar, ela escolheu seguir com a gravidez, movida pelo amor da filha que carregava no ventre. Jorge e Teresinha foram fundamentais no apoio à Maria e, mesmo tendo dificuldades, estavam dispostos a acolher a neta que viria a nascer. Determinada, Maria buscou trabalho para sustentar a criança. Sofreu humilhações de vizinhos e familiares, mas manteve-se firme. Recusou-se a doar a filha, como muitos sugeriram, e prometeu que ela teria um futuro digno, com amor, estudo e oportunidades. No auge da dor, mas com muita esperança e fé, Maria de Jesus escreveu uma carta a um vizinho que era conhecido por ajudar as pessoas. Nessa carta, ela pediu uma oportunidade de emprego. Maria colocou tanta emoção e vontade na carta que foi atendida e começou a trabalhar como auxiliar de limpeza na Assembleia Le-

gislativa do Estado. Com dedicação e talento, cresceu profissionalmente, chegando ao setor de compras do órgão. Casou-se, teve mais três filhos, mas, infelizmente, o casamento não durou por violência conjugal. Maria se estabilizou, voltou a estudar e, mesmo com quatro filhos e separada, nunca deixou faltar o essencial: educação e dignidade.

Morando em uma casa simples de chão batido, ela priorizava a escola dos filhos em vez de conforto material. Transformava a escassez em criatividade: chá de folhas do quintal substituía o café, mingau ralo tomava o lugar do cuscuz. Sempre com fé de que os filhos teriam uma vida melhor.

Foi nesse cenário de luta e amor que eu nasci. Minha mãe, Maria de Jesus, foi minha primeira heroína: não me abortou, não me doou e me criou com dignidade, mesmo diante de tantas dificuldades. Cresci cercada de afeto — da minha mãe, dos meus avós, dos meus irmãos — e, desde cedo, entendi que o estudo seria meu caminho para transformar nossa realidade.

Minha mãe sempre foi meu maior exemplo, pois, mesmo com quatro filhos, voltou a estudar, concluiu o ensino fundamental, depois o ensino médio, fez curso técnico, três graduações e duas pós-graduações. Se ela podia, por que eu não poderia? Essa força me motivava todos os dias!

Fui criada com simplicidade. Tinha uma única farda para vários anos escolares, usava roupas e tênis usados que eram doados pelas amigas do trabalho da minha mãe. Mas eu era grata por tudo. Sabia que cada pe-

ça representava um esforço coletivo para que eu pudesse estudar.

Com muito esforço e resiliência, formei-me em Tecnologia em Informática pelo IFPI, mesmo sem ter computador, e, quando já trabalhava como gerente de Tecnologia em um portal de notícias, recebi a convocação por telegrama para assumir como empregada da Caixa — uma surpresa que encheu minha mãe e a mim de tanta alegria, pois representava uma mudança de vida.

Na Caixa, construí amizades duradouras, conheci meu marido e pude ajudar minha mãe a realizar o sonho de ter um sítio. A Caixa me deu estrutura, propósito e oportunidades.

Logo nos primeiros anos na Caixa, destaquei-me. Um dos marcos foi quando, junto com o colega Marcos Joaquim, desenvolvi um sistema para automatizar os pagamentos da Secretaria de Saúde do Estado. A solução reduziu drasticamente o trabalho manual e melhorou o atendimento ao cliente. Foi gratificante unir minha formação em TI com as demandas da Caixa.

Cada passo dentro da Caixa foi construído com esforço, aprendizado e gratidão por aqueles que confiaram em mim. A Caixa se tornou mais do que um trabalho — tornou-se parte da minha identidade.

Com dedicação constante aos estudos e à Caixa, fui

*“Na Caixa construí amizades duradouras, conheci meu marido e pude ajudar minha mãe a realizar o sonho de ter um sítio. A Caixa me deu estrutura, propósito e oportunidades”*

convidada a assumir a gestão do Posto de Atendimento - PAB Assembleia Legislativa do Piauí — uma unidade estratégica e desafiadora, responsável por atender mais de 8 mil servidores e mais de 30 deputados estaduais. Era a mais jovem da equipe, cercada por colegas mais experientes e com muitos anos de casa. O desafio era grande: liderar com respeito, competência e resultados uma unidade que tinha fama de alta rotatividade de gestores.

Deu muito certo e, durante quase cinco anos, enfrentei uma rotina intensa, mas extremamente enriquecedora. Automatizamos processos que antes exigiam três pessoas, otimizando o trabalho com tecnologia e inteligência. A unidade conquistou prêmios, reconhecimento nacional e, principalmente, a confiança dos clientes e da equipe.

Enquanto minha carreira na Caixa avançava, minha vida pessoal também passava por grandes transformações. Encontrei o amor ao lado de um colega da Caixa. Casamos e formamos uma linda família. Foi por amor ao Rhuan, filho biológico do meu marido Djann e meu filho de coração, que esse casamento começou. Ele entrou na minha vida aos oito anos e, aos nove, pediu para morar conosco. Rhuan se tornou meu parceiro, era meu filhote e, até hoje, mesmo morando no exterior, ocupa um lugar imenso no meu coração.

Com o tempo, senti o desejo de viver a maternidade também pela gestação. Planejei com carinho a chegada da minha filha, Ivy. No entanto, a gravidez foi de risco. As demandas do trabalho no Posto de Atendimento da

Assembleia Legislativa do Piauí eram intensas, e minha saúde começou a dar sinais de alerta. Após episódios de sangramento, meu médico foi claro: ou eu cuidava da gravidez, ou colocava tudo em risco.

Escolhi minha filha. Tirei a licença, mas essa decisão teve um custo emocional alto. Fui transferida de unidade, algo que gerou um momento de dor e frustração. Senti como se minha decisão de ser mãe tivesse me tornado invisível. Como se, ao escolher a vida da minha filha, eu tivesse perdido meu valor profissional. Foi um período difícil, mas também de profunda transformação. Ivy nasceu saudável, e cada sorriso dela me lembra que fiz a escolha certa.

Após a licença-maternidade, voltei à Caixa em um cenário completamente novo: nova unidade, novos colegas e uma área na qual eu nunca havia atuado. Era como recomeçar do zero. E, apesar da dor da transferência inesperada, eu me recusei a desistir. A resiliência que me trouxe até ali me guiaria mais uma vez.

Naquele momento difícil, senti falta de alguém que me ouvisse, que me defendesse. Essa ausência despertou em mim o desejo de ser essa voz para os outros. Foi assim que entrei para o movimento associativo dos gestores da Caixa. Comecei no Conselho Fiscal da AGECEF, depois fui vice-presidente, diretora de comunicação da FENAG, presidente da AGECEF Piauí e, por fim, presidente do Conselho Deliberativo da FENAG.

Minha luta passou a ser por uma Caixa mais humana, mais justa. Luto por quem sofre assédio, por quem é silenciado, por quem precisa de apoio. Luto pelas mães

que, como eu, foram vistas como menos capazes por escolherem a maternidade. Luto por um ambiente onde todos se sintam valorizados, respeitados e ouvidos.

Hoje, recebo ligações de colegas de todo o Brasil, compartilhando suas dores, suas histórias. E eu escuto. Porque sei o quanto é importante ter alguém que diga: “Você é capaz. Você não está sozinha.”

Atualmente, atuo na área de Governo da Caixa, na VIGOV, onde fui acolhida com empatia e respeito. É um ambiente desafiador, mas com suporte real. Sinto orgulho do trabalho que realizamos, das entregas que transformam vidas, das obras que impactam comunidades. Voltei a atender o cliente público, e tudo o que vivi me preparou para estar aqui.

Chegar à gerente de Filial na GIGOVTE foi mais do que uma conquista profissional — foi a confirmação de que os desafios sempre me impulsionaram. Um colega acreditou em mim e me incentivou a participar do processo seletivo para gerente de filial. Ouvi opiniões diversas: alguns diziam que sim, outros que não era para mim. Mas foi justamente o “não” que me motivou. Sempre fui movida por desafios.

Desde o nascimento, quando minha mãe recusou entregar-me a outra família, minha história foi marcada por resistência. Minha mãe provou que podia me criar. E eu, desde então, tenho provado que posso chegar aonde quiser.

Na GIGOV, cada projeto é uma transformação real. As obras que ajudamos a viabilizar mudam vidas, cidades,

estados. Ver a gratidão nos olhos das pessoas é o maior reconhecimento que posso receber. E isso me motiva a cuidar da equipe, a valorizar cada colaborador, porque são eles os verdadeiros protagonistas nas nossas entregas.

Tudo o que vivi — desde os ofícios com Francisca Barros (minha primeira gestora quando fui estagiária no IFPI) até os sistemas que desenvolvi na Caixa — me preparou para estar aqui. E hoje, mais do que nunca, tenho orgulho de mostrar à minha filha, à Ivy, que ela pode ser o que quiser. Que nenhuma barreira, nenhum preconceito, nenhuma frase como “isso é para homem” podem definir seu destino.

Este é o legado que quero deixar: que as mulheres saíram que podem ocupar qualquer espaço. Que a maternidade não é um obstáculo, mas uma força. Que, como meu avô Jorge me ensinou, a dor pode se transformar em luta. E que, com coragem, empatia e propósito, podemos construir um mundo mais justo — dentro e fora da Caixa.



**Fábia Carvalho Le Lonnes**

Natural de Teresina - PI  
Colaboradora Caixa desde 03 de  
fevereiro de 2006



# Ela(s) e eu

*Fabíola Rodrigues*

Ela me inspira a ser melhor a cada dia.  
Encanta o cliente, busca excelência  
Promove o digital, garante sustentabilidade  
E exerce, naturalmente, considerável influência!  
Ela tem cento e sessenta e quatro anos e há dezenove  
me acolheu...  
De mãos dadas caminhamos  
Esta admirável senhora e eu.  
Há quem diga que ela é um banco.  
Não! Ela é muito mais!  
Sua missão é transformar vidas  
E as tem transformado, desde nossos ancestrais

Quando nasci, ela já era centenária  
Lembro-me com carinho dos cofrinhos!  
E embora grande, nossa diferença de idade  
Não impediu que trilhássemos os  
mesmos caminhos  
Ela é múltipla: inúmeras agê-  
cias, lotéricos  
Habitação, Programas Sociais  
pelo país afora  
Agente de Políticas Públicas de  
Governo...  
Ela é única! Ah, incomparável  
senhora!  
A emoção de um telegrama recebido  
Convocando-me aos exames admissionais;  
Duas competentes mulheres conduziram  
O Curso de Integração na capital das Minas Gerais.  
Ali assimilei o propósito  
Dessa secular Instituição:  
Realizar sonhos, promover qualidade de vida,  
Sendo revolucionária desde a sua criação.  
Permitiu à escrava Joana sua alforria.  
Pioneira na abertura de conta à mulher  
Conferindo dignidade à beneficiária do Bolsa Família,

*“Ela tem cento e sessenta  
e quatro anos e há dezena-  
nove me acolheu... De  
mãos dadas caminhamos  
Esta admirável senhora e  
eu”*

Da criança à anciã, não se descuida de uma cliente se-  
quer!

E nesses dezenove anos

Construí aqui uma trajetória

Perpassada pelas de outras tantas mulheres

Fortalecendo, com orgulho, a minha história!

Lembro meu início em uma agência:

Concessão de crédito, cidadania na prática diária.

A menina que poupava nos cofrinhos

Viu-se então no papel de economiária!

Lá, graças à percepção de uma colega querida

A respeito de meu potencial para uma vaga ofertada

Após sete meses participei do primeiro processo seleti-  
vo

Secretaria da Superintendência Regional: fui então  
aprovada!

A Superintendente foi a minha primeira gestora

Mulher forte e respeitada, incitou-me a crescer...

Muitos desafios superei até o momento

De buscar novos ares, outra área conhecer.

E foi na Gerência de Governo que testemunhei mais ve-  
zes

O legado da senhora centenária, de transformar vidas.

Sob a Coordenação de uma inspiradora mulher

As redes de relacionamento com os gestores municipais fortalecidas.

Tudo começa com a assinatura de um contrato

E culmina com qualidade de vida à população.

Atendimento que gera crescimento econômico nas cidades

Trabalho que contribui para a melhoria da gestão.

No agradecimento de um prefeito

Vislumbro de um município inteiro o “obrigado!”

Pela água tratada, acesso ao transporte público

À infraestrutura e ao saneamento seu direito é assegurado.

Hoje percebo que minha história

Tendo esta senhora como protagonista

Transcende o ambiente corporativo, portanto me pergunto:

Saberia ela quão gratificante é, para mim, ser parte de tantas conquistas?

Sim! Ela sabe! E me confirma que para isso ela nasceu!

“Também os seus sonhos acalentei

E vi você conquistá-los um a um

Desde aquele telegrama que há dezenove anos te enviei...

...a casa própria, o primeiro automóvel,

As desejadas viagens, os amigos que fez...

*Elas Autoras*

Enxergar propósito em seu trabalho,  
Encarando os desafios e minha missão com honradez!"  
E emocionada eu parabenizo a senhora  
E ela me parabeniza, por sua vez,  
Como num elo de sororidade e gratidão mútua,  
Um pacto de lealdade que jamais se desfez.  
Ah, admirável senhora CAIXA!  
Palavras são insuficientes para te exaltar...  
Nesta mulher, mãe, amiga e companheira  
Encontrei o meu lugar!





**Fabíola Rodrigues da Silva**

Natural de Tupaciguara - MG  
Colaboradora Caixa desde 12 de  
dezembro de 2005



# Onde nasce a esperança

*Fernanda Rezende*

O sol ia surgindo no céu, misturando tons de azul ao escuro da noite, que, aos poucos, ia se dissipando no ar.

Dona Edna e sua filha Angélica deixavam a pequena casa no bairro Jardim Araguari. A rotina da família começava cedo. Edna, mulher de muita coragem e jeito suave, de esperança no olhar mesmo diante de várias dificuldades que a vida trazia, carregava a força de quem aprendeu a lutar para sobreviver a cada dia. Saía de casa antes da filha, na busca de fazer alguma faxina para ajudar nas economias da casa. Angélica, adolescente e sonhadora, carregava os livros nos braços enquanto atravessava a rua para ir de encontro ao seu pai. Do outro lado da rua, o senhor Joel dava partida em seu fusquinha azul royal. Era um homem simples, fazia bico

numa oficina de lanternagem e era pai de Angélica e de mais quatro crianças. Todos os dias, ele fazia questão de levá-la até o ponto de ônibus. E, quando não tinha serviço, voltava para olhar os outros filhos antes de acompanhá-los à escola.

Mas nem tudo era leve e tranquilo. As contas se acumulavam sobre a pequena estante da sala. Casa simples, a geladeira, algumas vezes vazia, esperando um dia melhor chegar. Dona Edna tentava equilibrar o orçamento da casa, aguardando o dia de receber seu benefício, que era um momento de muita alegria para a família. Joel, esforçado e trabalhador, via o movimento da oficina diminuir. Angélica, entre as provas e os sonhos de um futuro melhor, sentia cedo a responsabilidade de ir bem na escola e ajudar sua mãe nas tarefas da casa e com seus irmãos.

Foi então que, mais uma vez, a esperança chegou na casa. A família, que já era beneficiária do programa Bolsa Família, agora recebeu a confirmação do Programa Pé de Meia, oferecendo suporte aos estudos. Os funcionários da agência trouxeram orientação e deram todo o apoio para mais uma família, mostrando que é possível sonhar com uma nova situação. Os seus projetos sociais não apenas oferecem ajuda financeira, mas também constroem novos caminhos. Edna passou a participar de oficinas comunitárias, buscando aprender novas

*“Foi então que, mais uma vez, a esperança chegou na casa. A família, que já era beneficiária do programa Bolsa Família, agora recebeu a confirmação do Programa Pé de Meia, oferecendo suporte aos estudos”*

habilidades. Angélica, com o incentivo para os estudos, passou a se dedicar mais e a enxergar o ensino médio como um caminho para uma boa colocação profissional, o primeiro degrau de uma longa escada a ser percorrida.

Naquela noite, após um dia cheio de pequenas vitórias, Edna olhou para todos sentados à mesa e sentiu gratidão. Havia comida, havia a bagunça normal das crianças, havia esperança. E, naquela casa simples, ia sendo escrito mais um novo capítulo de uma história escrita por mulheres fortes, como a corajosa Dona Edna e a sonhadora Angélica.





**Fernanda Reis Rezende**

Natural de Brasília - DF  
Colaboradora Caixa desde 05 de  
março de 2007





compreender; cada um traz suas experiências e vivências como pano de fundo de sua forma de enxergar e viver a vida. Trabalhar na CAIXA, uma empresa cuja missão social apresenta-se de forma tão latente, sobre tudo em áreas como a VIGOV, em que se tem a oportunidade de acompanhar o poder de transformação social das políticas públicas das quais fazemos parte, é gratificante e nos convida à reflexão de temas profundos. Nos leva a nos questionar e fazer uma autocrítica do quão comprometidos estamos com o que há de mais essencial em nós: nossa humanidade.

Nesse contexto de voltarmos para nós mesmos, que possamos nos empenhar em aprimorar nossos talentos especiais, mas que, diariamente, estejamos cada vez mais comprometidos com o talento que nos é inato: o talento de ser humano. Ser em sua plenitude, com os riscos e consequências que isso implica. Amar, perdoar, errar, acertar, rir, chorar, acalentar, compadecer, cuidar, ouvir, ser, enfim, uma “metamorfose ambulante”, e aceitar essa condição como inerente à nossa existência.

Um sorriso, um abraço podem mudar o dia de alguém. A escuta pode curar e aliviar a alma. É tão simples e pode representar tanto... Que não nos guardemos! Que possamos viver sem medo de demonstrar nossas fragilidades, sem a sombra de ter que parecer o que não se é. Que possamos exercitar nossa liberdade para nos

*“Um sorriso, um abraço podem mudar a vida de alguém. A escuta pode curar e aliviar a alma. É tão simples e pode representar tanto... Que não nos guardemos”*

permitir sermos simplesmente humanos. Seres humanos talentosos. Talentosos como profissionais, como pais, como filhos, como irmãos, como colegas, como cidadãos. E que o amor seja o limite, o parâmetro, o guia, pois, onde há amor, não há erro, só vontade de acertar!





**Fernanda Tavares Rezende**

Natural de Uberlândia - MG  
Colaboradora Caixa desde 12 de  
setembro de 2005



# **Uma jornada de sonhos, coragem e conquista**

*Genaina Talita*

Era 1984 quando, no interior do Rio Grande do Sul, nasceu uma menina em uma família de pequenos agricultores. Cresceu livre e feliz em uma casa amarela de madeira, simples, às margens de um riacho. A infância foi marcada pela leveza da vida no campo, pelas tardes quentes de verão e pelo frio rigoroso do inverno que mantinha o hábito de subir um grande morro de onde avistava a pequena cidade de cinco mil habitantes. Lá de cima, sonhava com o mundo além do horizonte — queria conhecê-lo, desbravá-lo.

Determinada a seguir seus sonhos, sabia que o primeiro passo era terminar os estudos e se mudar para Caxias do Sul, uma cidade maior, onde sua irmã já morava. Aos 17 anos, com o coração cheio de esperança, pediu ao pai permissão para partir. E partiu.

Em Caxias começou uma nova fase. Pouco tempo depois, decidiu ir mais longe: mudou-se para São Paulo para tentar a carreira de modelo, um sonho desde a infância. Por dois anos aprendeu a se virar sozinha em meio a uma selva de pedras e viveu intensamente cada experiência. Desfilou nas principais semanas de moda do Brasil e chegou a ser convidada para morar no Japão, mas por ser menor de idade e ainda não ter passaporte, precisava retornar ao interior para providenciar os documentos. Como nesse mundo da moda as coisas acontecem muito rápido, a oportunidade passou, mas as lições permaneceram. Quando os trabalhos estavam escassos e a vida na cidade grande difícil, optou por voltar a Caxias do Sul e buscar novos caminhos.

De volta, reencontrou um amor, que seria o amor da sua vida — aquele que se tornaria seu companheiro e pai de seus filhos. Juntos enfrentaram os desafios da juventude: dividiram contas, fizeram faculdade e construíram uma vida com esforço e parceria.

Em 2009, foi aprovada em um concurso da CAIXA, um marco que prometia transformar seu futuro. Mas havia outro plano em andamento: um intercâmbio na Espanha, para cursar um semestre da faculdade em Toledo. A alegria da aprovação veio acompanhada de incertezas — e se fosse chamada para a integração antes do fim do intercâmbio?

Decidiu arriscar. Em terras espanholas, viveu experiências inesquecíveis e até planejou um mochilão ao fim do semestre. No entanto, o chamado da CAIXA chegou um mês antes do previsto, obrigando-a a retornar ao

Brasil e renunciar à viagem — seu marido foi sozinho. Ainda assim, era o início de uma nova fase.

Em 2010, ingressou oficialmente na CAIXA, e sua vida mudou para sempre. Com o novo emprego, o casal comprou a casa própria, e pouco depois o marido foi aprovado no concurso da Polícia Federal. A nova missão os levou para Santarém, no coração da Amazônia. Lá, ela recomeçou como técnica bancária, mas logo conquistou novamente a função de assistente e passou a integrar o banco de sucessores para gerência. Foi então convidada a assumir a gerência PJ em Porto Alegre.

De volta ao sul, nasceu o primeiro filho. Mas os sonhos

**“Ao olhar para trás, ela reconhece: a CAIXA foi peça fundamental nessa trajetória”**

continuavam: em 2018, o marido foi selecionado para um grupo de operações especiais em Brasília, e a família se mudou mais uma vez. Na capital federal, nasceu a segunda filha.

Com a chegada das crianças, veio também o desejo de desacelerar. Ela pediu redução de jornada e passou a exercer uma função de 6 horas, para estar mais presente no dia a dia dos filhos.

Hoje, após mais de 20 anos de união e tantas mudanças, o casal vive em Brasília, grato por tudo o que conquistaram. Ao olhar para trás, ela reconhece: a CAIXA foi peça fundamental nessa trajetória. Graças ao trabalho e à coragem dos dois, realizaram sonhos, conheceram o mundo e, o mais importante, construíram uma família forte, unida e feliz.





**Genaína Talita Menosso**

Natural de São João da Urtiga - RS  
Colaboradora Caixa desde 01 de  
março de 2010





dades, segmentos e o plano de carreira. Enxerguei ali um novo desafio, algo encantador, um mundo de oportunidades. Foi então que estabeleci meus três primeiros objetivos: ser promovida em até seis meses, participar de uma Missão CAIXA (me encantei pela Agência Barco e Missões Paralelas e seus propósitos) e trabalhar mais perto de casa, tendo em vista que minha primeira unidade exigia uma rotina diária de seis ônibus e até cinco horas apenas com deslocamento.

Com foco na melhoria da qualidade de vida e na estabilidade financeira, ingressei em uma pós-graduação e comecei a me preparar para a certificação CEA. Como não conhecia nenhum colega com essa certificação, vi ali um diferencial que poderia me destacar.

Três meses após minha admissão, consegui a aprovação na CEA. Em seguida, mergulhei nos cursos internos, obrigatórios e por iniciativa própria, me preparando para o próximo passo. Aos quatro meses, estava habilitada para os primeiros processos seletivos. Durante uma das entrevistas, sentia-me muito confiante, até que, ao final, a gestora perguntou minha idade. Respondi com leveza e humor, embora temesse que isso pudesse me excluir do processo. Porém, no dia seguinte, para minha surpresa, a gestora me ligou dizendo que a vaga era minha e que, de longe, eu havia sido a melhor candidata. Naquele instante, percebi que a CAIXA realmente valoriza o potencial de cada pessoa, sem barreiras de idade ou qualquer outro tipo de discriminação”

“Naquele instante, percebi que a CAIXA realmente valoriza o potencial de cada pessoa, sem barreiras de idade ou qualquer outro tipo de discriminação”

ras de idade ou qualquer outro tipo de discriminação. Chorei de alívio e gratidão, saindo da agência com o sentimento de que tudo ficaria bem, tudo no tempo certo, só dependeria de mim.

Com cinco meses de empresa, assumi o cargo de Assistente de Varejo na unidade de Taguatinga, alcançando, ao mesmo tempo, duas das minhas metas iniciais: um salário melhor e um local de trabalho mais próximo de casa.

Em Taguatinga, atuei na área de pagamentos de benefícios sociais, o que me rendeu o convite para minha primeira Missão CAIXA, na unidade de Breves, na Ilha de Marajó (PA), para suporte na implementação do projeto Pé-de-Meia. Foi emocionante participar de uma ação tão importante para o combate à evasão escolar. Em seguida, fui convidada para outra missão, agora em Baião (PA), município onde não havia agência da CAIXA. Com apenas dois notebooks, eu e um colega atendemos em uma biblioteca pública, com o apoio da prefeitura.

Este, confesso, foi o primeiro grande desafio: atendimento improvisado, nos valendo do que tínhamos em mãos. Eu ali, com apenas nove meses de empresa, organizando tudo para atender clientes que vinham de muito longe, muitos dos quais dormiam na fila à espera de ter seus problemas resolvidos. Foi uma linda experiência, finalizada com sucesso. No final de 2024, houve a inauguração da unidade de Baião. Sinto-me parte dessa conquista.

Alguns meses depois, veio o convite para uma nova

missão, em Cametá (PA), onde o objetivo era intensificar o cadastramento da biometria e a entrega de cartões para a população ribeirinha. Tive a honra de fazer a entrega do primeiro cartão pré-impreso pela CAIXA. Fui parar até no rede.caixa. Experiências assim reforçaram meu desejo de viver intensamente cada oportunidade, ajudando a transformar vidas.

Essas missões marcaram profundamente meu primeiro ano na CAIXA. Participar de ações em lugares onde o atendimento e as condições locais são precários foi mais do que uma experiência profissional, foi um reencontro com o propósito. Cada viagem trouxe seus desafios, improvisos, aprendizados e, principalmente, histórias humanas inesquecíveis: pessoas lindas que conheci e amizades construídas que permanecerão para a vida toda.

Percebi que estava vivendo exatamente o que nos apresentaram durante a semana de integração, sobre a diversidade profissional na CAIXA e em quantas áreas poderíamos atuar. Só com o tempo, após algumas experiências, poderíamos decidir onde gostaríamos, de fato, de seguir carreira. Pensando nisso, decidi tentar uma oportunidade na área de PJ e logo consegui. Já possuía alguma experiência nesse segmento em uma instituição privada e queria entender como o processo acontecia na CAIXA. Comecei a atuar na unidade Gama. Aprendi muito, foi um presente. Ajudei muitos clientes e fiz muitas amizades. Porém, mesmo com a comodidade de estar perto de casa e atuando em uma área interessante, sentia que meu caminho me levaria à Matriz, o famoso “prédio redondo”, com o qual sonhei por anos. Assim,

conversei com meu gestor sobre meu desejo de ir para a área meio e me candidatei a algumas vagas. Em menos de dois meses, consegui a vaga de Secretária Executiva na DESEG, a minha unidade do coração. Hoje, sou grata por me apaixonar diariamente pelo meu trabalho e pela CAIXA, reconhecendo sua importância social para as pessoas e para o Brasil.

A CAIXA renovou minha esperança no desenvolvimento, na realização pessoal e profissional. Aqui estou, pronta para os próximos desafios, com muito orgulho de usar este crachá e de ser uma mulher VIGOV.





**Jandira dos Santos Silva**

Natural de Brasília - DF  
Colaboradora Caixa desde 10 de  
julho de 2023



# **Mulher, mãe, profissional e filha de Deus: me reencontrando após a perda do meu esposo**

*Jéssica Maris*

Ainda que eu tente “superar” o luto após um ano e meio da partida do meu esposo, a verdade é que o luto não se supera. Não se apaga. O tempo não cura, não ameniza.

O luto revela a necessidade de se reinventar, porque a dor da ausência dilacera, e os sentimentos de vazio, tristeza, culpa, raiva, desesperança e medo nos fazem procrastinar.

Planos interrompidos, sonhos ceifados, a existência questionada, o núcleo familiar abruptamente dissolvido. A jornada, a partir dali, causa muito medo, insegurança, temor e dúvidas.

O primeiro Natal, o primeiro Réveillon, o primeiro Dia dos Pais, o primeiro aniversário de casamento, o primeiro aniversário dos filhos, a primeira festinha da es-

cola... Enfim, tantos dias e momentos dilacerantes.

Mas entendo que cuidar da minha dor é também cuidar de quem ficou, de quem está aqui, de quem amo: eu, meus filhos e minha família.

Assim, o desejo de estar saudável, física e mentalmente, para dar suporte emocional ao meu filho caçula, Eduardo, me motivou a retomar a corrida, iniciar uma nova prática esportiva — a natação —, buscar apoio especializado por meio da terapia, administrar a reforma de casa, viajar para novos lugares, ler novos livros, fazer outras amizades, visitar mais vezes minha família em Sorocaba/SP.

A volta ao trabalho, o reencontro com amigos e colegas, os novos desafios abraçados no ambiente profissional... E, aos poucos e sem pressa, a vida vai reencontrando seu ritmo — não igual ao que era antes, mas possível; não sem marcas, mas com sentido.

A fé em Deus e a certeza de que a vida é um presente divino se revelam em cada respiração, em cada amanhecer, em cada gesto de amor.

É uma dádiva que, muitas vezes, só compreendemos em sua plenitude quando confrontados com a ausência física de quem amamos e partiu inesperadamente.

Viver é um milagre. Mesmo nos dias comuns, há beleza: nos abraços de quem amamos, nos lugares que visitamos, nas pessoas que conhecemos ao longo da jornada, nos pores do sol apreciados, na chuva que tomamos, na flor que cheiramos, no riso fácil com os amigos, nas paisagens que admiramos, nos cafés que tomamos, nas

provas de corrida e/ou natação que disputamos, na música que ouvimos, nos almoços em família.

**“A dádiva da vida não termina com a perda de um ente querido. Pelo contrário, ela evidencia que viver é uma oportunidade diária de amar, perdoar, evoluir como ser humano, sentir compaixão pelo próximo, aprender e transformar o mundo ao nosso redor”**

A vida pulsa nos detalhes.

A dádiva da vida não termina com a perda de um ente querido. Pelo contrário, ela evidencia que viver é uma oportunidade diária de amar, perdoar, evoluir como ser humano, sentir compaixão pelo próximo, aprender e transformar o mundo ao nosso redor.

Cada batida do coração é um lembrete de que Deus nos confiou algo precioso: o tempo.





**Jéssica Maris Cano Ronzani  
Martins**

Natural de Sorocaba - SP  
Colaboradora Caixa desde 05 de  
novembro de 2007



# **Ser mulher na liderança é um desafio diário, mas também é inspiração!**

*Joyce Ramos*

Ser mulher na liderança é um desafio diário, mas também é inspiração!

Em meados de 2013, quando comecei a ser gestora na CAIXA, eu me olhava com pouquíssima gentileza. Eu não conhecia ainda a síndrome da impostora, mas eu já a sentia. Sentia todos os efeitos e sintomas. Eu me auto sabotava, me autoavaliava como incompetente, incapaz de trilhar um caminho duradouro de sucesso. Eu me comparava muito com os gestores anteriores e me cobrava demais. Sequer conseguia reconhecer minhas pequenas conquistas e feitos. A impressão que dava era que tudo o que eu fazia não passava de um “ah, eu tive sorte” e “a qualquer momento vão descobrir o quão insuficiente eu sou para esta função”.

Na contramão disso tudo, comecei a querer estudar de-

sesperadamente, a querer aprender sobre os produtos, a ler todas as cartilhas, a estudar e entender sobre gestão de pessoas. Era comum eu sair mais tarde que todo mundo para poder adquirir mais competências.

É pesada essa sensação, parece que você está enxugando gelo. Queria muito dar conta do recado.

Nessa minha primeira função, fui submetida a várias situações chatas, que de fato nem ocorreram com o superior hierárquico, que, por sinal, me tratou muito bem. O que pegou, na realidade, foi a relação com a equipe, os pares e alguns clientes que eu atendia a partir do momento em que virei gestora.

Sofri vários tipos de rotulação e preconceitos. Na época, eu era uma mulher de 29 anos. Só o fato de eu ser mulher e jovem já traz várias nuances que me submeteram a diversos julgamentos e paradigmas cruéis. Costumo dizer que ser mulher é não ter o benefício da dúvida, ou seja, na dúvida, estamos erradas.

Uma das situações mais delicadas que enfrentei em minha trajetória profissional ocorreu quando recebi um comentário de uma colega de equipe a respeito de uma flexibilização que realizei, enquanto gerente, para atender às necessidades de um cliente. Ela me disse: "Se eu fosse você, não faria esse tipo de coisa, porque pode parecer que há algo além da relação profissional com o cliente, não há?"

Fiquei surpresa e desconfortável com essa colocação. Foi especialmente impactante por vir de uma colega mulher, mais experiente e vivida, cuja fala reproduziu

um estereótipo machista e misógino que não esperava encontrar dentro da equipe.

Demorei muito a assimilar tudo isso e entender que não era sobre mim, era sobre ela, a vivência e a lente dela.

Outro caso, foi em uma situação em que alguns representantes do setor que eu atendia protocolaram um ofício para a Superintendência Regional da CAIXA pedindo que me tirassem daquela função, alegando que eu não tinha conhecimento suficiente para desempenhá-la e que eu não era reconhecida por eles. A colega que me trouxe esse feedback era mulher, ela pediu explicações, pasmem, e eu parei para dar satisfação de uma coisa que nem houve erro de minha parte. Era simplesmente um pré-julgamento, o pessoal não me conhecia, eu atendia um setor da construção civil que geralmente é predominantemente masculino. Me lembro como se fosse hoje, era uma sexta-feira nas vésperas de minhas férias. Eu simplesmente ouvi, informei meu chefe na época, baixei a cabeça e prometi “melhorar”. Nesse dia ao chegar em casa eu chorei tanto e decidi que ao retornar de férias eu iria entregar minha função. Enfim, eu não entreguei a minha função e decidi que ia continuar tentando desempenhar com muita entrega e competência. Até hoje sou Gerente de Filial e já liderei cinco equipes de quatro Estados diferentes da região Norte.

É claro que, nesse percurso, pesei a mão no quesito entrega ao trabalho e, muitas vezes, esqueci de mim, passando por cima dos meus projetos pessoais. Não consegui equilibrar a vida holisticamente, me anulei e me omiti muitas vezes. O que isso tudo trouxe de impacto

para a minha vida?

Minha saúde mental ficou debilitada. Eu me desequilibrei emocionalmente algumas vezes, quando quis acelerar na vida profissional (correr atrás das competências que eu achava que não tinha).

O fato é que todos esses acontecimentos também me moldaram muito, deixaram muitas lições de vida. Contribuíram para eu me tornar essa mulher forte, destemida e resiliente que sou. Mas ser assim teve um preço: no início, eu criei uma casca dura, que às vezes fazia minha aparência parecer fria e carrasca. Mas, no final das contas, era somente um mecanismo de defesa. Como eu precisei me entregar excessivamente às demandas para me sentir segura no que fazia, acabei não admitindo ser fraca e nem demonstrei vulnerabilidades. Chorar na frente de alguém da equipe? Nem pensar. Meu lema era fechar a cara, engolir o choro, executar e fazer acontecer.

Bem, aquela Joyce do passado jamais imaginaria que, 12 anos depois daquele início conturbado, ela se manteria gerente de filial e escreveria sua história para um concurso literário para mulheres, assumindo toda a sua vulnerabilidade e também sua potência. Esse espaço é muito importante para acolher a nós, mulheres, que também somos líderes e compartilhamos “dores” e “lutas” semelhantes.

*“O fato é que todos esses acontecimentos também me moldaram muito, deixaram muitas lições de vida. Contribuíram para eu me tornar essa mulher forte, destemida e resiliente que sou”*

Como já disse, continuo Gerente de Filial e continuo fazendo o que mais amo fazer, que é motivar e influenciar pessoas. Continuo uma mulher forte, mas agora mais madura e ciente de minhas limitações. E, claro, me olho com muito mais amor e aceitabilidade. Mas nem tudo são flores. A narração de uma pequena parte de minha história precisa ficar aqui registrada para promover uma reflexão em relação aos nossos comportamentos e atitudes, em relação à mulher e à liderança dela em nossa Instituição e em toda a nossa sociedade em geral. O que não fazer, o que não repetir, o que respeitar, o que não tolerar precisa ficar alinhado e compreendido para juntos, podermos construir uma CAIXA e uma sociedade mais forte, mais justa, mais social e inclusiva, que combatá qualquer tipo de violência contra a mulher. As micro atitudes precisam ser revistas com urgência para a construção de uma sociedade melhor para os nossos filhos e filhas.

Graças a Deus, os tempos mudaram e já evoluímos um pouco. Porém, temos um percurso desafiador para trilhar. Que seja cada vez mais comum termos espaços de respeito e acolhida em nossas unidades, sem competições desleais ou preconceitos. Que mais mulheres sejam empáticas pela dor de outras mulheres. Que mais homens levantem a bandeira em defesa das mulheres, dizendo não à cultura da desigualdade de gênero, dentro e fora da CAIXA.





**Joyce Ramos de Oliveira**

Natural de Rio Branco - AC  
Colaboradora Caixa desde 05 de  
abril de 2007



# Direção do coração

*Karenina Fumis*

Lembro da tenra infância  
das histórias de meu pai  
Escolhendo o seu caminho  
Diferente dos demais  
Foi abrindo caminho  
como um grande Capitão  
Firme e Corajoso  
Sul-Norte era sua direção  
Atrás, mais de mansinho  
sua mãe e mais seus irmãos  
O nascer do Sol do Mar

Se misturou com o azul do Céu  
Iluminou o caminho  
Irradiando muito amor  
Os caminhos foram mudando  
Sem perder a direção  
Deixando também um pouquinho  
do frio  
que aconchega e traz emoção  
Alguns mais pertinho  
Com muita atenção  
Todos com muito carinho  
E amor no coração  
De repente, misturou tudo  
Era muita animação  
Como um almoço de domingo,  
Virou uma grande multidão  
Viu algo Verde, lindo  
Como uma grande árvore  
Parou um pouquinho  
Olhou para todos os caminhos  
Num lindo Sol de Verão  
Tirou um bom cochilo  
Sentiu sossego no coração

“Alguns mais pertinho  
Com muita atenção  
Todos com muito cari-  
nho  
E amor no coração  
De repente, misturou  
tudo  
Era muita animação”

Como brisa, com muita calma  
As sementinhas caíam  
De mansinho, Sem perceber  
Se afastavam um pouquinho  
Parecia o mesmo caminho,  
com muito cuidado e carinho  
Pertinho do coração.  
  
De repente abriu os olhos  
Era como ilusão:  
Passava um lindo Cometa  
Com um rastro radiante  
de firmeza e de beleza,  
muito cativante  
Foi seguindo seu rastro  
Na medida do seu passo  
Sem deixar nada importante  
Parecia uma nova trajetória  
Firme, emocionante!  
Inspirando, com seu jeitinho,  
seguindo vibrante.  
Passou inverno com muito frio  
Tinha neve, podia brincar  
Chegou verão com sol e mar

Aconchegava seu coração  
Voltou ao caminho,  
Era uma grande multidão!  
Fez o seu ninho  
E continuou sua direção:  
Norte – Sul ou Sul – Norte?  
Continuou andando, às vezes saltando  
Seguindo a chuva, se escondendo do sol.  
Voando, atrás dos passarinhos.  
Chegou a noite  
Quis histórias para escutar  
Num colinho aconchegante  
sob a linda luz do Luar  
numa noite estrelada  
brilha uma luz muito radiante  
Será, mais um Cometa?  
Ainda está um pouco distante...  
Vem chegando suavemente  
uma brisa, daquele lindo Mar  
Era o nascer do Sol  
que já estava para chegar



**Karenina Carolina da Silva Fumis**

Natural de Natal - RN  
Colaboradora Caixa desde 09 de  
dezembro de 2013



# **Catingueira deveria se chamar CAIXA: Uma descoberta no sertão paraibano**

*Luciana Maroja*

Essa história se passa no Sertão da Paraíba, em 2012, durante um evento regional de assistência técnica aos municípios da região de Patos.

Estávamos eu, como supervisora técnica, e o Nelson, coordenador de assistência técnica, apresentando as regras dos diversos programas de governo às prefeituras da região de Patos. Desde o início do evento, que durou dois dias, fomos surpreendidos pela insistência do prefeito do município de Catingueira para que fôssemos visitar sua cidade. No final do evento, o prefeito nos abordou mais uma vez e disse que não poderíamos voltar para João Pessoa sem visitar a cidade de Catingueira. Disse que já tinha um carro esperando por nós para fazer a visita e que não iríamos nos arrepender de conhecer seu município. Sendo assim, resolvemos acei-

tar o convite. Ele ainda brincou, dizendo que separou dois carros: um para ele e outro para nós, já que a Caixa nunca aceita andar no carro da prefeitura.

E assim, partimos de Patos com destino a Catingueira. Quarenta minutos depois, estávamos chegando à sede do município de Catingueira. Logo na entrada da cidade, o carro parou, e o prefeito pediu para descermos. Ele apontou para a rua da entrada da cidade, revestida com paralelepípedo, e disse:

— Tá vendo essa rua linda, logo na entrada da cidade? Feita com recursos da Caixa.

E realmente o pavimento estava muito bem executado. Entramos no carro e continuamos pela rua principal. Paramos novamente, logo adiante, a pedido do prefeito. Descemos do carro, e ele apontou para uma rua — quase uma travessa — recém-pavimentada e para umas casas recém-construídas. Todo orgulhoso, ele falou:

— Essa rua também foi pavimentada com recursos da Caixa, assim como praticamente todas as ruas da cidade. Mas o que eu quero chamar atenção é para aquelas casas. Graças à Caixa Econômica, nós acabamos com todas as casas de taipa do nosso município. As últimas famílias que moravam em casa de taipa hoje moram em casas decentes. Vamos seguir para a praça principal agora.

E fomos para a área central da cidade, onde fica a igreja matriz. A praça, na área em frente à igreja, estava em reforma. E, mais uma vez, o prefeito falou, todo orgulhoso:

— A reforma dessa praça era um sonho dos moradores de Catingueira. O padre deu um trabalho danado para autorizar. E só conseguimos com a ajuda da Caixa. E ainda tem mais...

Nessa hora, ele até fez uma brincadeira, dizendo:  
— É tanta coisa nessa cidade construída através da Caixa, que eu acho que devia mudar o nome da cidade para Município da Caixa Econômica. Vou mostrar agora um dos orgulhos da nossa cidade: o campo de futebol mais bonito da região.

*“É tanta coisa nessa cidade construída através da Caixa, que eu acho que devia mudar o nome da cidade para Município da Caixa Econômica”*

E seguimos de carro para conhecer o famoso campo de futebol. E realmente foi de impressionar. O gramado era um tapete verde impecável, sem nenhuma falha. As arquibancadas, bem branquinhas, davam gosto até de sentar-se. O prefeito, todo orgulhoso, foi logo dizendo:

— Esse é o campo mais bonito da região. Todos sonham em jogar neste campo. Acho até que vai sair daqui, de Catingueira, um jogador para a seleção brasileira. Porque dá gosto de treinar num campo assim, né? Tudo graças à Caixa...

Caímos na gargalhada. Aí ele falou:

— Agora, guardei o melhor para o final. Vamos ver o lugar mais querido pelo povo de Catingueira, principalmente a criançada.

E fomos andando para um local de muro alto, com por-

tões largos, bem próximo do campo.

Quando entramos no lugar, nos deparamos com uma grande área coberta (estilo lanchonete com varandão) de apoio e uma piscina semiolímpica, bem azulzinha. A piscina estava limpíssima, não tinha uma sujeirinha sequer. Ficamos maravilhados. O prefeito, já um pouco emocionado, começou a falar:

— Essa piscina é mais do que a gente sonhou aqui para o município. Durante a semana, nós temos as aulas de natação, e, no final de semana, nós abrimos o espaço para lazer. A criançada fica ansiosa para chegar ao final de semana. A coisa mais linda é ver os meninos descendo a serra com a toalhinha no ombro e aquele sorrisão no rosto. Todos muito felizes. Agora imagina aí, doutora, se algum desses meninos um dia imaginou que ia tomar um banho de piscina, numa piscina tão maravilhosa como essa? Eu acho que nem nos melhores sonhos eles imaginaram isso.

Nesse momento, ele veio mostrar um álbum com fotos dos finais de semana naquele espaço. Realmente, não tinha como não se emocionar. A felicidade estampada nos rostos naquelas fotos é algo que nunca vou esquecer. Foi uma sensação indescritível, de orgulho e de realização profissional. Naquele momento, ficou mais do que claro qual o nosso propósito. Com a nossa participação, podemos mudar a vida de uma cidade e promover ações que fazem diferença na vida das pessoas. E, antes de nos liberar para João Pessoa, ele finalizou:

— Tá vendo o motivo de eu ter insistido tanto para vocês virem visitar Catingueira? Eu sei como é difícil vo-

*Elas Autoras*

cês arranjarem um tempo para visitar as cidades. Sei que é muita coisa na Caixa para resolver. Mas vocês precisavam sentir e ver de perto o resultado do trabalho de vocês. Obrigado por tudo que fizeram e fazem pelo nosso município.

E essa experiência nunca saiu da minha cabeça...





**Luciana Torres Maroja Santos**

Natural de João Pessoa - PB  
Colaboradora Caixa desde 05 de  
agosto de 2002



# Trajetória de uma arquiteta na CAIXA

*Luzia Valéria Bomtempo*

Quando estudante de Arquitetura, queria trabalhar no BNH, o Banco Nacional da Habitação, que era uma instituição federal de desenvolvimento urbano voltada ao financiamento de empreendimentos imobiliários. Porém, em 1986, o BNH foi incorporado à CAIXA; daí, os planos seriam outros.

Fiz concurso para escriturária na CAIXA e esperei por muito tempo para ingressar. Me formei em 1989. Foi quando recebi a convocação para me apresentar na CAIXA, informando que eu havia passado no concurso e precisaria fazer mais uma prova: de datilografia. A situação era a seguinte:

- ✓ Não existiam computadores naquela época, só máquinas de datilografia.
- ✓ Precisava ter jeito e força para apertar as teclas da máquina.
- ✓ A prova de datilografia era eliminatória.
- ✓ Eu tive umas aulas de datilografia no Colégio Pitágoras, mas nem me lembra mais.
- ✓ Eu era uma “catilógrafa”, ou seja, catava as teclas.
- ✓ Eu não sabia usar todos os dedos para datilografar.
- ✓ Era necessário digitar um texto aleatório que era fornecido.
- ✓ Não havia como corrigir caso teclasse errado a palavra do texto.
- ✓ Os erros cometidos diminuíam a nota da prova.
- ✓ Estava insegura, então fiz um curso de datilografia por três dias. Neste curso, deram-me dicas preciosas:
  - ✓ Concentre-se e não se preocupe com o barulho das outras máquinas.
  - ✓ Vá com calma e respire fundo.
  - ✓ Pode ser lenta, mas não pode errar.
  - ✓ Quem é muito rápido pode cometer vários erros.

Resumindo: segui as dicas e passei na prova de datilografia.

Quando entrei na CAIXA, em 1989, como escriturária, preenchi um formulário e informei que queria trabalhar na área de saneamento ou habitação. Não houve um curso de “Boas-Vindas”, como há hoje em dia, explicando como funciona toda a empresa. Os novatos de

Belo Horizonte compareceram à Tupinambás para assinatura do contrato e ingresso na FUNCEF.

Na Rua Tupinambás, em BH, há o prédio da CAIXA e a Agência Tupinambás, que é a mais antiga de Belo Horizonte. Neste prédio, havia (e ainda há) um auditório onde os novatos e novatas compareceram — inclusive eu. Ingressei na CAIXA e fui trabalhar na unidade “Empréstimos à COHAB”. Na época, para o cargo de arquiteto, a contratação era somente para os funcionários da CAIXA.

Com pouco tempo como escriturária, surgiu uma oportunidade: um concurso interno para engenheiros e arquitetos. Participei da seleção e passei. Mesmo estando com uma nota abaixo da média, tive esperança e aguardei ser chamada. Enquanto esperava, continuei como escriturária, técnica de fomento, passei por diversas unidades da CAIXA e tive muita experiência de vida. Muitos amigos ao longo da caminhada e algumas disputas por melhores cargos e salários.

Bem, não adiantou esperar. Não fui chamada nesse único concurso interno para a carreira profissional que aconteceu. Depois desse último concurso interno, o ingresso na carreira de arquitetos passou a ser por meio de concurso externo. Era uma exigência da categoria de engenheiros e arquitetos para obter oportunidades iguais para os profissionais. Muito justo. Participei e passei no concurso externo.

Demorou muito para eu ser chamada para o cargo de arquiteta. Passei por mais algumas unidades da CAIXA ainda na carreira administrativa, até que, um dia, deu

certo. Incrível, mas, se não fosse um telefone fixo do plano de expansão que eu havia adquirido, não teriam me encontrado. É que ligaram da CAIXA para avisar que eu precisava me apresentar. Eu não estava em casa na hora, mas anotaram o recado para mim. Amei terem me ligado. Fiquei muito feliz por encontrar, no RH da CAIXA, pessoas comprometidas, que pensam em fazer o melhor e se esforçam “pulando o balcão”.

Para ingressar em nova carreira, tive de sair da CAIXA como técnica de fomento da carreira administrativa para ser profissional de Arquitetura. Ingressei como arquiteta do quadro em 01/12/2003. Na época, o concurso era a nível Brasil e eu poderia ser chamada para qualquer estado onde houvesse necessidade de arquiteto. Hoje, o concurso é regional, o que considero uma melhora, já que os profissionais que ficaram longe de casa sempre queriam voltar, mas demorava, pois precisavam aguardar uma vaga.

Tive muita sorte, pois fui convocada para MG, meu estado. Mas nem tanta sorte assim, pois não foi para BH. Na verdade, fui para Governador Valadares, onde eu e mais alguns engenheiros e arquitetos fomos muito bem recebidos. Mesmo estando em Minas Gerais, ainda pretendia voltar a Belo Horizonte, minha cidade natal. Eu e outros tantos... Demorou muito para conseguirmos voltar. Tive de passar por Juiz de Fora e Divinópolis antes de vir para Belo Horizonte. Em Valadares, estive até 24/07/2007. Em Juiz de Fora, foi uma estadia curta, de três meses, em apart-hotel, até 21/10/2007. Em Divinópolis, fiquei quase um ano, até 05/09/2008. De lá pra cá, só em BH, perto da família e amigos.

Uma despedida em uma dessas áreas de atuação não sai da minha memória. Em Valadares, onde ingressei como arquiteta e fiquei muito tempo atuando, os colegas fizeram uma canção para me homenagear. Nessa canção, criaram uma letra sobre os cachecóis que eu costumava usar em uma das cidades mais quentes de

*“Uma despedida em uma dessas áreas de atuação não sai da minha memória. Em Valadares, onde ingressei como arquiteta e fiquei muito tempo atuando, os colegas fizeram uma canção para me homenagear”*

Minas Gerais. A música de Roberto Carlos (“Debaixo dos Cacácos dos Teus Cabelos”) foi adaptada com as palavras que cantaram para mim. O colega Jomar era um artista. Tocava violão e fazia apresentações em um bar na Ilha dos Araújos. A Raquel disse que demorou, mas conseguiu diversos cachecóis, que todos estavam usando, num coral maravilhoso. Todos participaram do coral. Foi uma surpresa incrível dos meus colegas e companheiros de jornada.

As unidades da CAIXA onde atuei como arquiteta mudaram um pouco ao longo dos anos. Trocaram nomes das unidades, foram reestruturadas, mudaram a unidade de endereço, a habitação ficou desmembrada da área de governo... As mudanças sempre acontecem, e a gente precisa se adaptar, ser resiliente. Em BH, como arquiteta, já estive em prédios diferentes: na Avenida João Pinheiro, próximos da Praça da Liberdade; na Rua Maranhão, perto da Santa Casa; e, atualmente, estou no mesmo prédio onde assinei meu contrato com a CAIXA

como escriturária: Rua Tupinambás. Aquele antigo auditório hoje está reformado, com acessibilidade, todo lindo e moderno.

Hoje, faço parte da GIGOV/BH, ajudando diversos municípios nos mais variados empreendimentos, visando à melhoria da qualidade de vida das pessoas. Seja na área de esportes, saúde, educação, lazer, saneamento básico, regularização fundiária ou qualquer outra necessidade do município, a CAIXA é a parceira ideal. Tudo isso me deixa muito orgulhosa de ser quem sou e da profissão que escolhi e exerço com carinho, solucionando os problemas e enfrentando desafios com coragem e determinação.

Agradeço demais a todos os colegas que conviveram comigo nas unidades da CAIXA por onde passei, como escriturária e como arquiteta. Valeu demais compartilhar momentos memoráveis com pessoas tão incríveis.



**Luzia Valéria Mendes Bomtempo  
Miguez**

Natural de Belo Horizonte - MG  
Colaboradora Caixa desde 19 de  
outubro de 1989



# **Da máquina de escrever à Inteligência Artificial**

*Maria Luiza Nunes*

Passaram-se quase 36 anos e, de repente, tomamos um susto ao olharmos para trás e nos depararmos com tanta transformação dentro da Caixa Econômica Federal. Não só mudanças tecnológicas que impactaram os meios de produção, como também a mentalidade do corpo profissional.

Eu ingressei na empresa em 1989, em Belo Horizonte/MG, na área habitacional. Primeiro, em uma unidade que se chamava NUCOB – Núcleo de Cobrança; depois de três meses, fui para a antiga Divisão de Habitação Popular – DIHAP. Essas unidades funcionavam no prédio do ex-BNH – Banco Nacional de Habitação, entidade incorporada pela Caixa em 1986.

Naquele tempo, o indivíduo que escrevia por meio de uma máquina IBM era o rei dos reis! Eu me lembro, também, justamente após um mês que ingressei na empresa, de alguém estranhar o fato de eu estar cursando uma pós-graduação. Considerou aquilo desnecessário, pois, segundo sua visão de mundo, eu já estava segura por ter passado no concurso público da Caixa e não precisava me preocupar em estudar mais. Anos depois, as mudanças no processo de ascensão na empresa, graças a Deus, comprovaram o equívoco dessa pessoa!

Depois de um ano na DIHAP, início de 1991, fui trabalhar na antiga CESER, em área de retaguarda das agências, onde recebíamos os documentos oriundos de pagamentos diversos para cálculo, organização e posterior processamento. O trabalho era quase braçal; ainda havia as máquinas calculadoras. Após uns 11 meses, fui trabalhar na CECOM, antiga Central de Compensação de Cheques, onde permaneci durante 4 anos e 7 meses. Eu me lembro do trabalho, também quase braçal, de organização dos cheques e dos longos cálculos nas máquinas.

Na época, década de 90, o grande desafio era operar um fax ou telex. Por volta de 1994 a 1995, começaram a chegar os primeiros computadores, apenas para registro de documentos no sistema. Enfim, no final de julho de 1996, fui trabalhar na CETEL – Central de Telecomunicações, unidade que teve sua origem nesse mesmo ano. O trabalho envolvia uso de computadores para recepcionarmos ligações do público, solicitando informações sobre produtos e programas operacionalizados pela Caixa. Havia também o serviço de ligarmos para o

público, divulgando produtos, bem como campanhas para liquidar o saldo devedor dos financiamentos抗igos de aquisição da casa própria.

Foi possível, por meio de ligações — principalmente na divulgação da campanha de liquidação do saldo devedor — perceber e conhecer as diversas situações socioeconômicas da população brasileira. Eu me lembro de pessoas cuja prestação chegava a ser 10 reais, por exemplo, e de alguém que, com 200 reais, poderia quitar tudo com desconto e antecipadamente, mas aquilo representava muito para ele ou ela.

Fiquei nessa unidade até dezembro de 1997, pois eu já havia passado, em 1996, um ano antes, em um PSI — Processo Seletivo Interno, para assumir a função gratificada que tenho até o momento. Na época, a nomenclatura era Analista Social. Fiquei no Banco de Habilidos até assumir a função no antigo Escritório BH Norte, após uma pequena entrevista. Essa unidade abrangia alguns municípios da região metropolitana de BH e municípios do norte de Minas.

Quando cheguei ao escritório, estava em plena contratação de programas financiados pelo Orçamento Geral da União. O processo ainda era bem manual, com preenchimento das minutas de contrato; ainda havia mais manuseio e recepção de infindáveis papéis e documentos. Hoje, o processo é mais rápido com o uso das plataformas digitais, que fazem a interface da Caixa com os municípios e o Governo Federal.

A minha função, como é até hoje, é a de acompanhar todos os trabalhos de mobilização e organização comu-

nitária, educação ambiental e patrimonial nos programas com financiamento e repasse de recursos do Governo Federal.

A área de desenvolvimento urbano me propiciou conhecer uma outra realidade social e econômica do Brasil. Eu me ingresssei em outro universo profissional dentro da Caixa.

No momento, já próximo do final dos anos 90, as transformações tecnológicas quanto aos meios de produção tornaram-se um pouco mais rápidas. Eu me lembro que, em 1999, tomei conhecimento da ferramenta do e-mail; porém, ainda não tínhamos um computador para uso particular de cada um de nós. Antes de termos acesso ao Outlook, havia pequenos computadores que funcionavam como servidores, onde acessávamos as mensagens e comunicados da empresa.

Somente a partir de 2001, já lotada na antiga GIDUR – Gerência de Apoio ao Desenvolvimento Urbano, para onde fui no ano 2000, começamos a trabalhar com os nossos computadores individuais.

Hoje, finalmente, chegamos à era da IA. Os avanços tecnológicos chegam a ser assustadores; são inúmeros os apelos e chamamentos para aprendermos coisas novas. Tais apelos chegam a gerar um estresse constante e uma certa ansiedade ao tentar dominar toda a transformação digital.

*“A área de desenvolvimento urbano me propiciou conhecer uma outra realidade social e econômica do Brasil. Eu me ingresssei em outro universo profissional dentro da Caixa”*

Quando você considera que conhece algo muito avançado, no dia seguinte descobre que aquilo já está obsoleto!

Uma coisa digo e faço aqui: um apelo para as gerações futuras — não considerem esses avanços como um fim em si mesmo. Eles são meios e instrumentos para agilizar a nossa vida no trabalho e nas nossas vidas.

E, é claro, não há como voltar atrás. Todo esse processo é irreversível, mas não esqueçamos do real objetivo da Caixa e do nosso trabalho, que é promover o bem-estar social e econômico da sociedade brasileira!





**Maria Luiza Nunes Rodrigues**

Natural de Belo Horizonte - MG  
Colaboradora Caixa desde 16 de  
outubro de 1989



# Mulheres na VIGOV

*Marina Carvalho*

Sim, a história teve início no 20º andar da Matriz da CAIXA em mais uma manhã de encontro e desencontros. Encontros são aqueles marcados em que as partes têm a intenção de compartilhar os momentos e desencontros são os momentos em que a vida nos faz refletir e florescer para abrir novos caminhos.

Parecia um dia de semana comum, mas aquele seria um dia que merece ficar na história e no registro da CAIXA. Não é o dia em que tudo começou, mas que novos caminhos floresceram pelo encontro que aconteceu após o desencontro.

Dentre as várias agendas daquele dia, como sempre acontece na Matriz de um banco público, uma agenda

aconteceu e foi o que permitiu registrar o início de um grande movimento. A agenda que parecia o desencontro da disponibilidade dos participantes, tornou-se no encontro de novos caminhos para as Mulheres na CAIXA.

Pela primeira vez, em meses, foi a primeira agenda apenas entre Mulheres.

A primeira e segunda eram oriundas do Estado adquirido pelo Brasil por meio do Tratado de Petrópolis. Sim, as duas oriundas do Acre e buscavam apoio em projetos de infraestrutura daquele Estado.

A primeira tinha um cargo político importante no Estado e a segunda era sua segurança. Ambas igualmente preocupadas em tornar a vida de outras Mulheres melhores.

A terceira era uma brasiliense raiz que se alegrou ao encontrar na agenda apenas Mulheres, tão imponentes, tão delicadas e tão decididas a defenderem novos investimentos em seu Estado de origem.

Essa foi a primeira agenda em meses em que apenas Mulheres participavam, e após as apresentações iniciais surgiu a reflexão em como as Mulheres participam dos espaços e como podem incentivar a participação de outras Mulheres?

A primeira e a segunda relataram sobre a possibilidade de fazerem acontecer.

Sugeriram o livro da Sheryl Sandberg – Faça Acontecer,

*“Aquela manhã não teve foto, mas registrou no coração e na mente uma semente para suscitar a reflexão sobre a participação das Mulheres em espaços de tomada de decisão”*

### **Mulheres, Trabalho e Vontade de Liderar.**

Aquela manhã não teve foto, mas registrou no coração e na mente uma semente para suscitar a reflexão sobre a participação das Mulheres em espaços de tomada de decisão. Surgiu, assim, o movimento Mulheres da CAIXA e Mulheres na VIGOV.

E de tal modo, novas dúvidas surgiram, e outras Mulheres que estavam ali no 20º andar poderiam se tornar as Executivas e representantes desses anseios. Quantos projetos eram liderados por tantas Mulheres pelo país com o poder de coesão e de transformação? E quantas Mulheres poderiam ter a vontade de expressar a liderança?

Quantos Homens poderiam ser apoiadores desse movimento? Quantas líderes poderiam compartilhar com outras Líderes?

Cada uma a seu modo, ao seu jeito, convidava outra Mulher interessada e os interesses eram compartilhados e apresentados em jantares, almoços e grupos de apoio.

Temas como sororidade e síndrome do impostor vieram a ser estudados e refletidos em grupos. O caminho foi se estabelecendo e hoje é uma formosa e ativa escola na VIGOV.

A cada conquista feminina: uma vibração e uma sensação de euforia por poder ter a clareza de que aquele encontro entre três Mulheres permitiu a transformar o caminho de tantas outras Mulheres.

E a cada anseio ou novo posto, foi possível ter a certeza

que aquilo que parecia o desencontro das agendas, tornou-se o encontro que permitiu e abriu o caminho para tantas Rubis, Henriettes, Lucianas, Denises, Anas, Ludmila, Déboras, Núbias, Simones, Cinthias, Lineias, Samiras, Nádias, Marinas, Anas, Márcias, Adrianas e tantas outras que virão.

O importante daquele desencontro, foi criar a perspectiva para que outras Mulheres na VIGOV tenham um caminho para trilhar para alcançar a liderança. Afinal, quando uma chega, todas nós chegamos.



**Marina Carvalho Brasil Nacim  
Francisco**

Natural de Brasília - DF  
Colaboradora Caixa desde 16 de  
outubro de 2002



# Vida de RC

*Maristela Okamura*

Eu sou uma RC, mas você sabe o que é uma RC?

Meu nome é Maristela Mitiko Okamura, Engenheira Civil, empregada CAIXA desde 2010 e vou contar para vocês algumas peculiaridades da minha vida atuando como RC (Representante CAIXA).

Caro(a) leitor(a), se você ainda não havia ouvido falar no RC, provavelmente não trabalha com o Cliente Governo. Pois, quem atende esse cliente em algum momento já se deparou com um(a) RC atuando junto aos Municípios, Estados ou Distrito Federal. Nós prestamos assistência técnica nas áreas de repasse OGU, financiamento, entre outros, sendo o elo entre o Ente e a Caixa.

O Cliente Governo possui particularidades. A cada 2 (dois) anos podem ocorrer mudanças de gestores e o RC

precisa conhecer o portfólio da Caixa para atender as demandas dos Planos de Governo que nortearão essa gestão. Além disso, terá que analisar e se adaptar rapidamente ao perfil dos novos gestores. E isso precisa estar consolidado em no máximo 100 (cem) dias, período propício para conquistar a confiança do gestor e tornar-se referência durante o seu mandato.

Acredito que já iniciei minha jornada de RC com uma vantagem competitiva, pois trabalhei 17 (dezessete) anos do “outro lado”, onde tive a oportunidade de atuar no planejamento urbano e na gestão de subprefeituras.

Conhecer a “máquina” e as pessoas que a fazem funcionar tem sido um trunfo nestes 12 (doze) anos de atuação como RC. Afinal, eu já fiz parte dessa engrenagem, muito difícil de entender, para quem está chegando agora.

Algumas histórias peculiares possivelmente farão parte do livro de memórias que pretendo escrever. Vou contar uma delas, para deixá-los curiosos.

Certa vez, um novo gestor me deixou intrigada, pois não havia em sua atuação nenhum aspecto dos gestores “tradicionalis” com os quais eu já havia trabalhado. O pensamento crítico e avesso ao status quo estabelecido em décadas tornou-se uma barreira quase intransponível. Eu digo “quase” porque para um(a) RC superar essa barreira se torna uma questão de honra.

Como lidar com o desconhecido? Como entrar nesse universo?

Eu precisei me reinventar aos 61 (sessenta e um) anos. Matriculei-me em um curso externo, onde aprendi técnicas para identificar perfis e como me comunicar e

acessar os diferentes tipos. Com a criatividade bastante aguçada, mudei completamente a abordagem, passei a adotar a sua linguagem, com respostas rápidas e diretas, utilizando os canais que mais lhe são agradáveis e acessíveis, como as mídias sociais.

Resultado: nos exatos 100 (cem) dias de gestão eu con-

segui estabelecer a conexão necessária para atuar como RC desse Cliente Governo!

Essa é a minha vida de RC! Fiquem ligados, em breve novas histórias!

**“Eu precisei me reinventar aos 61 (sessenta e um) anos. Matriculei-me em um curso externo, onde aprendi técnicas para identificar perfis e como me comunicar e acessar os diferentes tipos”**





**Maristela Mitiko Okamura**

Natural de Cuiabá - MT  
Colaboradora Caixa desde 11 de  
junho de 2010



# Locomotiva

*Mônica Barreto*

Feliz corria no refeitório quente  
Cheiros, sabores d'uma infância à sorte  
De criaturas vis, reféns sem norte  
Pairando nuas nesse mundo crente  
Linhos medidas da arquiteta à frente  
A defender a norma até a morte  
Arquitetura que, com sopro, exorte  
Esse castelo tão etéreo e forte  
Caminha nesse meio fio o justo  
Numa batalha que falava Augusto

Ainda mortos nós teremos filhos  
E, assim, corre a criança lépida  
E outras tantas nessa Terra tépida  
Louco motivo sobre os mesmos trilhos!

(em referência às creches e escolas do FNDE com participação da Caixa)



**Mônica Martins Barreto**

Natural do Rio de Janeiro - RJ  
Colaboradora Caixa desde 15 de dezembro de 2003



# Trench Coat Vermelho

*Nara Bernardo*

Era um dia comum, o trabalho a chamar,  
Ela de trench coat vermelho, pronta para brilhar.  
Perguntei com curiosidade, com um sorriso a espiar,  
Onde havia comprado, qual loja eu iria encontrar?  
Na Argentina, ela disse com um brilho no olhar,  
E a ideia surgiu, sem planejar.  
"Vamos lá comprar um para mim?", eu propus a sorrir,  
E a resposta foi sim, rumo ao destino que começou a  
surgir.  
Na mesma hora, outra amiga apareceu,  
Falei da Argentina e ela topou, nem se abateu.  
Marcamos a data, com entusiasmo e vontade,

E começamos, sem saber, uma amizade de verdade.

Da Caixa para a vida, a história foi se tecendo,

Foram viagens, risos, vinhos, novas  
descobertas vivendo

O tempo passou, e a essência fi-  
cou,

E a cada aventura, mais um laço se  
formou.

Cada uma seguiu seu caminho pro-  
fissional, diferente, sim,

**“Da Caixa para a vida, a  
história foi se tecendo,**

**Foram viagens, risos,  
vinhos, novas desco-  
bertas vivendo”**

Mas o laço se fortaleceu, como um fio de cetim.

Recrutamos outra amiga, que o grupo completou,

E assim, as “lindas” se formaram, com respeito e muito  
amor.

Sempre com um novo destino, a alma a viajar,

E alegrias no coração, sem nunca deixar de sonhar.

Quase dez anos se passaram, e a amizade se consoli-  
dou

E o trench coat vermelho a gente nunca encontrou.

(Homenagem as minhas amigas “lindas”, Andreia Pinto,  
Cíntia Morato e Renata da Silva)



**Nara Bernardo da Costa**

Natural de Brasília - DF  
Colaboradora Caixa desde 06 de  
março de 2006



# Menina mulher, mulher menina

*Nathália de Abreu*

A menina um dia saiu de casa e foi fazer uma prova.

Depois da prova, expectativas, sonhos, espera...

A menina almoçava na casa dos avós, recebeu um telegrama (tão vintage) e os olhos brilharam.

Todos vibraram!

Primeiro dia de trabalho, a menina acordou cedo, carregou seus medos e sonhos e foi encarar o novo.

Mal sabia que aquele dia, um movimento paredista ali havia.

Não pôde entrar!

Começava ali a borbulhar as incertezas da vida de menina nos desafios da vida de mulher.

A menina mulher mergulhou nas rotinas, desafios, recompensas de carregar o legado daquela grande empresa na sua história, a CAIXA.

A menina foi dando espaço para a mulher, para a profissional.

A mulher comunicóloga se viu lotada na tecnologia, seu primeiro desafio.

Ufa, quanta gente boa no caminho e ela pode exercer o que ensinaram: Comunicar!

O tempo passou, a mulher seguiu novos caminhos.

Um caminho que lhe trouxe aquele conhecimento crucial da vida: Ouvir!

Quanto aprendizado, como a CAIXA é enorme, como há o que se ouvir...

E assim, após anos de escuta, de trocas e uma década de história, ela chegou ao Social.

A mulher não sabia o que vinha pela frente, mas bastou pouco para sentir que chegou aonde tinha que estar.

Ali, a mulher menina refinou ainda mais o olhar para o outro.

Sua jornada transbordou significado em tentar entender o que o outro tinha a dizer.

Como fazer diferença para aquela pessoa que teve sua história sob seus olhos em algum momento.

A mulher CAIXA fez amigos na jornada.

Fez de um grande amigo, seu grande amor.

A mulher virou mãe.

Se revirou.

Se viu mãe, profissional e já não sabia onde estava sua versão mulher, afinal.

Enquanto isso, a vida estava a todo vapor, dentro e “fora da caixa”.

A menina, mulher, mãe, profissional, FILHA.

A versão filha se viu desmancada, a mãe, adoentada.

A sua referência de mulher, mãe, profissional, parceira, presente em tantos anos, agora já não interagia como antes.

A filha queria compartilhar tanto com aquela mãe.

A menina queria colo de mãe.

A mulher queria a mãe pra ser avó.

A menina mulher carrega os traços, jeitos e sorriso daquela mulher incrível que lhe deu vida e é um presente em sua existência, em seu legado, em ser quem é hoje.

A filha é grata pela mãe que ainda está aqui, que se doou e viu tantas realizações, que também eram dela.

Mãe, não sei como você conseguia dar conta de tudo, mas eu entendo cada pedacinho seu, do jeitinho que você me dizia que um dia eu iria entender.

No ano em que EU, menina, mulher, esposa, profissional, mãe e filha, completo 20 anos dessa história com a CAIXA, ora desafiadora, ora acolhedora, revisito cada mulher que cruzou minha jornada e admiro suas falas,

suas escolhas, sua força escancarada ou escondida nas preocupações onerosas em suas mentes.

A mulher aqui, se orgulha da mulher que tá aí, lendo esse pedacinho da minha história, cheia de ideias, competência, desafios, equilibrando seus mil pratos.

A mulher menina torce para que um dia não tenhamos tantas caixinhas mentais para dar conta.

Que possamos ser livres para voar todos os nossos voos.

À CAIXA, o agradecimento por cada sonho que você me possibilita viver.

Obrigada por transformar a minha vida!

*“A mulher aqui, se orgulha da mulher que tá aí, lendo esse pedacinho da minha história, cheia de ideias, competência, desafios, equilibrando seus mil pratos”*



**Nathália de Abreu Monte**

Natural de Brasília - DF  
Colaboradora Caixa desde 03 de  
outubro de 2005



# Janelas para o passado, pontes para o futuro

*Patrícia Santos*

Na esquina de uma das ruas revestidas com pedras portuguesas, no centro histórico de São Luís, estava localizado o casarão imponente, com fachada de azulejos azuis e brancos, de onde se destacavam janelas e portas que adornavam o estilo colonial.

Na infância, essa agência da CAIXA me encantava todas as vezes que a visitava, na maioria das vezes para aguardar o fim do expediente da minha mãe.

Para os olhos curiosos de uma criança, a cadeira giratória era uma novidade, enquanto observava o som do Telex, que, à época, era um meio de comunicação bastante comum e no qual as mensagens eram perfuradas em fitas de papel com códigos, lentamente.

Havia máquinas de escrever, às vezes barulhentas nas

mãos de funcionários concentrados, e as calculadoras guardavam as somas em bobinas de papel.

As lembranças desse pedaço de infância sempre me ocorrem, naquele local que eu considerava uma joia arquitetônica em forma de agência bancária.

Naquele espaço, que representava um mundo inteiro, a criança já sentia satisfação em tomar parte, carregando com orgulho a caderneta revestida de plástico da conta poupança, onde depositava os pequenos sonhos.

Muitos anos se passaram, e o cenário para ingressar na CAIXA foi a cidade do sol, Natal. A comunicação passou a ser eletrônica, e pequenos computadores ocuparam as agências desde o fim dos anos 80.

A integração permitiu uma maior eficiência no atendimento. A tecnologia continuou avançando, e ferramentas como a inteligência artificial estão presentes no dia a dia.

Nessa linha do tempo, cada passo importa.

Caminhando nas calçadas da Ribeira, bairro boêmio da cidade do Natal, observo intervenções no passeio alcançadas através do trabalho da CAIXA, que ultrapassa o de um banco comum, principalmente nas ações para o desenvolvimento urbano.

O rio Potengi, moldura para um belíssimo pôr do sol, banha a cidade e me lembra o folhear de um livro, de várias páginas vividas.

Nesse livro, o moderno anda de mãos dadas com o passado, por meio da presença do nosso trabalho nos cen-

etros históricos, nas intervenções para modernizar as cidades ou na construção de sonhos futuros.

*“O melhor é que, vez por outra, o passado e o futuro se encontram e se renovam em novas histórias que fazem da CAIXA um banco genuinamente brasileiro”*

E, quando o dia se despede, as lembranças gravadas nos detalhes olham para o futuro, que anda rápido, em um passo acelerado.

E, nessa ponte invisível, quem imagina quais os novos cenários entre o que fomos e o que ainda podemos ser?

O melhor é que, vez por outra, o passado e o futuro se encontram e se renovam em novas histórias que fazem da CAIXA um banco genuinamente brasileiro.





**Patrícia Diniz Santos**

Natural do Rio de Janeiro - RJ  
Colaboradora Caixa desde 04 de dezembro de 2006



# **Constelação Feminina: mulheres que iluminam e transformam a GIGOV**

*Pollyanna Costa*

Elas eram muitas. Algumas recém-chegadas, outras já carregavam a estrada nos olhos, mas todas, sem exceção, traziam o poder de erguer umas às outras. Na GIGOV/ME, os dias eram tecidos por vozes femininas que se cruzavam, formando uma trama de força e acolhimento.

Pollyanna, “a justiceira”, garantia que ninguém ficasse para trás. Welsia, a “mãezona” do grupo, equilibrava maturidade e brincadeiras, pacificando qualquer tensão com irreverência. Betânia, de fala ponderada, trazia a espiritualidade para que todas refletissem sobre suas ações. Flavinha era a doçura em pessoa, e Larissa, a força, estratégia e garra para enfrentar qualquer batalha. Márcia, a gaúcha amada por todos, era sempre solícita e presente, enquanto Luciana, a “vó Lu”, ensinava,

com sua língua afiada, os macetes da maturidade.

Israella, tímida e calada, observava tudo com atenção, enquanto Renatha, também calada, mas sábia e perspicaz, mostrava que não se deixava enganar por ninguém. Ilsi chegava chutando a porta, mas logo acalmava a todos com seu capuccino e patê de queijo. Eliz era a zen do grupo, tão leve e fina que, se ofensiva, ninguém perceberia, mas, de fato, ela nunca seria capaz disso, pois irradiava luz e gratidão.

Thaís, mesmo sem falar muito, nunca abandonava ninguém; estava sempre a postos, pronta para ajudar. E Acácia? Ela era a energia e as cores personificadas, agitando tudo ao seu redor e, ao mesmo tempo, trazendo serenidade. Rose, na recepção, era o sorriso que acolhia cada chegada, e seus sábios conselhos aqueciam tanto quanto o café que sua xará servia. Bruna, estagiária, aprendia com o caminho trilhado por tantas outras antes dela, absorvendo cada ensinamento para, um dia, seguir seus próprios passos com firmeza. Rose, a copeira, fazia do café um ritual de aconchego, garantindo que até os dias mais difíceis tivessem um respiro de conforto.

Por fim, mas tão importante quanto, Cris, com sua organização e capricho, transformava cada canto do ambiente, provando que os detalhes fazem toda a diferença. Entre reuniões, projetos e desafios, havia sempre um incentivo, um gesto silencioso que dizia: "Siga em frente, você não está sozinha."

Porque a maior força de uma mulher é outra mulher. Seja quando nos reconhecemos ou quando estendemos

a mão sem medo de perder, mas com a certeza de multiplicar, criamos um espaço onde a rivalidade dá lugar à potência coletiva.

*“Crescer nunca foi um caminho solitário. E, pensando num jardim, nenhuma flor desabrocha sozinha”*

Crescer nunca foi um caminho solitário. E, pensando num jardim, nenhuma flor desabrocha sozinha. Elas se nutrem da luz das outras, da água que corre entre os galhos vizinhos, do vento que espalha sementes por campos ainda inexplorados. Assim eram aquelas mulheres:

sementes, raízes e frutos do futuro. Sabiam que a força de uma só pode ser sufocada, mas a força de muitas é inabalável.

O conhecimento compartilhado multiplica. A confiança cultivada fortalece. O exemplo vivido transforma. Cada uma, com sua história, abria espaço para que outras também escrevessem as próprias. Não por obrigação, mas porque sabiam que o verdadeiro crescimento só faz sentido quando é coletivo. E, mais do que isso, quando vem acompanhado da consciência de classe, do entendimento de que juntas podem ocupar espaços, transformar realidades e reescrever histórias.

Naquele universo de compromissos e metas, havia algo maior que números e demandas: havia uma rede invisível de mãos estendidas, prontas para levantar quem precisasse. Porque empoderar não é só ensinar — é abrir caminho e garantir que nenhuma mulher tenha medo de dar o próximo passo. É lembrar, todos os dias, que não somos rivais, somos aliadas. E que os que nos

querem divididas, conquistamos unidas.

E assim, entre um desafio e outro, seguiam juntas. Algumas guiando, outras aprendendo, todas crescendo — como estrelas que se iluminam mutuamente no céu, traçando constelações que ninguém mais poderia apagar.



**Pollyanna Lemos Viana Costa**

Natural de Maceió - AL  
Colaboradora Caixa desde 09 de  
maio de 2005





irmãos. Seu pai casou-se novamente e teve mais seis filhos, o que fez com que Geraldo precisasse trabalhar desde cedo para ajudar no sustento da família. Terezinha, por sua vez, era a segunda de seis irmãos e também ajudava no sustento da casa desde pequena, colhendo cocos para vender castanhas, além de auxiliar a mãe a tecer toalhas, fazer polvilho, entre outras tarefas. Ambos estudaram apenas até a 4<sup>a</sup> série do ensino fundamental e enfrentaram muitos desafios para frequentar a escola, especialmente pela falta de transporte. Terezinha ia a pé para uma escola rural, caminhando longas distâncias por matas e córregos, e, por vezes, encontrava até mesmo cobras pelo caminho. Geraldo percorria cerca de 12 km de bicicleta até a escola na cidade, enfrentando frio, geada, chuva e, por vezes, até fome, já que ele mesmo precisava acordar cedo, ir até o pasto, buscar a vaca e tirar o leite que lhe serviria de café da manhã.

Apesar das adversidades, sempre foram resilientes, cheios de fé e esperança. Naquela época, quem concluía a 4<sup>a</sup> série do ensino fundamental (nível primário) poderia atuar como professor, especialmente em áreas rurais ou com poucos recursos. Terezinha exerceu o ofício de professora durante dez anos, dos 15 aos 25 anos, em escolas rurais. E falando em fé, os caminhos de Terezinha e Geraldo se cruzaram na cidade vizinha de Romaria, onde está localizado o Santuário de Nossa Senhora da Abadia, durante a tradicional peregrinação de fé que ambos cumpriam anualmente. Foi ali que trocaram olhares que deram início ao namoro, que, com a aprovação de seus pais, logo evoluiu para noivado e

casamento. Juntos, compartilhavam o sonho de construir uma família e proporcionar aos filhos oportunidades melhores do que as que tiveram. Desde cedo, ensinaram aos filhos o valor do trabalho e sempre reforçaram a importância dos estudos, pois acreditavam que, por meio da educação, eles poderiam conquistar condições de vida melhores do que seus pais e antepassados.

A vida no campo era simples, mas cheia de ensinamentos valiosos. Até a 4<sup>a</sup> série do ensino fundamental, Rafael, Franciel e Raquel estudaram em uma escola rural, onde uma única professora ensinava do pré-escolar à 4<sup>a</sup> série em uma única sala, sendo cada fileira ocupada por alunos de uma determinada série — às vezes, apenas um ou dois por série. A partir da 5<sup>a</sup> série, só havia escola na cidade, e, nessa época, as crianças já contavam com transporte escolar público. Assim, concluíram o ensino fundamental e o médio na escola pública, na cidade de Iraí de Minas, utilizando o transporte oferecido pela prefeitura municipal.

Após o ensino médio, numa cidade pequena, as opções eram poucas, ou trabalhar com os pais no campo, buscar emprego na cidade, ou continuar os estudos. Geraldo e Terezinha não tinham condições de pagar uma faculdade particular, ainda mais porque só havia em outras cidades e envolveria mais custos ainda, mas sempre incentivaram os filhos a persistirem nos estudos, a “se formarem”. A alternativa era conquistar uma vaga em universidade pública, e assim, um a um, com bastante dedicação, os três filhos foram aprovados na Universidade Federal de Uberlândia. Hoje, todos têm ensi-

no superior completo, são “concursados” e enchem os pais de orgulho.

A caçula, Raquel, aquela menina que trouxe muita alegria para a família quando nasceu, sou eu, quem narra esta história. Trabalho na CAIXA há 14 anos. Meus pais se orgulham muito e não perdem a oportunidade de contar a todos com quem convivem e conhecem: “minha caçula trabalha na CAIXA”. Sempre reforçando o poder transformador da educação, a importância de não desistir de seus sonhos diante das dificuldades e de ser perseverante.

Há cinco anos atuo no segmento governo, especificamente na Superintendência Executiva de Governo. Atualmente, temos 75 municípios vinculados à nossa SEG. É extremamente gratificante trabalhar nesse segmento, sabendo que, de alguma forma, contribuo para ações, contratos e convênios que fazem a diferença na vida de milhares de pessoas.

É enriquecedor conhecer um pouco da realidade e das necessidades de cada município e trabalhar em conjunto para oferecer soluções que beneficiam muitas pessoas, transformando a realidade de diversas famílias — assim como um dia a minha e de minha família foram transformadas. Sempre que vejo um contrato cujo objetivo é a aquisição de veículos para transporte escolar, lembro imediatamente das dificuldades enfrentadas pelos meus pais e percebo o quanto minha experiência

*“Meus pais se orgulham muito e não perdem a oportunidade de contar a todos com quem convivem e conhecem: “minha caçula trabalha na CAIXA”*

já foi diferente, pois, na minha época, já havia transporte escolar disponível.

Nosso trabalho, direta ou indiretamente, faz a diferença na vida das pessoas: transforma vidas, realiza sonhos. Eu sou prova viva disso. Quantas pessoas, direta ou indiretamente, contribuíram com o ente público — no caso, a Prefeitura do município onde vivi — naquele contrato ou convênio que possibilitou a aquisição do transporte escolar e, consequentemente, uma mudança de perspectiva e sonhos para tantas crianças da zona rural.

Que nunca nos esqueçamos do poder transformador do nosso trabalho no segmento governo: ele melhora a qualidade de vida das pessoas, resgata a dignidade de muitos e promove o desenvolvimento sustentável.





**Raquel Pires Espíndula de Oliveira**

Natural de Iraí de Minas - MG  
Colaboradora Caixa desde 14 de  
março de 2011



# Memórias de Pequenas Alegrias

*Rita de Cássia Sasso*

A minha origem é de uma pequena comunidade rural no interior da Serra Catarinense. Vinda de uma família de nove irmãos, as adversidades começaram bem cedo. Devido a problemas ósseos, desde os oito anos foi preciso iniciar a primeira de muitas cirurgias corretivas nos joelhos, quadris e ombros — intervenções que, por vezes, me afastaram das atividades escolares. Por isso, tive algumas dificuldades para estudar de forma contínua. Também devido à distância das escolas de ensino fundamental, médio e graduação, foi necessário sair da casa dos pais muito cedo, aos 12 anos.

Para uma pessoa com deficiência (PCD), naquela região onde eu vivia, muitos não viam muito futuro na mi-

nha vida. Alguns até sugeriram que minha família buscasse o INSS para pleitear um auxílio-doença, uma aposentadoria por invalidez. Mas, para mim, esta palavra não combinava comigo. Eu jamais me vi como uma pessoa inválida. Mesmo que as dificuldades fossem realidade, eu sabia que poderia ter outro destino, e os estudos seriam uma boa porta de saída.

Ter uma família grande proporcionou esse deslocamento para locais onde eu poderia estudar. Morei na casa de vários familiares e amigos, fui babá, faxineira, artesã — mas sempre com foco em estudar para, no futuro, poder ter uma vida mais promissora.

O ensino fundamental e médio foi realizado em escola pública. Já a graduação foi em universidade particular, e somente foi possível com o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), iniciando aí o meu relacionamento com a Caixa e propiciando a realização do primeiro sonho: a graduação.

A vida acadêmica teve muitas dificuldades, mas, ainda assim, foi mais fácil do que a vida laboral. Havia muitos obstáculos para o trabalho naquela época, sobretudo para uma pessoa com deficiência. Diante disso, resolvi virar concursa.

Foram mais de dez concursos, e o primeiro trabalho ajudou na realização do segundo sonho, também por intermédio da Caixa: a compra do primeiro apartamento, pelo Programa de Arrendamento Residencial (PAR). Se me perguntarem se há algum objeto que traz boas lembranças, eu poderia citar o chaveiro da “casinha azul” da Caixa, que me foi entregue após a assinatura

do contrato de arrendamento. Ao lembrar disso, logo aparece um sorriso no meu rosto.

Naquela época, como diria Renato Russo, “já vivi em tanta casa que eu nem me lembro mais”, mas finalmente eu tinha as chaves da minha casa. Que alegria!

O relacionamento com a Caixa como cliente ia muito bem, mas poderia melhorar ainda mais. Foi então que fiz o concurso de 2008. Eu já trabalhava concursada na área da educação, mesmo assim resolvi tentar a carreira bancária — e passei. Demorou para chegar o telegrama de convocação, mas ele chegou. Recebi um telegrama... sabem o que é isso? Alegria!

Em setembro de 2009, iniciei minhas atividades na Caixa. Trabalhei em uma agência pequena, entregava chefeiros de “casinhas azuis” para muitas famílias com sorrisos no rosto, e me sentia feliz com a realização dos nossos clientes, pois já estive naquele lugar.

Aos 33 anos, eu via um horizonte muito mais promissor do que imaginaram para mim, e minha trajetória na Caixa proporcionou a realização de muitos sonhos: estabilidade financeira, a primeira viagem de avião, a minha formação e a realização de boas entregas para a sociedade.

A oportunidade de trabalhar na Vice-Presidência de Governo (VIGOV) veio em 2013. Fiz um processo seletivo e fui trabalhar na Gerência Executiva de Governo de Santa Maria, RS (GIGOVSM). Mais de seiscentos quilômetros de distância de casa, mas eu precisava aceitar o desafio — e que desafio!

Nesse mesmo ano, comecei a dirigir e comprei meu primeiro carro. O que inicialmente seria apenas para deslocamentos próximos de casa e trabalho, repentinamente se abriu como um caminho bem maior. Dirigir sozinha... e a primeira viagem não posso dizer que foi tranquila. Cheguei ao destino com os braços duros, tensos, o corpo todo doendo — mas foi a primeira de muitas, e as próximas foram, sim, tranquilas. Cada viagem, uma aventura.

O plano era ficar dois anos, no máximo, lá no Coração do Rio Grande, como é conhecida aquela cidade no centro do Rio Grande do Sul. Mas a transferência não saía. Confesso que foi um sofrimento durante muito tempo. A vontade de voltar para mais próximo da família era uma questão cotidiana, e simplesmente não aparecia a oportunidade. As portas se fechavam.

O tempo passava e a realidade não mudava. Foi então que eu resolvi soltar. Resolvi olhar para as coisas boas que eu estava vivendo. Comecei a ver detalhes na cidade que, até então, eu não conseguia ver, pois o meu pensamento estava em outro lugar.

Descobri um café incrível do outro lado da rua, que estava ali, mas eu não via. Encontrei um curso de mestrado na universidade federal daquela cidade e me inscrevi. Passei. Fiz mestrado em 2019, em Gestão das Organizações Públicas.

Em 2020, finalmente, a oportunidade de “voltar pra casa” apareceu. Alegria!

Desde 2020, estou morando em Florianópolis, duzentos

e cinquenta quilômetros da minha família — praticamente do lado. Trabalho na Gerência Executiva de Governo de Florianópolis (GIGOVFL), com pessoas maravilhosas que me valorizam, me respeitam e me acolhem.

*“Escolhi um futuro diferente do que outros desenhavam para mim na infância. Eu busco novos horizontes todos os dias. Sou realizadora de sonhos — e tenho muitos para realizar”*

Da minha janela, se pode ver o mar — um cenário muito similar aos desenhos que eu fazia na infância. Eu morava na serra, nunca tinha visto o mar. Mesmo assim, eu desenhei várias vezes lugares parecidos com as paisagens que vejo hoje aqui na minha ilha. Existia uma conexão com esse lugar.

Recentemente, em pesquisa da minha árvore genealógica, descobri que meus ancestrais maternos viveram aqui há mais de duzentos anos. Estavam entre os primeiros colonizadores. Vieram da Ilha dos Açores e de outras partes de Portugal. Já a linhagem paterna veio da Itália há pouco mais de cem anos.

Percebo que essa vontade de me lançar no mundo, descobrir outras paisagens, outras culturas, vem dessa memória celular, dos meus ancestrais. Importante citar que tenho sangue indígena, que também eram nômades. Então, não dá para ficar parada, encostada, fazendo figuração na vida. Eu quero o protagonismo.

Escolhi um futuro diferente do que outros desenhavam para mim na infância. Eu busco novos horizontes todos os dias. Sou realizadora de sonhos — e tenho muitos para realizar.

Encontrei o meu lugar no mundo, e tenho o mundo inteiro para conhecer e explorar, sem nunca esquecer de valorizar as pequenas alegrias do cotidiano.



**Rita de Cássia Sasso**

Natural de Lages - SC  
Colaboradora Caixa desde 08 de  
setembro de 2009



# Transferida pelo trabalho, transformada pelo amor

*Rosana Leonardo*

Quando aceitei o desafio de deixar Belo Horizonte rumo a Araruama, em 2012, imaginava que seriam apenas dois anos longe de casa. A proposta era clara: uma nova etapa profissional como representante da CAIXA, com data para começar e terminar. Mas a vida, com sua delicada arte de surpreender, tinha outros planos.

Araruama, com seu clima leve, suas praias e o ritmo tranquilo de cidade litorânea, foi um convite irresistível para uma mineira acostumada às montanhas e ao interior. A mudança, que parecia apenas uma transição profissional, logo se revelou uma transformação pessoal profunda. Mal sabia eu que aquela transferência temporária se tornaria o ponto de partida para a construção da minha história mais bonita — a da minha fa-

mília.

Chegar a Araruama foi como respirar um novo ar. A cidade, com seu ritmo sereno e paisagens encantadoras, me acolheu de braços abertos. No início, tudo era novidade: o sotaque, os costumes, o clima litorâneo. Mas, aos poucos, fui me adaptando, e a CAIXA foi meu porto seguro nesse processo. O trabalho como representante me desafiava diariamente, e cada conquista profissional me dava a certeza de que eu estava no caminho certo.

Foi em 2014, dois anos após minha chegada, que conheci Flávio — morador de Araruama, de sorriso fácil e alma simples. Para minha grata surpresa, ele adorava música sertaneja e a vida da roça, assim como eu, uma mineira de coração e raízes. Nossas conversas fluíam com naturalidade, como se já nos conhecêssemos há muito tempo. A afinidade foi tanta que, em apenas três meses de namoro, decidimos nos casar. E assim, com coragem e amor, demos início à nossa vida juntos. Onze anos se passaram desde então. Construímos uma família linda com nossos dois filhos: Luzia, de 9 anos, e Joaquim, de 6. Cada passo dessa jornada foi possível porque a CAIXA me trouxe até aqui. Foi por meio do trabalho que encontrei o amor, formei minha família e criei raízes em um lugar que, antes, era apenas um ponto no mapa.

Minha missão em Araruama começou com o desafio de representar a CAIXA junto aos municípios da região. Mais do que atender contratos e projetos, meu papel era estar ao lado das prefeituras, entender suas reali-

dades, sentir suas dores e apoiar de forma estratégica para que as coisas realmente acontecessem. Sempre tive muito orgulho de ser esse elo — a facilitadora, a assistência técnica da CAIXA nos municípios — porque vejo, todos os dias, o quanto meu trabalho transforma vidas.

Em 2012, assumi Araruama, um município com cerca de 130 mil habitantes. Aos poucos, fui conquistando espaço, assumindo novas cidades, ampliando minha atuação. E hoje, com imenso orgulho, recebi também o desafio de atuar com o município de São Gonçalo, no Rio de Janeiro — uma cidade com mais de um milhão de habitantes, uma carteira de quase um bilhão de reais e inúmeros desafios sociais, especialmente em territórios periféricos.

*“Hoje, ao olhar para minha trajetória, vejo que a transferência para Araruama foi muito mais do que uma mudança de cidade — foi o início de uma nova vida”*

Trabalho feliz e com orgulho todos os dias. Busco me capacitar continuamente e encontrar sentido em cada projeto, porque sei que, por trás de cada papel, de cada contrato, há uma realidade que será transformada. São escolas, creches, unidades de saúde, moradias, espaços de dignidade para crianças, idosos, estudantes e tantas outras pessoas que dependem de políticas públicas bem executadas. E é isso que me move: transformar projetos em realidade.

Hoje, ao olhar para minha trajetória, vejo que a transferência para Araruama foi muito mais do que uma mudança de cidade — foi o início de uma nova vida. A CAI-

XA me deu a oportunidade de crescer profissionalmente, de me desafiar, de fazer a diferença na vida das pessoas. Mas, acima de tudo, foi por meio dela que encontrei o amor, construí minha família e descobri um propósito ainda maior no meu trabalho.

Sou grata por cada desafio, cada projeto, cada município que cruzou meu caminho. Porque, no fim das contas, não são apenas contratos e números — são histórias, sonhos e vidas que ajudamos a transformar. E é com esse sentimento que sigo, todos os dias, com o coração cheio de orgulho por fazer parte dessa missão.



**Rosana Freire Faria Leonardo**

Natural de Santana do Jacaré - MG  
Colaboradora Caixa desde 08 de  
maio de 2006



# Sonho de Menina

*Simone Santos*

Esses dias, me veio à lembrança de quando eu era criança. Passando com meu pai em frente a uma agência bancária, vi algumas moças bem arrumadas e maquiadas. Achei-as tão lindas que meus olhos brilharam e pensei: "Um dia, quero trabalhar em um banco."

O tempo passou e, com ele, vieram desejos diferentes: ser estilista, psicóloga, fazer Educação Física. Mas a vida e as circunstâncias me levaram para a Administração, após conseguir uma bolsa de 50% no Prouni.

Já na faculdade, surgiu a vontade de fazer estágio na CAIXA. Por coincidência do destino, uma colega de turma, ao me ouvir falar sobre isso, disse que era funcionária da CAIXA e pediu meu currículo para levar para sua área, que estava precisando de estagiária. E sim, fui contratada como estagiária na antiga CERAT, nos meus

dois últimos anos de faculdade.

Fiquei muito feliz em estagiar e comecei a sonhar em me tornar funcionária dessa instituição. Algum tempo depois, abriu o concurso e, mesmo sem muito tempo para estudar, me inscrevi (na época, fazia dois estágios e estudava à noite). Nas poucas horas vagas, dava uma lida rápida na apostila.

No dia da prova, pleno domingo, tinha que pegar dois ônibus para chegar ao local. Pensei em não ir, mas algo dentro de mim dizia para não desistir, então fui. Minha classificação foi 451. Pensei que não seria chamada e continuei minha vida sem acompanhar as convocações.

No meu último dia de estágio na CAIXA, minha irmã me ligou informando que havia chegado um telegrama de convocação da CAIXA. Meu coração disparou; não sabia se chorava ou sorria. Foi um misto de emoções. Após todos os procedimentos de contratação, enfim me tornei funcionária dessa empresa que já tinha o meu coração.

Até então, um sonho impossível para uma menina que veio de uma família simples, que recebia o Bolsa Família na infância, mas nunca deixou de sonhar e correr atrás para realizar seus sonhos.

Depois da experiência em agência e centralizadora,

*“Até então, um sonho impossível para uma menina que veio de uma família simples, que recebia o Bolsa Família na infância, mas nunca deixou de sonhar e correr atrás para realizar seus sonhos”*

consegui realizar mais um sonho: ir para a matriz — e justamente para a área de programas sociais.

Trabalhar na área de programas sociais é uma oportunidade incrível para contribuir positivamente na vida das pessoas e na sociedade como um todo.

É muito gratificante fazer parte dessa equipe hoje e saber que, com meu trabalho, estou ajudando várias meninas que, assim como eu, buscam realizar os seus sonhos.





**Simone Pereira dos Santos**

Natural de Brasília - DF  
Colaboradora Caixa desde 08 de  
Agosto de 2011





Os ruídos e responsabilidades não conseguiam impedir os olhares de afeição. Hoje, uma doce lembrança me fez reviver um momento ocorrido há mais de vinte anos.

Naquela manhã fria de 2004, o expediente bancário se desenrolava como de costume na agência Jardim Satélite da CEF, na cidade de São José dos Campos, interior de São Paulo: indivíduos entravam e saíam do ambiente, gerando um fluxo constante; pessoas conversavam enquanto aguardavam o atendimento; outras pessoas apenas observavam o movimento; tinha gente calma, gente estressada, gente que falava demais e gente que entrava e saía da agência sem trocar uma palavra sequer.

Era o início da minha carreira como técnica bancária na CEF. Eu sentia uma certa ansiedade por saber quem seria o próximo cliente que eu atenderia no guichê de FGTS: eu conseguia sanar a necessidade da pessoa?

Quando chamei “um dos próximos” clientes, uma linda senhora caminhou até o meu guichê. Idosa e soridente, ela tinha os olhos brilhantes e cheios de emoção. Com uma voz serena, me surpreendeu com suas primeiras palavras: — Eu sou a Rose do filme Titanic...

Ao lado do meu guichê, um jovem que estava sendo atendido por outro empregado ouvira as palavras da minha cliente; o garoto me olhou arfando e balançou a cabeça — causando a impressão de que achava que a minha cliente estaria me dizendo uma tolice —, então me disse baixinho, com tom de deboche: — Ahaha, e eu sou o Jack Dawson!

Abro um parêntese para ressaltar que há muita razão em quem julgamos ter falta de sanidade.

Pedi àquela senhora seus documentos de identificação. Seu nome era Sônia. Ao abrir a carteira de trabalho da cliente, visando preencher um dossiê de saque de FGTS por aposentadoria, tive uma surpresa: na última contratação, constava a empresa Herbert Richers S.A.

A Sra. Sônia tinha trabalhado em um dos principais estúdios de dublagem da América Latina; tinha dublado em português a voz da personagem Rose do filme Titanic na fase idosa.

Dona Sônia estava em plena consciência quando afirmou ser a Rose do Titanic...

Fui surpreendida com algumas breves histórias que a Sra. Sônia viveu. Seus olhos brilhavam e transmitiam uma essência única e bela.

O que mais me marcou no meu encontro com a Sra. Sônia foi a percepção de que, quando olhamos superficialmente para alguém, não conseguimos enxergar a grandeza de uma vida recheada de histórias.

Os tesouros mais valiosos estão muito além do que vemos quando olhamos fisicamente para alguém.

Hoje, ao escrever o presente texto, a lembrança da Sra. Sônia veio à minha mente e me despertou curiosidade; pesquisei na internet sobre o atual paradeiro da minha cliente querida.

Verifiquei que a Sra. Sônia faleceu no ano de 2010, nos trágicamente.

Por outro lado, conheci um pouco mais sobre a trajetória extensa e linda que teve a Sra. Sônia, numa marcante carreira.

Sobre o desígnio da Sra. Sônia, digo o seguinte: as manhãs de inverno não duraram para sempre. Os dossiês, processos e papéis foram esquecidos.

Aquele guichê de atendimento de FGTS, nem sei se ainda existe...

Hoje, fechei meus olhos e pude navegar pelo ano de 2004. A voz da Sra. Sônia me disse novamente, com muita vida: — Eu sou a Rose do filme Titanic...

Reprisando um trecho do citado filme, pude hoje reconhecer a voz marcante e doce da Sra. Sônia na seguinte frase: "... o coração de uma mulher é um oceano profundo, cheio de segredos...".

Após pouco mais de vinte anos de jornada ativa na Caixa Econômica Federal, atuei em vários setores de agências e, atualmente, trabalho na área de Governo.

As tecnologias são outras, os processos mudaram... Tudo mudou...

Mas, no meu oceano, continuo navegando por histórias que envolvem olhares amorosos, sorrisos, elogios, mãos calejadas, lágrimas, dores e lutas.

*“Reprisando um trecho do citado filme, pude hoje reconhecer a voz marcante e doce da Sra. Sônia na seguinte frase: “... o coração de uma mulher é um oceano profundo, cheio de segredos”*

*Elas Autoras*

A vida continua — e para além das aparências.

As essências habitam onde os nossos olhos físicos não podem alcançar: num lugar profundo, chamado coração.

A Caixa faz parte do meu oceano profundo; nesse coração, a Sra. Sônia segue viva, juntamente com todas as pessoas que tocaram a minha alma e que por mim foram tocadas.





**Soraya Raquel Segolin Lopes**

Natural de São José dos Campos - SP  
Colaboradora Caixa desde 14 de  
junho de 2004



# Nós somos a CAIXA

*Thamy Ramos*

Oie!

Sou a CAIXA! Tenho certeza de que você já tinha me visto por aí: nas ruas, nas obras, nas escolas e até na televisão, né? Não sei se você se interessou por mim apenas pelo meu famoso slogan ou se estava procurando uma oportunidade de emprego, mas sei que está comigo há quase 20 anos... Ah! Foi sua mãe que te incentivou a me conhecer? As mães sabem tudo mesmo! Com certeza, ela já sabia que você seria feliz e se sentiria realizada em todos os sentidos.

Podemos nos considerar parceiras, então? Talvez mais que isso? Eu, carinhosamente, me sinto parte da sua família! Você apareceu por aqui quando já tinha 27 anos, mas acompanhei muitos períodos importantes da sua vida. Na época, a gente ajudava as pessoas da uni-

dade, apoiava nas férias, na saúde e na doença, na alegria e na tristeza. Acho que isso te incentivou a criar sua própria família. Vi sua barriga crescer e dar a vida por 2 vezes.

Nesses momentos, tentei te ajudar como pude. Segurei as pontas enquanto você cuidava dos seus pequenos e até consegui mais um tempinho para poder amamentá-los. Eu senti sua falta, mas entendo que seus filhos eram — e são — prioridade.

A gente amadureceu depois de tantas emoções e fomos trabalhar com os estudantes, auxiliando-os a se formarem e pagarem certinho as instituições.

Na inadimplência, apesar de ser triste ter que retomar um carro, uma casa e até um empreendimento, você me ajudou a fazer o que era o certo. E sei que você concorda comigo: nós só temos os direitos devidos se cumprirmos com os nossos deveres.

E aquele ano terrível, em que tivemos que ficar em casa? Muitos dos nossos colegas arriscaram a vida e ficaram na linha de frente. Do seu monitor, eu vi o caos que a casa ficou, com aulas on-line, misturando trabalho, casa, escola... tudo ao mesmo tempo. Mas saímos dessa sãs e salvas. E, apesar disso, a gente se modernizou. Pensar que nem fone de ouvido a gente tinha... agora temos até ultrabook com câmera!

Acredita que agora até inglês — ou melhor, várias línguas — eu falo? Ah, você já sabe também, esqueci que estamos juntas lá no Busuu. Aproveitando, vou te parabenizar pelos check-ins. Demorou, mas você está arra-

sando no Wellhub! Como a influência de uma live e de uma semana dedicada às mulheres pode render tantos benefícios... a gente está se cuidando de verdade!

E, atualmente, quem diria? Você está na área que eu mais gosto! Ajudando a transformar sonhos em obras, projetos em resultados e desafios em conquistas. Seja na pavimentação de uma rua, na produção de moradias dignas e até na construção de creches, nós estamos lá, modernizando a gestão pública.

*“Transformo a vida das pessoas, ou melhor, transformo a nossa vida!”*

nessa caminhada! E que todos são tão especiais e tão importantes para o nosso crescimento!!

Ainda temos muitas coisas para fazermos juntas! Nessa era digital, vamos nos conectar nas “teias” da inovação e não vamos perder tempo.

Para finalizar a nossa conversa, você se lembra quando seu filho te perguntou:

"Mamãe, o que você faz na CAIXA?"

Tenho certeza de que passou um filme na sua cabeça e que poderia ficar horas explicando pra ele, mas a gente sabe muito bem como responder essa pergunta:

"Transformo a vida das pessoas, ou melhor, transformo a nossa vida!"

Obrigada por tanto! E vamos continuar fazendo a diferença para o nosso país!





**Thamy Kannah Daijó Ramos**

Natural de Bauru - SP  
Colaboradora Caixa desde 06 de  
junho de 2005



# Pósfácio

**Por Lidianne Monteiro - GIGOV Fortaleza**

Se você se permitiu viajar em cada palavra deste livro, preciso dizer que a viagem está longe de um destino final, apesar do posfácio aqui escrito parecer sinalizar o contrário. Nesta viagem ao lado de cada mulher escritora, espiando pela janela dos olhos delas, enxergamos para além do nosso universo individual. Cada palavra nos preenche com uma inquietação que não se extingue com o término da leitura, continua reverberando e nos fazendo refletir a partir das vivências delas. Na leitura, ora somos passageiras observadoras da paisagem, deparando-nos com realidades tão diferentes da nossa; ora nos sentimos dentro da história, parecendo que ela era nossa também, tamanha é a identificação que nos desperta. Em cada linha, o desejo de contar o que se viveu, tão particular e tão universal, sussurra com delicadeza para cada um de nós, como se quisesse dizer sutilmente: “Psim, me olha aqui um pouquinho. Por trás dessa mulher de crachá e com ‘sobrenome Caixa’ tem um mundo inteiro de vivências que ajudaram a trazer a Caixa até aqui”. E a Caixa é delas, é nossa, “é de todos os brasileiros”, como diz o slogan que minhas filhas conhecem de cor e jogam nas conversas entre amigos encantados com a novidade das fintechs. A Caixa é da menina sonhadora e beneficiária de programas sociais que vira empregada, da universitária com FIES que pas-

sa no concurso, da arquiteta que não se conforma com as casas que não seriam construídas, da empregada que se vê em lugares inóspitos e perigosos para constatar a execução de uma obra de saneamento que vai transformar a paisagem, da trabalhadora que se ergueu da vulnerabilidade social e construiu sua família sob o alicerce forte de ser empregada, da gestora que entende de que não precisa de armadura para sobreviver no mundo corporativo, da empregada que é rede de apoio para as colegas ou é voluntária pelo Brasil em ações corporativas de enfrentamento a catástrofes... Os propósitos delas e da Caixa se confundem ou, melhor dizendo, se alinham. E as ações delas nos enchem de orgulho!

Este livro escrito por mulheres é uma jóia lapidada coletivamente. Seu valor é imensurável porque é um ecoar de vozes femininas que se querem fazer ouvidas. E serão. Dão o tom do nosso tempo, ao mesmo tempo que ilustram com vivacidade extratos recentes da história do Brasil e que ficarão como registro do que vivemos hoje. Não são histórias “de mulher” ou “para mulher”,

são histórias de vidas que perseveram, que conquistam, que são solidárias, sensíveis e que sabem da sua potência e do quanto contribuem para o país em que todos nós almejamos viver.

As falas delas ressoam em uníssono, sem desafinar, porque cada uma lança seus tons, a seu modo, para essa melodia emocionar cada leitor que chegou até aqui.

## Mais uma Palavra

**Por Elaine Resende - GIGOV Niterói**

No dia em que Lidiane Centurion me ligou para falar do projeto Elas, Autoras, eu explodi de alegria. O convite também incluía a escritora Lidianne Monteiro, minha amiga e parceira de blog. Nossa função? Ainda não sabíamos ao certo, mas o entusiasmo para colaborar era imenso.

Romina, Polly e Lidiane nos acolheram com generosidade na família da Escola de Governo. Logo na primeira reunião, descobri que Anna Cascarro, idealizadora do projeto, havia visitado a Primeira Bienal de Literatura Caixa e levado meu livro, depois de me contar a história da criança que o receberia. Uma conexão assim a gente reconhece de longe, vem alinhada por forças da natureza que não se explicam, apenas se sentem.

Foram muitas horas de conversa até definirmos o modelo do edital que inauguraria um novo tempo de escrita na VIGOV. Em todos esses anos de empresa, jamais imaginei ver nascer um livro reunindo as histórias das

mulheres da nossa Vice-Presidência de Governo. Mais do que um marco, esta obra é um gesto de valorização, reconhecimento e afeto, um registro da força que nos move.

A partir da escrita de 40 textos, revisitamos caminhos de colegas que chegaram há muito: desde os tempos da máquina de escrever, como recorda Maria Luiza, e dos processos em papel, como lembra Carmem; ou ainda Darlene, que iniciou sua trajetória como estagiária em 1987. Muitas encontraram, no ambiente de trabalho ou por causa dele, um companheiro de vida, como narram Rosana e Genaina. Outras relembram as perdas vividas enquanto compartilhavam a jornada com colegas, como Jéssica, Soraya e Érika.

Essas mulheres tecem, juntas, um laço indissociável com cada um de nós que as lemos. É impossível não reconhecer, em suas palavras, algo da nossa própria caminhada. São histórias que me tocaram profundamente e que, tenho certeza, tocaram você também.

Caixa, mulher, vida, trabalho, família, sonho, desafio, história, profissional, orgulho, VIGOV. Essas foram as palavras que mais se repetiram nas leituras. Falam de conquistas e obstáculos, da conciliação entre o lar e o trabalho, da criação dos filhos, do esforço diário de equilibrar o eu e o nós, a vida pessoal e a profissional, o sonho individual e o coletivo.

Transformar.

A VIGOV transforma vidas. Os desafios são muitos, mas compreender que a superação deles é o que gera quali-

dade de vida para o outro é profundamente gratificante. Por isso, nós, aqui na VIGOV, nunca deixamos de sonhar. Esse é o sentido maior deste livro: o sonho que nos move e nos reúne. O orgulho de fazer parte de uma história escrita a muitas mãos.

Gratidão por abraçar este livro e por continuar conosco nessa caminhada de transformação.